

Bibliografia citada

- Ahlrichs, J. W. (1985). Examination of specimens from the Três Mines gold prospect, Portugal. *Memorandum interno da SPE* (Sociedade Portuguesa de Empreendimentos). Lisboa: LNEG.
- Alarcão, J. de, Delgado, M., Mayet, F., Alarcão, A. M. & Ponte, S. da (1976). Céramiques diverses et verres. *Fouilles de Conimbriga*, 6. Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, J. de, (1983). *Portugal romano* (3ª ed.). Lisboa: Editorial Verbo (Historia Mundi).
- Alarcão, J. de (1988). Vol. 1: Introduction e Vol. 2 (fasc. 1): Porto, Bragança, Viseu. *Roman Portugal*. Warminster: Aris & Phillips.
- Alarcão, J. de (1988a). *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Alarcão, J. de, Delgado, M., Mayet, F., Alarcão, A. M. & Ponte, S. da (1976). *Fouilles de Conimbriga*, Vol. VI: Céramiques diverses et verres. Paris: ed. Diffusion E. de Boccard.
- Alarcão, A. M. (1997). *Portugal romano, A exploração dos recursos naturais. Catálogo*, pp. 98-123. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Alarcão, A. M. & Ponte, S. da (1984). *Colecções do Museu Monográfico de Conimbriga*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.
- Alarcão, A. M. & Wahl, J. (1997). Aspectos da mineração romana no território português. In A. M. Alarcão (coord.), *Portugal Romano: a exploração dos recursos naturais*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- Alfaro Giner, C. (2011). Fragmentos de un tejido romano hallado en la mina de Arditurri, Oiartzun (Irun). *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Sudoeste Europeo (Léon – 2008)*, pp. 557-562. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.
- Alfenim, R. A. E. (1992). A barragem de Aquae *Flaviae*. *Conimbriga*, nº 31, pp. 85-98. Coimbra: Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia, Universidade de Coimbra.
- Allan, J. C., A.R.S.M., D.I.C. & M.I.M.M. (1965). A mineração em Portugal na antiguidade. *Separata do Boletim de Minas*, 2:3. Lisboa: LNEG.
- Almeida, C. A. F. de (1973). Aspectos da mineração romana de ouro em Jales e Trêsminas (Trás-os-Montes). *12º Congreso Nacional de Arqueología*, Jaén, 1971, pp. 553-562. Zaragoza: Secretaria General de los Congresos Arqueológicos Nacionales.
- Almeida, D. M. S. C. de (2005). *Trabalhos arqueológicos na pedreira “Alto das Bouças*, Relatório Aprovado. Lisboa: DGPC.
- Almeida, F. de (1970). *Minas de ouro na “Gallaecia” portuguesa, Legio VII Gemina*.

Leon: Diputacion Provincial.

Argote, J. C. de (1732). *Memórias para a história ecclesiastica do arcebispado de Braga, primaz das hespanhas*. Lisboa: Régia Officina Sylviana, 4 vols.

Baptista, L., Fonseca, V., Rodrigues, L. & Teixeira, R. (2006). Resultados preliminares da intervenção arqueológica na Quinta da Ivanta, Valongo. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 185-198. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Barradas, L., (1956). Vias romanas das regiões de Chaves e Bragança. *Revista de Guimarães*, vol. 66 (1-2), pp. 159-239. Guimarães.

Barroca, M. J. & Morais, A. J. C. (1984). *Aguiar da Pena/Pena de Aguiar, Arqueologia*. Relatório Aprovado. Lisboa: DGPC.

Barroca, M. J. & Morais, A. J. C. (1986). A terra e o castelo - uma experiência arqueológica em Aguiar de Pena, *Portugália*, Nova Série: 6-7. Porto.

Batata, C. (2006). Explorações mineiras antigas entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 67-77. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Batata, C. (2006a). Idade do Ferro e romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza. *Trabalhos de Arqueologia*, nº 46. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, Ministério da Cultura. ISBN 972-8662-29-7. ISSN 0871-2581.

Batata, C. (2007). *Relatório de progresso do projecto arqueológico - Caracterização arqueológica da exploração romana de Trêsminas, 1ª campanha (Agosto/Setembro de 2007)*. Relatório aprovado, não impresso. Lisboa: DGPC.

Batata, C. (2009). *Relatório de progresso do projecto arqueológico - Caracterização arqueológica da exploração romana de Trêsminas, 2ª campanha (Agosto/Setembro de 2008)*. Relatório aprovado, não impresso. Lisboa: DGPC.

Batata, C. (2009a). Resultados das escavações arqueológicas de 2007 e 2008 realizadas no complexo mineiro romano de Trêsminas e Jales. *Congresso Transfronteiriço de Arqueologia: um Património sem fronteiras*. Montalegre, Outubro 2008. *Aqvae Flaviae*, nº 41, pp. 417-431. Chaves.

Batata, C. (2010). *Relatório de progresso do projecto arqueológico - Caracterização arqueológica da exploração romana de Trêsminas, 3ª campanha (Agosto/Setembro de 2009)*. Relatório aprovado, não impresso. Lisboa: DGPC.

Batata, C. (2010a). *Relatório final do projecto arqueológico - Caracterização arqueológica da exploração romana de Trêsminas e 4ª campanha de escavações*. Relatório aprovado, não impresso. Lisboa: DGPC.

Batata, C. (2010b). A exploração mineira romana do Conhal do Arneiro (Nisa, Alto Alentejo, Portugal). *I Jornadas de Geología, Minería e Patrimonio de Extremadura*. Santa

Marta de los Barros, 26, 27 e 28 de Março de 2010 (não impresso).

Batata, C. (2011). Mineração antiga em Portugal : uma visão genérica, da Idade do Bronze à Época Romana. *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 25-56. In C. Batata (edição e coordenação). Abrantes. ISBN 978-989-20-2440-0.

Batata, C. (2011a). Novos dados sobre o complexo mineiro de Trêsminas e Jales. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008), Libro en homenaje a Claude Domergue*. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Batata, C. (2011b). A Barragem da Represa (Gavião) e a exploração do ouro Aluvionar. *Revista Zahara*, nº 17, Julho, pp. 49-55. Abrantes: Associação Palha de Abrantes (CEHLA).

Batata, C. (2012a). *Relatório final da escavação de emergência realizada no Sítio do Cobre, Vila Velha do Ródão*. Relatório aprovado. Lisboa: DGPC.

Batata, C. & Gaspar, F. (2000). *Levantamento arqueológico do concelho de Vila de Rei*. Abrantes: Fundação para o Estudo e Preservação do Património Histórico e Arqueológico.

Batata, C., Borges, N., Correia, H. & Sousa, A. de (2008). *Carta arqueológica do concelho de Vila Pouca de Aguiar*. Edição Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar / OZECARUS, Serviços Arqueológicos, Lda. Abrantes.

Blas Cortina, M. A. de (1989). La minería prehistorica del cobre en las montañas Astur-Leonesas. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado (1985)*, vol. I, pp. 143-153. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Blázquez, J. M. (2001). Las guerras en hispania y su importância para la carrera militar de Aníbal, de Escipión el Africano, de Mario, de Cn. Pompeyo, de Sertorio, de Afranio, de Terencio Varrón, de Julio César y de Augusto. *Aquila Legionis, Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano*, 1. Madrid: Signifer Libros.

Botelho, H. (1897). Duas necrópoles no concelho de Vila Pouca de Aguiar. *O Arqueólogo Português*, 1ª série: 3. Lisboa.

Botelho, H. (1904). 1 – Antas no concelho de Vila Pouca de Aguiar, pp. 23-31; 2 – Diversas noticias archeologicas de Villa Pouca de Aguiar, pp. 49-59 e 167-170. *O Arqueólogo Português*, 1ª série: 9. Lisboa.

Botelho, H. (1907). Numismatica e arqueologia. *O Arqueólogo Português*, 1ª série: 12, pp. 23-31. Lisboa.

Botelho, H. (1907a). Lápides com inscrições romanas do districto de Villa Real, I.

Concelho de Villa Pouca de Aguiar, *O Arqueólogo Português*, 1ª série: 12. Lisboa.

Brandão, J. M. & Silva, P. B. (2006). Contribuição para a elaboração de um catálogo geral dos artefactos arqueológicos ligados à mineração e metalurgia antigas nas colecções dos museus geomineiros do INETI. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Brink, A. H. (1960). Petrology and ore geology of the Vila Real-Sabrosa-Vila Pouca de Aguiar region, northern Portugal. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Tomo XLIII, pp. 1-43. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. LNEG.

Cardoso, J. (1652-1744). *Agiologio lvsitano dos santos e varoens illvstres em virtvde do Reino de Portvgal*. Lisboa.

Cardozo, M. (1935). *Catálogo do Museu Martins Sarmiento, 1.ª parte: secção lapidar e de escultura*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

Cardozo, M. (1954). A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana. *Revista de Guimarães*, 64, pp. 117-135. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

Cardozo, M. (1985). *Catálogo do Museu de Arqueologia da Sociedade Martins Sarmiento, I Parte: secção lapidar e de escultura*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento.

Cardozo, M. (1999). A propósito da lavra do ouro na província de Trás-os-Montes durante a época romana. In *Obras de Mário Cardozo*. Guimarães: Fundação Eng. António de Almeida.

Carvalho, A. D. de (1970). Breves referências sobre jazigos auríferos portugueses. *Boletim de Minas*, 16 (3-4). Lisboa: LNEG.

Carvalho, A. D. de (1978). Quatro exemplos de jazigos auríferos portugueses. *Congresso 78 da Ordem dos Engenheiros*. Porto.

Carvalho, A. D. de (1980). *Jazigo aurífero de Três Minas, trabalho de pesquisa*. Porto: Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviço de Fomento Mineiro.

Carvalho, S. J. & Ferreira, O. da V. (1954). Algumas lavras auríferas romanas. *Separata de Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vo. IX (1-4), pp. 15-46. Porto.

Castro, L. de A. e (1960). Lucernas mineiras. *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. 14 (3-4), pp. 5-13, Porto.

Castro, L. de A. e (1963). Tresminas – arqueologia mineira. *Separata das Actas do Congresso Internacional de Etnografia*, vol. I. Santo Tirso: Junta de Investigações do Ultramar.

Cauuet, B. (2011). L'espace minier romain. Le cas des mines d'or et d'argent d'Alburnus Maior en Dacia Romaine (Rosia Montana, Roumanie). *Actas del Quinto*

Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008), Libro en homenaje a Claude Domergue, pp. 342-379. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Centeno, R. M. S. (1987). Circulação monetária no noroeste de hispânia até 192. *Nummus*, 2ª série, 1. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática.

Cerveira, A. de M. (2005). *Minas de ouro romanas de Tresminas, um terço a explorar*. Não impresso. Lisboa: LNEG.

Chastagnol, A., Gagé, J. & Leglay, M. (1980). Année 1980, *L'Année Épigraphique, Revue des publications épigraphiques relatives a l'Antiquité Romaine*, p. 149. Paris: Presses Universitaires de France.

Consuegra, S., Castañeda, N. & Gallego, M. M. (2005), Explotación minera de sílex neolítica de Casa Montero (Vicálvaro, Madrid). Avance de los resultados de las excavaciones. *Minería y Metalurgia históricas en el sudoeste europeo*, pp. 45-51. Madrid: SEDPGYM / SEHA. ISBN 84-669-6114-1.

Costas Goberna, F. J. & Hidalgo Cuñarro, J. M. (1997). *Los juegos de tablero en Galicia, Aproximación a los juegos sobre tableros en piedra desde la antigüedad clásica al medievo*. Vigo.

Cortesão, A. A. (1911). Onomástico medieval português. *O Arqueólogo Português*, vol. XVI, Lisboa.

Couto, H., Silva, A. M., Valério, M., Lemos, P. & Lourenço, A. (2010). Exploração de ouro no Geoparque Arouca: a mina romana da Gralheira d'Água. *Coleções e museus de Geologia: missão e gestão*, pp. 295-302. In J. M. Brandão, P. Callapez, M. Pedro, O. Mateus, & P. Castro (eds.). Figueira da Foz.

Cruz, A. J. (2007). Os pigmentos naturais utilizados em pintura. In A. S. Dias & A. E. Candeias (org.), *Pigmentos e Corantes Naturais. Entre as artes e as ciências*, pp. 5-23. Évora: Universidade de Évora.

Cruz, M. R. M. D. da (2009). Vol. III: Dados arqueométricos. *O vidro romano no noroeste peninsular, um olhar a partir de Bracara Augusta. Catálogo de vidros*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Delgado, M., Mayet, F. & Alarcão, A. M. (1975). Les Sigillés. *Fouilles de Conimbriga*, 4. Paris: Diffusion E. de Boccard.

Delgado, M., Morais, R. & colab. de Ribeiro, J. (2009). *Guia das cerâmicas de produção local de Bracara Augusta*. Braga: Centro de Investigação Transdisciplinar -Cultura, Espaço e Memória (CITCEM). Universidade do Minho.

Dias, L. T. (1997). O território. *Tongóbriga*. Lisboa: IPPAR.

Dieulafait, C., Dieulafait, F., Domergue, C., Fincker, M. & Picard, V. (2011),

L'établissement romain de Las Rubias, dans les mines d'or de la Sierra del Teleno (Corporales, province de León, Espagne). *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008), Libro en homenaje a Claude Domergue*, pp. 59-98. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Domergue, C. (1970). Introduction à l'étude des mines d'or du nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'antiquité. *Legio VII Gemina*. León.

Domergue, C. (1983). *La mine antique d'Aljustrel (Portugal) et les tables de bronze de Vipasca*. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, 9, Collection de la Maison des Pays Iberiques, 12. Diffusion E. de Bocard.

Domergue, C. (1987). *Catalogue des mines et des fonderies antiques de la Péninsule Ibérique*, pp. 534-542. Paris: Publication de la Casa de Velasquez - Série Archéologique, VIII - Boccard. Vol. 2.

Domergue, C. (1990). *Les mines de la péninsule ibérique dans l'antiquité romaine*. Paris: Collection de L'École Française de Rome, 127 - Diffusion du Boccard.

Domergue, C. (2008). *Les mines antiques, La production des métaux aux époques grecque et romaine*. Paris: Éditions A. et J. Picard.

Domergue, C. (20011). Les mines romaines du sud-ouest de la péninsule ibérique. *I Congreso, Río Tinto, Historia, Patrimonio Minero y Turismo Cultural*. In J. A. Pérez Macías, A. Delgado Domínguez, J. M. Pérez López & F. J. García Delgado (eds). Río Tinto: Fundación Río Tinto.

Encarnação, J. d' (1984). *Inscrições romanas do conventus pacensis, subsídios para o estudo da romanização*, Dissertação de Doutoramento. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2 vol.

Ervedosa, C. M. N. (1991). *Carta arqueológica do concelho de Vila Real*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes.

Fabião, C. (2006). *A herança romana em Portugal*. Lisboa: Edição CTT Correios de Portugal.

Farinha, J. A.L.B. & Meireles, M. C. (1988). Projecto Três Minas (Vila P. de Aguiar). *DGGM – SPE, Relatório das actividades desenvolvidas desde Maio-1987 até início de Fevereiro-1988*. Arquivo da DGGM. Lisboa: LNEG.

Farinha, J. A.L.B. & Meireles, M. C. (1988a). Projecto Três Minas (Vila P. de Aguiar), Prospecção de metais nobres: ouro e prata – Acordo de Prestação de Serviços DGGM-SPE (7 Set. 1987). *Relatório dos trabalhos de prospecção e pesquisa referentes à 1ª fase: Novembro 1988*. Arquivo da DGGM. Lisboa: LNEG.

Ferreira, M. P. (1971). Jazigos uraníferos portugueses. Jazigos de au-ag-sulfuretos do Norte de Portugal. *I Congresso Hispano-Luso-Americano de Geologia Económica*. Lisboa:

Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos.

Ferreira, O. da V. & Teixeira, A. P. (1955). Sobre uma lucerna romana de bronze da Mina de Jales. *Revista de Guimarães*, 65: 3-4, pp. 392-397. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento.

Figueiredo, M. V. & Silva, A. M. S. P. (2006). Vestígios de mineração antiga na região a sul do Douro entre os rios Paiva e Arda (concelhos de Arouca e Castelo de Paiva, Portugal). *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 513-532. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Freire, O. (1965). Algumas fivelas de bronze do Museu Antropológico da Universidade do Porto. *Lucerna*, 4. Porto.

Freire, O. (1968). Análise química de quatro fivelas de bronze. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XX. Porto.

Freitas, A. M. (2001). *Concelho de Valpaços, carta arqueológica*. Valpaços: Câmara Municipal de Valpaços.

Gamito, T. J. (1996). O estanho de aluvião e a metalurgia do bronze no Castro do Baldio (Arronches, Portugal). *Vipasca, Arqueologia e História*, nº 5, pp. 29-50. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

Garcia, J. M. (1988), Recensões bibliográficas: António Rodríguez Colmenero, Aquiae Flaviae: I – Fontes Epigráficas. Chaves. *Conimbriga*, 27, pp. 211-216. Coimbra.

Garcia, J. M. (1991). *Religiões antigas de Portugal, aditamentos e observações às “Religiões da Lusitânia” de J. Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

García Fernández & Albalat, B. (1990). *Guerra y religión en la gallaecia y la Lusitania antiguas*. Sada, A Coruña: Ediciós do Castro (Historia).

García Merino, C. (1973). Las tierras del NO de la Península Ibérica: foco de atracción para los emigrantes de la meseta en época romana. *Hispania Antiqua*, 3, pp. 9-28. Valladolid.

Garcia y Bellido (1968). Lápidas votivas a deidades exóticas halladas recientemente en Astorga y León. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, T. CLXIII, pp. 191-209. Madrid.

Genera i Monells, M. (2006). La explotación de minerales y rocas durante la prehistoria en el nordeste peninsular: algunas evidencias arqueológicas en el territorio del Ebro final. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 39-61. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Ghitulesco (1939), Arquivo do Serviço de Fomento Mineiro. Lisboa: LNEG.

Gomes, S. A. de S. e S (2012). *Análise isotópica do pb em metais arqueológicos por ICP-QMS*. Dissertação de Mestrado em Química Tecnológica. Lisboa: Universidade de

Lisboa.

Guerra, A. (1998). *Nomes pré-romanos de povos e lugares do ocidente peninsular*. Lisboa: [s. n.] Dissertação de Doutoramento em História Clássica. Lisboa: Universidade de Lisboa.

Guimarães, A. O. (1901). Catalogo do Museu Archeologico. *Revista de Guimarães*, vol. 18 (2), pp. 56-57. Guimarães.

Gómez Ramos, P. (1999). Obtención de metales en la prehistoria de la península ibérica. *BAR International Series 753*. Oxford.

González Ruibal, A. (1980). Galaicos, poder y comunidad en el noroeste de la península ibérica (1200 a.C. - 50 d.C.). *Brigantium*, 19. Vigo: Boletín do Museo Arqueolóxico e Histórico da Coruña.

Grau Lobo, L. (2001). *Augusto en el Bierzo: crónica de un aparecido, El Edicto del Bierzo, Augusto y el noroeste de hispania*, pp. 11-28. Ponferrada: Fundación Las Médulas.

Guedes, J., Santos, M., Leite, A. & Miranda, H. (1998). De uma tipologia de alguns casos do património mineiro do norte à necessidade de intervenção organizada para a sua preservação. *Actas do Seminário "Museologia e Arqueologia Mineiras" (Outubro 1998)*. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Guimarães, A. O. (1901). Catalogo do Museu Archeologico. *Revista de Guimarães*, 18:1-2. Guimarães.

Harrison, F. A. (1931). Ancient mining activities in Portugal. *The Mining Magazine*, 45, pp. 137-145. Londres.

Hevia González, S. & Montes López, R. (2009). Cerámica romana altoimperial de fabricación regional del Chao Samartín (Grandas de Salime, Asturias). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología*, nº 35. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM).

Hipólito, M. de C. (1961). Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. *Conimbriga*, 2-3, pp. 23 e segs. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC.

Hispania antiqua epigraphica (1953-54), nº 4-5, nºs 517, 518 e 519.

Hispania epigraphica (1991), 2, nº 891 a 893. In Direcção de J. Mangas, Madrid.

Hübner, E. (1869). II. *Inscriptiones hispania latinae*. Corpus inscriptionum latinarum (CIL), nº 2389 a 2393. Berlim: Georgium Reimerum.

Hübner, E. (1899), *Ephemeris epigraphica*, VIII, supl. de CIL II, pp. 328, nº 108 e 109.

Hübner, E. (1913), *Ephemeris epigraphica*, IX, supl. de CIL II, pp. 99, nº 262.

Javanovic, B. (1989). Les premières mines de cuivre dès Balkans et le role qu'elles ont joué dans le développement de la métallurgie en europe du sud-est. *Coloquio Internacional*

Mineria y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterrâneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado (1985, vol. I. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Jones, W. R., D. Sd., D. I. C., F. G. S. & M. I. M. M. (1938). Relatório sobre os depósitos auríferos da Mina dos Mouros, Filões da Gralheira e Três Minas. *Escola Real de Minas, Londres*. Arquivo do Serviço de Fomento Mineiro. Lisboa: LNEG.

Jones, W. R., D. Sd., D. I. C., F. G. S. & M. I. M. M. (1955), Report of Três Minas. *Escola Real de Minas, Londres*. Arquivo do Serviço de Fomento Mineiro. Lisboa: LNEG.

L'Année Epigraphique (AE). Paris.

Landes, C. (1989). Les ressources minières antiques des Cevennes: premiers resultats. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterrâneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado* (1985), pp. 223-234. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Le Roux, P. (1982). *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste a l'invasion de 409*. Paris: De Boccard (Publications du Centre Pierre Paris; 8. Collection de la Maison des pays ibériques; 9).

Le Roux, P. (1989). Explotations minières et armées romaines: essai d'interprétation. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterrâneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado* (1985), vol. II, pp. 171-181. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Le Roux, P., Tranoy, A. (1984). L'épigraphie du nord du Portugal: bilan et perspectives. *Conimbriga*, 23, pp. 19-41. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC.

Leal, A. S. d'A. B. de P. (1875). *Portugal antigo e moderno*, vol. V. Lisboa.

Leal, A. S. d'A. B. de P. (1875a). *Portugal antigo e moderno*, vol. VI. Lisboa.

Leal, A. S. d'A. B. de P. Pinho (1880). *Portugal antigo e moderno*, vol. IX. Lisboa.

Leal, A. S. d'A. B. de P. Pinho (1886). *Portugal antigo e moderno*, vol. XI. Lisboa.

Jiménez de Furundrena, A. (2007). Historia e prosopografia de la cohors I gallica equitata civium romanorum. *Aquila Legionis, Cuadernos de Estudios sobre el Ejército Romano*, 9. Madrid: Signifer Libros.

Lemos, F. S. (1993). *Povoamento romano de TrásosMontes oriental*. Braga: Universidade do Minho, 6 vols.

Lemos, F. S. & Meireles, C. A. P. (2006). Mineração aurífera no conventus de Bracara Augusta, *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste*

Europeu, pp. 169-183. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Lima, A. & Pereira, S. (2006). *Relatório sobre a avaliação do descritor património arqueológico, arquitectónico e etnológico dos EInCA do Projecto de desmonte experimental para a área mineira de Jales / Gralheira (Vila Pouca de Aguiar)*. Lisboa: DGPC.

Lima, A., Matías Rodriguez, R., Félix, N. & Silva, M. A. (2011). A mineração romana de ouro no município de Paredes: O exemplo da Serra de Santa Iria e Serra das Banjas. *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia históricas no Sudoeste Europeu*. In C. Batata (edição e coordenação). Abrantes. ISBN 978-989-20-2440-0.

Lopes, A. B., Silva, A. C. F. da, Parente, J. R. & Centeno, R. M. S. (1994). A estátua-estela do Marco (Vreia de Jales, Vila Pouca de Aguiar). Notícia preliminar. *Portugália*, Nova série:15. Porto.

López Barja, P. (2001). La provincia transduriana. *El Edicto del Bierzo, Augusto y el noroeste de hispania*, Ponferrada: Fundación Las Médulas.

Lopo, A. dos S. P. (1987). *Apontamentos arqueológicos*. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa.

Lorrio, A. J. (1995). *Los Celtíberos*. Alicante: Universidad de Alicante/Universidad Complutense de Madrid.

Maciel, M. J. (2006). *Vitrúvio, Tratado de arquitectura*. Lisboa: IST PRESS, Instituto Superior Técnico.

Machado, M. C. L. P. (2005). *Três Minas: da romanização à actualidade, preservar o passado perpetuando-o no futuro*. Viseu: Instituto Piaget.

Madureira, L. (1962). *Os romanos em Trás-os-Montes (202 A. C. a 409)*. Porto: Livraria Progredior.

Mangas, J. (2001). Castellvm, gens y civitas en el Edicto de Augusto (15 a.C.). *El Edicto del Bierzo, Augusto y el noroeste de Hispania*. Ponferrada: Fundación Las Médulas.

Machay, R. A., D. Sc. & M. I. M. M. (1957), *Stage I report on Três Minas*. Londres: Powell Duffryn Technical Services Limited.

Machay, R. A., D. Sc. & M. I. M. M. (1957?), *Stage II report on the Penedono Mines*. Londres: Powell Duffryn Technical Services Limited.

Martins, A., Alves, H. & Costa, T. (2003). *2000 anos de mineração em Aljustrel*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

Martins, C. M. B. (2005). *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Tese de doutoramento. Porto: FLUP.

Martins, C. M. B. (2008). *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.

Martins, C. M. B. (2008a). Exploração aurífera romana em Portugal. *Férvedes*, nº 5. Vilalba, Lugo.

Martire, A. da S. (2012). *Arqueologia da paisagem mineira romana: a hispânia e a lusitânia*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Arqueologia. S. Paulo: Museu de Arqueologia e Etnografia. Universidade de S. Paulo.

Matías Rodríguez, R. Alonso Herrero, E. & Neira Campos, A. (2002). La explotación romana del minivm (cinabrio) en Miñera (León-España), un ejemplo único de minería romana. *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, pp. 273-290. In J. M. Brandão (coord.). Lisboa: Edição do Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Matías Rodríguez, R. (2005). Ingeniería minera romana: la red hidráulica de Las Médulas (León, España). *Actas do congreso "Minería y Metalurgia Históricas en el Sudoeste Europeo"*, pp. 279-293. Madrid: SEDPGYM / SEHA. ISBN 84-669-6114-1.

Matías Rodríguez, R. (2006). La minería aurífera romana del noroeste de hispania: Ingeniería minera y gestión de las explotaciones auríferas romanas en la Sierra del Teleno (León-España). *Actas del III Congreso de las Obras Públicas Romanas: Nuevos Elementos de Ingeniería Romana*. León: Junta de Castilla y León.

Matías Rodríguez, R., (2006a). La minería aurífera romana en la Sierra del Teleno (León-España): nuevos datos sobre su ingeniería y gestión. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 211-229. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Matías Rodríguez, R., (2011). Minería aurífera romana en la cuenca del río Cabrera (León, España). Investigaciones 2002-2010. *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia históricas no Sudoeste Europeu*. In C. Batata (edição e coordenação). Abrantes. ISBN 978-989-20-2440-0.

Maurício, M. F. (1997). *Entre Douro e Tâmega e as inquirições afonsinas e dionisinas*. Lisboa: Edições Colibri.

Montalvão, A. (1971). *Notas sobre vias romanas em terras flavienses*. Bragança.

Nogueira, A. de M. (1938). Uma exploração de minas de ouro da época romana. *Revista de Arqueologia*, Tomo III, Fasc. VII, pp. 201-205. Lisboa.

Noronha, F., Ribeiro, M. dos A., Martins, H. C. & Lima, J. (1998). *Carta geológica de Portugal, Folha 6-D (Vila Pouca de Aguiar)*. Lisboa: Instituto Geológico e Mineiro, Departamento de Geologia, Ministério da Economia (sem folha explicativa).

Oleiro, M. B. (1951). Elementos para o estudo da terra sigillata em Portugal. *Revista de Guimarães*, 61 (1-2). Guimarães.

Oliveira, J. M. S. (1984). Application of the multielement geochemical analysis to the mineral prospecting. Geochemical prospecting in the Sabrosa-Pinhão area northern Portugal. *Estudos, Notas e Trabalhos do SFM*, V. XXVI, fasc. 1-4, pp. 63-83. Lisboa: LNEG.

Oliveira, J. M. S. & Farinha, J. A. (1987). Estudo de geoquímica aplicada na região aurífera vizinha de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar, Norte de Portugal). *Estudos, Notas e Trabalhos*, 29, pp. 3-25. Direcção Geral de Geologia e Minas. Lisboa: LNEG.

Palao Vicente, J. J.(2006). *Legio VII Gemina (Pia) Felix, estudio de una legión romana*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca.

Parente, J. R. (1980). Subsídios inéditos para a história de Três Minas. *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular (1979)*. Separata da Revista de Guimarães: 3. Guimarães.

Parente, J. R. (2003). *O Castro de S. Bento (concelho de Vila Real) e o seu ambiente arqueológico*. Vila Real.

Pereira, A. L. (1999). *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Pereira, A. L. (2001). *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Pereira, A. L. & Soares, M. R. O. R. (2002). *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Pereira, A. L. & Lopes, I. A. R. J. (2007). *Relocalização, identificação e inspecção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC. .

Pereira, F. A. (1930). À visita das Pedras Salgadas (Bosquejo Arqueológico). *Portucale*, III. Porto.

Pérez-García, J. A., Gómez Toscano, F., Álvarez García, G., Flores, E., Román Pérez, M. L. & Beck, J. (1992). Informe de las excavaciones de urgência en la zona de Filón Sur de las minas de Tharsis (Alosno Huelva). *Anuario Arqueológico de Andalucía*, 3.

Pérez Macías, J. A. & Delgado Dominguez, A. (2001). Ingeniería minera antigua y medieval en el suroeste ibérico. *Boletín Geológico y Minero, Revista trimestral de Ciências de la Tierra*, vol. 122, nº 1, Madrid: IGME.

Pérez Macías, J. A., Gómez Toscano, F., Flores Hurtado, E. & Alvarez García, G. (1996). Minería antigua en la faja piritífera ibérica. *Vipasca, Arqueologia e História*, nº 5, pp. 11-27. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

Pérez Macías, J. A., Matos, J. X. de & Martins, A. (2011). Os Scavarii de Vipasca. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008), Libro en homenaje a Claude Domergue*, pp. 410-425. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Pérez González, M. & Matías Rodríguez, R. (2011). Plínio y la minería romana: nueva traducción e interpretación de PLIN. Nat.33.66-78, com exemplos ilustrados. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008)*, Livro em homenagem a Claude Domergue, pp. 392-409. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Powell Duffryn (1957). Arquivo do Serviço de Fomento Mineiro. Lisboa: LNEG.

Queiróz, N. & Cardoso, O. (1958). *Informação sobre o "Stage I report on Três Minas" apresentado pela Powell Duffryn Technical Services Limited à Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos* (Serviço de Fomento Mineiro). Lisboa: LNEG.

Queiróz, N. A. M. (1959). *Ofício 2:068/PORTO*. Arquivo da DGMM. Lisboa: LNEG.

Queiróz, N. & Cardoso, O. (1960). *Resultados de trabalhos realizados na Fase I. Março de 1960*. Arquivo da DGMM. Lisboa: LNEG.

Quintela, A. C., Cardoso, J. L. & Mascarenhas, J. M. (1987). *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo*. Lisboa: Ministério do Plano e Administração do Território.

Quintela, A. C., Cardoso, J. L. & Mascarenhas, J. M. (1995). Barragens romanas do distrito de Castelo Branco e Barragem de Alferrarede. *Conimbriga*, 34. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC.

Redentor, A. (2000). Povoados fortificados com pedras fincadas em Trás-os-Montes, p. 551. *Conimbriga*, 39. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC.

Redentor, A. (2003). Pedras fincadas em Trás-os-Montes. *Chevaux-de-frise i fotificación en la primera edat del ferro europea*. In N. Alonso, E. Junyent, A. Lafuente & J. B. López (coords.). Lleida: Universitat de Lleida.

Redentor, A. (2010). Aproximação a um esboço social da área mineira romana da serra da Padrela (Tresminas e Campo de Jales). *Mineração e Povoamento na Antiguidade no Alto Trás-dos Montes Ocidental*. In C. M. B. Martins (coord.). Braga: CITCEM.

Ribeiro, M. A., A. Dória, A. & Noronha, F. (2006). Contexto geológico das explorações romanas de Três Minas. *Actas do 3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, pp. 199-210. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.

Rodríguez Colmenero, A. (1987). *Aquae Flaviae. Fontes epigráficas*, vol. 1. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.

Rodríguez Colmenero, A., Aires, F. & Alcorta, E. (1997). *Aqvae Flaviae I. Fontes epigráficas da gallaecia meridional interior*. Chaves: Câmara Municipal de Chaves.

Rodríguez Colmenero, A. (1999). *O santuário rupestre galaico-romano de Panóias (Vila Real, Portugal). Novas achegas para a sua reinterpretação global*. Vila Real: Ministério da Cultura/Câmara Municipal de Vila Real.

Rodríguez Colmenero, A. (1999a). ¿Resulta factible identificar la región minera de Três Minas, Norte de Portugal, com el metallum albucrarensis de Plinio?. *Madridier Mitteilungen*, 40, pp. 160-167.

Roldán Hervás (1974). *Hispania y el ejército romano*, 462. Salamanca.

Rothenberg, B., García Palomero, F., Bachmann, H.-G. & Goethe, J. W. (1989). The Rio Tinto Enigma. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado (1985)*. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Russell Cortez, F. (1947). Panóias. Cidade dos Lapiteas. Subsídios para o estudo dos cultos orientais e da vida provincial romana na região do Douro. Separata dos *Anais do Instituto do Vinho do Porto*. Porto.

Russell Cortez, F. (1957). Lápides romanas do Museu de Chaves, nº 104. *Viriatis*, 1:2. Viseu.

Sá, A. M. de (2007). *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal de Idanha-a-Nova.

Sablayrolles, R. (1989). L'administration des mines de fer en gaule romaine. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado (1985)*, pp. 157-161. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Sánchez-Palencia, F. J. (1989). La explotación del oro en la hispania romana: sus inicios y precedentes. *Coloquio Internacional Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas, Coloquio Internacional Asociado (1985)*, vol. II, pp. 35-52. Madrid: Departamento de História Antigua de la Universidad Complutense (Madrid) e l'URA 997 CNRS de l'Université de Toulouse-Le Miral.

Sánchez-Palencia, F. J., Orejas, A., Sastre, I. & Carlos Pérez, L. (2006). Las zonas mineras romanas del noroeste peninsular: infraestructura y organización del territorio. *Actas del III Congreso de las Obras Públicas Romanas: Nuevos Elementos de Ingeniería Romana*. León: Junta de Castilla y León.

Santana, M. O. R. (2001). *Tombo da vila e termo de Vila Pouca de Aguiar*. Vila Real: Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar.

Santos, C. M. L. (2010). *Análise antropológica dos restos ósseos cremados provenientes da escavação arqueológica da Necrópole da Samardã – Projecto “Caracterização arqueológica da exploração romana de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar)”*. Relatório aprovado. Lisboa: DGPC.

Sarmiento, F. M. (1894). Duas inscrições inéditas. *Revista de Guimarães*, vol. 11, nº

4. Guimarães.

Sepúlveda, E. de & Sousa, V. R. C. de (2001). Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal de Torres Vedras: as lucernas. *Conimbriga*, 40. Coimbra: Instituto de Arqueologia da FLUC.

Silva, A. C. F. da (1986). *A cultura castreja no noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins e Câmara Municipal de Paços de Ferreira.

Silva, A. C. F. (2007). *A cultura castreja no Noroeste de Portugal* (2.^a ed.). Paços de Ferreira: Câmara Municipal, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos.

Skelton (1938). Arquivo do Serviço de Fomento Mineiro. Lisboa: LNEG.

Soares, M. R.O. R. (2001). *Relocalização, identificação e inspeção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Soares, M. R.O. R. (2002). *Relocalização, identificação e inspeção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Soares, M. R.O. R. (2003). *Relocalização, identificação e inspeção de sítios pela Extensão do IPA - Macedo de Cavaleiros*. Base de dados Endovélico. Lisboa: DGPC.

Sousa, A. S. de (2005). *Terra de Aguiar da Pena, Das Origens ao Povoamento e à Formação do Concelho. Contributo para uma monografia do concelho de Vila Pouca de Aguiar*. Vila Pouca de Aguiar: Livraria e Papelaria Aguiarense.

Sousa, O. C. F. de & Pinto, G. (2002). Conjunto mineiro romano de Três Minas (Vila Pouca de Aguiar), Estudo de impactes e programa de valorização do território, *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*, pp. 689-696. In J. M. Brandão (coord.). Lisboa: Edição do Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Teixeira, R. J. C. M. A. (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a antiguidade e a idade média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Tranoy, A. (1981). *La galice romaine: recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'antiquité*. Paris: Diffusion de Boccard, (Maison des Pays Ibériques, 7).

Urteaga, M. & Ugalde, T. (2011). El distrito minero de Oiasso; la minería romana de Aiako Harria y el coto de Arditurri (Oiartzun, Gipuzkoa). *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008)*, Libro en homenaje a Claude Domergue, pp. 537-556. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

Vasconcelos, J. L. (1897). *Religiões da lusitânia*, I. Lisboa: Imprensa Nacional.

- Vasconcelos, J. L. (1897a). *Religiões da lusitânia*, III. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Vasconcelos, J. L. de (1913). *Religiões da lusitânia: na parte que principalmente se refere a Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Vasconcelos, J. L. (1917). Por Trás-os-Montes. *O Arqueólogo Português*, 1ª série, 22. Lisboa.
- Vasconcelos, J. L. (1936-1937). Três inscrições romanas inéditas do concelho de Vila Pouca de Aguiar. *Revista Arqueologia*, vol. III, pp. 193-195. Lisboa.
- Viegas, L. F., Martins, L. P., Andrade, R. S. & Rodrigues, L. V. (1990). *Algumas considerações sobre a prospecção do ouro em Portugal*. Comunicação apresentada no âmbito das comemorações do Cinquentenário do Serviço de Fomento Mineiro no Porto. Lisboa: Direcção-Geral de Geologia e Minas, LNEG.
- Viegas, L. F. & Martins, L. P. (1992). Notas sobre a prospecção do ouro em Portugal. *Estudos, Notas e Trabalhos do S.F.M.*, 34, pp. 95-106. Lisboa: Direcção-Geral de Geologia e Minas.
- Villa Valdés, Á. (2005). Minería y metalurgia del oro en la Asturias romana. *Actas do congresso "Minería y Metalurgia Históricas en el Sudoeste Europeo"*, pp. 197-213. Madrid: SEDPGYM / SEHA. ISBN 84-669-6114-1.
- Villa Valdés, Á. & Fanjul Mosteirín, J. A. (2006). Avance al estudio arqueológico de las labores auríferas de época romana de Carlés (Asturias, España). *3º Simpósio sobre Mineração e Metalurgia históricas no Sudoeste Europeu*. Porto: SEDPGYM. ISBN 972-8736-99-1.
- Villalba, M. J., Edo, M. & Blasco, A. (1995). Tecnología minera neolítica a partir del yacimiento de Can Tintorer (Gavà, Baix Llogregat). *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (2). Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- Vives, J. (1972). *Inscripciones latinas de la España romana (ILLER)*. Barcelona.
- Wahl, J. (1986). *Resultados das pesquisas arqueológicas, efectuadas de 4/8/86 a 10/11/86, na zona das minas de ouro romanas de Três Minas (conc. Vila Pouca de Aguiar, distr. Vila Real)*. Vila Pouca de Aguiar.
- Wahl, J. (1986a). *Minas romanas de Tresminas (1986)*. Escavação, Trabalhos Anteriores ao IPA. Lisboa: DGPC
- Wahl, J. (1988). *Minas romanas de Tresminas (1988)*. Relatório Aprovado. Lisboa: DGPC.
- Wahl, J. (1988a). Três Minas. Vorbericht über die archaologischen untersuchungen im bereich des romischen goldbergwerks 1986/87). *Madridier Mitteilungen*, 29. Madrid.
- Wahl, J. (1999). Aspectos tecnológicos da indústria mineira e metalúrgica romana de

Três Minas e Campo de Jales (Concelho de Vila Pouca de Aguiar). *Actas do Seminário “Museologia e Arqueologia Mineiras” (Outubro 1998)*, pp. 57-68. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro.

Wahl, J. & Wahl, R. (1993). *Minas romanas de Três Minas, Vila Pouca de Aguiar*. Tradução de F. C. Voges. Porto: Edição da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar.

Wall-Clerici, R. (2008). Das römische goldbergwerk von Três Minas. *Archäologie in Deutschland, n° 5*.

Wall-Clerici, R. (2011). Três Minas, quelques remarques a propos du pilier dans la “Galeria do Pilar”. *Actas del Quinto Congreso Internacional sobre Minería y Metalurgia Históricas en el Suroeste Europeo (León - 2008), Libro en homenaje a Claude Domergue*, pp. 537-556. In J. M. Mata-Perelló, L. Torró i Abat & M. N. Fuentes Prieto, eds. & A. Neira Campo & O. Puche Riart, co-eds. Lleida: SEDPGYM. ISBN 978-99920-1-790-6.

www.igespar.pt – Base de dados “Endovélico”. DGPC.

APÊNDICE I

1. CATÁLOGO DE ESTAÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Sítio Arqueológico 01 (SA 01)

Nome da estação: BARRAGEM DA FERRARIA

Outras designações: Tinhela de Baixo – Norte / Barragem da Ferraria, Barragem do Outeiro

Código Nacional de Sítio (CNS): 17884

Localid. mais próxima: Tinhela de Baixo

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°31'01.5''N, 7°34'31.2''W

Altitude: 870 m

Classificação: Em Vias de Classificação (Despacho de 20-05-2006)

Localização: Na estrada Vila Pouca - Tinhela de Baixo, corta-se no fim desta povoação, por estrada do lado esquerdo.

Descrição: A Barragem da Ferraria é a primeira e mais pequena, em comprimento, do conjunto de duas. Situa-se numa zona relativamente encaixada do rio Tinhela, com vestígios do paredão em ambas as margens. A barragem é constituída de terra e pedras, que terá cerca

de 20 metros de espessura, 50 metros de comprimento, e manterá uma altura, acima do leito do rio, entre 20 e 30 m.

Na escarpada margem esquerda ainda são visíveis restos do canal de água e, informações recolhidas na povoação de Tinhela de Baixo, apontam para a possibilidade da existência de um túnel para vencer o desnível necessário para a condução das águas da barragem, cerca de 200 m a sul. Passaria junto ao talude da estrada Tinhela de Baixo - Tresminas, logo após a ponte sobre o Tinhela, à saída da povoação, onde são visíveis prováveis cortes no xisto, para a passagem da vala, apresentando coloração diferenciada de terras. A jusante da barragem passava uma via romana (**V4b**), cujos trilhos são bem visíveis, no cabeço acima da barragem, do lado esquerdo do rio, e na margem direita, em direção à aldeia.

Luís de Albuquerque e Castro, em notícia de 1963, referia que a cota de crista da barragem é de 900 m, e a cota da Corta de Covas de 850 m; a cota da Corta da Ribeirinha estaria a 880 m de altitude. Defende a existência de uma 3ª barragem, à cota de 950 ou 1000 m, mas sem especificar onde.

Tipologia: Barragem de terra

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Leal, 1880: 743; Botelho, 1904: 58; Castro, 1963: 10; Domergue, 1987: 537; Pereira e Soares, 2002; Martins, 2005: 166; Sousa, 2005: 133-134; Batata et al., 2008: 70; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 02 (SA 02)

Nome da estação: BARRAGEM DE VALE DAS VEIAS

Outras designações: Tinhela de Baixo – Sul

Código Nacional de Sítio (CNS): 17885

Localid. mais próxima: Tinhela de Baixo

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°30'34.6''N, 7°34'57.5''W

Altitude: 860 m

Classificação: Em Vias de Classificação (Despacho de 09-05-2006)

Localização: No sentido Vila Pouca de Aguiar - Tinhela de Baixo, corta-se no fim da povoação, por estrada de terra, do lado direito.

Descrição: A barragem romana de Vale das Veias é a maior das duas barragens do sistema de armazenamento e distribuição de água, que abastecia o complexo mineiro de

Tresminas. Fica a cerca de 1 km a jusante da primeira barragem, a da Ferraria, e é muito maior que esta, tendo muito maior capacidade de retenção, quer pelo comprimento do paredão quer por aproveitar um terreno mais plano. Tal como no ponto escolhido para implantar a Barragem da Ferraria, a margem esquerda do Tinhela é bastante escarpada, sendo ainda visíveis vestígios do paredão. No entanto, a margem direita é aqui um vasto terreno aplanado, e não uma encosta. O paredão destaca-se facilmente na paisagem, formando uma colina alongada coberta de árvores, no meio dos campos cultivados em redor. O paredão terá entre 20 e 30 metros de espessura e cerca de 15 m de altura. O comprimento andar­á entre 250 e 300 metros. Ao contrário da Barragem da Ferraria, o paredão não é direito, mas faz uma curva para montante.

A água seria conduzida através do Túnel do Pedroso (C 2), vencendo a montanha, para obter o desnível necessário para a condução das águas para o Complexo Mineiro de Tresminas. Falta ainda localizar o canal entre a barragem e o Túnel do Pedroso, mas tudo indica dar a volta ao cotovelo do rio.

Tipologia: Barragem

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Castro, 1963: 10; Pereira e Soares, 2002; Martins, 2005: 167; Sousa, 2005: 134; Batata et al., 2008: 71; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 03 (SA 03)

Nome da estação: BARRAGEM DO ALTO DA PRESA

Localid. mais próxima: Raiz do Monte

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'30.8"N, 7°36'23.7"W

Altitude: 980 m

Localização: Na estrada Guilhado - Campo de Jales, corta-se por estradão à direita, com placa de barragem e pesca.

Descrição: Barragem de terra, cortada pela torrente e com bacia deposicionária, no início da Ribeira da Peliteira. Pode dirigir-se às minas da Fraga da Varanda (SA 04), dado que para abastecer as Minas de Jales, a pendente seria demasiada, o que provocaria a destruição constante do canal de terra.

Tipologia: Barragem

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata et al., 2008: 169-170; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 04 (SA 04)

Nome da estação: FRAGA DA VARANDA

Localid. mais próxima: Tinhela de Baixo

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°31'09.9"N, 7°35'53.6"W

Altitude: 940 m

Localização: À beira da estrada Valugas - Vila Pouca de Aguiar, do lado direito e ao lado da mina de água.

Descrição: Trata-se de uma mina com cerca de 150 m de comprimento, com várias galerias- travessas. Dada a natureza da rocha branda, encontra-se muito abatida em diversos pontos. Não se conhece o minério que era explorado. Pode estar relacionada com a existência de vestígios romanos a cerca de 700 m a este (SA 17). A norte passa uma via antiga (V2c).

Tipologia: Mina

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata et al., 2008: 72-73; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 05 (SA 05)

Nome da estação: RIBEIRA DOS MOINHOS (FORNO DOS MOUROS)

Código Nacional de Sítio (CNS): 17795

Localid. mais próxima: Cidadelha de Jales

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'18.61"N, 7°34'7.45"W

Altitude: 710 m

Localização: Na estrada Campo de Jales - Cidadelha de Jales, corta-se à esquerda por estrada de terra e depois à direita, descendo-se para o rio Tinhela.

Área dos vestígios: 500 m²

Descrição: No local designado por Ribeira dos Moinhos, situado na margem direita do rio Tinhela, pode-se observar uma estrutura circular com um manto de escorrência de escória de ferro no interior (conhecido desde 1732 por “Forno dos Mouros”), denunciando a existência de um forno, posto em evidência pelas escavações arqueológicas aí realizadas em 2009 e 2010.

Em 2009 foi implantada uma sondagem de 3 x 6 m sobre o manto ferroso, após o corte da densa vegetação, constituída essencialmente por giesta. Em 2010, esta área foi alargada em dois pontos: a norte da sondagem tinha sido posto à vista um pequeno troço de muro, pelo que

se abriu uma área de 2 x 2 m, e no forno propriamente dito, procedeu-se ao alargamento nos lados este, oeste e sul, respetivamente com 1 x 6 m a este e a oeste, e 2 x 5 m a sul. A cerca de 2 m a norte encontrou-se o referido muro romano, com 65 cm de largura, não se sabendo a sua funcionalidade.

A meia-encosta encontram-se diversos muros de construções romanas, detetadas aquando da prospeção para a Carta Arqueológica de Vila Pouca de Aguiar, postas à vista pela erosão, formando um edifício retangular de 14 m de comprimento por 4 m de largura, com dois compartimentos internos, ambos abertos do lado este. Em 2010 foi escavado um dos compartimentos até ao pavimento, sem que se tenha chegado a uma conclusão definitiva quanto à sua funcionalidade.

Junto a estas estruturas, situadas na encosta, bem como no pequeno vale do rio Tinhela, detetámos imensos fragmentos de mós de granito de trituração do minério, e segundo o depoimento e testemunho de um habitante de Cidadelhe de Jales, estas mós podiam contar-se às dezenas há algumas décadas atrás. Existe também uma grande quantidade de bases de pilões, num dos moinhos aí existentes. Um canal com 800 m de comprimento (**C 8**), com origem na Ribeira da Peliteira, termina junto deste vale, determinando uma localização aproximada das estruturas de britagem e farinação do minério.

Materiais: Mós, bases de pilão, tégulas, cerâmica comum, escória.

Tipologia: Lavaria

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 468; Almeida, 1973: 562; Pereira, 2001; Martins, 2005: 33, 38, 100, 110 e 111; Sousa, 2005: 126; Batata et al., 2008: 167-168; Batata, 2010; Batata, 2010a; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 06 (SA 06)

Nome da estação: TÚNEL DO PEDROSO (CANAL C 02)

Código Nacional de Sítio (CNS): 17905

Localid. mais próxima: Filhagosa

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°29'57.50"N, 7°34'40.30"W - 41°30'2.26"N, 7°34'33.64"W

Altitude: 840 m

Classificação: Em Vias de Classificação (Despacho de 20-05-2006)

Localização: Na estrada Tinhela de Baixo - Tresminas, corta-se à direita, por estradão, a seguir à primeira povoação, até ao Alto da Padrela e depois por estrada à esquerda.

Descrição: A conduta de água, quase toda a céu aberto, que abastecia de água o complexo mineiro de Trêsminas, partia do sistema de captação formado pela Barragem do Vale das Veias. Em cerca de três quilómetros a céu aberto, ao longo da margem esquerda do Tinhela, são visíveis ainda alguns vestígios do canal. Na zona do Pedroso, foi aberto um túnel que fura o monte de lado a lado. Este túnel encontra-se em bom estado de conservação, tendo a sua entrada sul sido desobstruída, por trabalhos levados a cabo pelo arqueólogo Jürgen Wahl. Tem cerca de 250 metros de comprimento, e à superfície é assinalado por 5 poços de ventilação, ao longo do seu percurso, sendo apenas visíveis os montículos de terra da sua abertura, já que se encontram completamente colmatados. A partir do túnel, a conduta seguiria de novo a céu aberto até à Cisterna de Tresminas (**SA 07**), sendo este troço detetável em alguns pontos. A galeria tem 1,20 m de largura e altura de 1,70 m (Martins, 2005: 167).

Tipologia: Canalização

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Leal, 1875: 543; Madureira, 1962: 137-138; Pereira e Soares, 2002; Martins, 2005: 167; Batata et al., 2008: 136-137; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 07 (SA 07)

Nome da estação: CISTERNA DA VEIGA DA SAMARDÃ

Código Nacional de Sítio (CNS): 31012

Localid. mais próxima: Três Minas / Covas / Ribeirinha

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'58.10"N, 7°31'48.36"W

Altitude: 845 m

Localização: A cisterna situa-se do lado oeste da exploração, a meio caminho entre o povoado romano e a necrópole, e do lado direito da estrada Vila Pouca de Aguiar – Tresminas.

Área dos vestígios: 0,5 ha

Descrição: Em 2009 realizou-se uma sondagem, de 2 m de largura por 7 m de comprimento, de forma a abarcar uma parte do coroamento e uma boa parte do talude, na cisterna identificada por Jürgen Wahl. Este reservatório recolhia as águas provenientes das barragens do rio Tinhela, através do canais **C1** e **C2**, sendo daqui distribuídas para alimentação do povoado romano, para o balneário (ainda não identificado) e para as várias lavarias já

identificadas. Numa fase inicial da exploração, iria para a lavaria da Galeria de Esteves Pinto, passando dentro do povoado romano, onde foi identificada nas escavações arqueológicas de 2007 a 2010, e numa outra fase, para a Galeria do Pilar, dirigindo-se às Fragas Negras, para alimentação dos Aquedutos I e II, através do canal **C5**.

A Cisterna foi implantada na encosta de um cabeço amplo, de onde foi arrancada a rocha para a tornar plana, e para os muros de sustentação. No lado mais inclinado é visível um talude semicircular que retinha as águas formando uma ampla bacia. A parte plana da cisterna, que se encontra muito colmatada, está plantada com grossos pinheiros bravos. Após a observação cuidada da sua implantação, verificou-se existir ainda um muro de coroamento muito destruído, tendo sido este o local escolhido para implantar a sondagem.

Após a desmatação do local da sondagem, e corte de arbustos que cresceram sobre o muro de coroamento, procedeu-se à decapagem do terreno para remoção da camada humosa [1], composta por folhas de castanheiros e caruma de pinheiro. Esta limpeza revelou a existência do muro de coroamento do talude e na base do talude exterior a existência de dois outros muros mais estreitos para sustentação das terras.

Em 2010 implantou-se uma sondagem de 1 m de largura por 4 m de comprimento, de forma a abarcar a totalidade do paredão de terra, na continuidade da Sondagem A, para este. A realização destas sondagens permitiu perceber como a cisterna foi construída. Já foi referido que, do lado oeste, ela foi escavada na encosta de um monte amplo, tendo a pedra sido aproveitada para construção dos muros de sustentação do talude e de coroação. Verificou-se que nos outros lados, de modo a efetuar a retenção das águas numa lagoa, foi construído um talude de terra composta por estéril da mina e blocos de rocha, rematado por muros de sustentação desse talude, aumentando a sua capacidade, com a construção de um largo muro no topo.

Materiais: Tégulas, cerâmica comum (sondagem de 2010).

Tipologia: Cisterna

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Almeida, 1973: 558; Alarcão, 1988: 126; Pereira e Soares, 2002; Sousa, 2005: 143; Batata, 2007: 8; Batata, 2009: 12-14; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 08 (SA 08)

Nome da estação: FILÃO DA GRALHEIRA

Outras designações: Gralheira, Garalheiras, Filões da Gralheira

Código Nacional de Sítio (CNS): 17775

Localid. mais próxima: Cidadelha de Jales

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'14.28"N, 7°34'9.52"W - 41°28'15.81"N, 7°34'26.62"W

Altitude: 800 m

Localização: Na estrada Campo de Jales - Cidadelha de Jales corta-se à esquerda por estrada de terra.

Área dos vestígios: 1 ha

Descrição: As minas romanas da Gralheira estendem-se por uma vasta área situada a noroeste da aldeia de Cidadelha de Jales. Ficam um pouco a norte das Minas de Jales, integrando-se no grande conjunto de explorações mineiras de ouro formado pelas minas de Jales, Tresminas e Gralheira. As minas da Gralheira são a exploração menos monumental das três, caracterizando-se essencialmente pela existência de uma trincheira de desmonte, com o comprimento de cerca de 1000 m, com larguras entre 1 e 4 m e profundidades variando entre os 2 e os 20 m. Trata-se de uma exploração mista, dado que para além da exploração a céu aberto, foram abertos alguns poços.

A área desta exploração é bastante vasta e pouco conhecida ainda. Um pouco a nordeste destas minas fica a estrutura de lavaria da Ribeira dos Moinhos (SA 05) que estará relacionada com o tratamento dos minérios daqui retirados. Existe a possibilidade, dada a proximidade do Castelo dos Mouros (SA 09), que a exploração se tenha iniciado na Idade do Ferro, mas não existem provas concludentes.

Tipologia: Mina

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 472-473; Leal, 1875: 543; Botelho, 1904: 56; Harrison, 1931: 137-145; Jones et al., 1938: 13-15 e 20; Wahl, 1988: 59; Pereira e Soares, 2002; Martins, 2005: 166-167; Sousa, 2005: 127; Batata et al., 2008: 166-167.

Sítio Arqueológico 09 (SA 09)

Nome da estação: MINA DE JALES (FILÃO DO CAMPO)

Outras designações: Mina dos Mouros, Filão do Campo

Código Nacional de Sítio (CNS): 1137

Localid. mais próxima: Campo de Jales

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°27'42.07"N, 7°35'28.75"W

Altitude: 855 m

Localização: Junto à povoação.

Descrição: A exploração mineira de ouro de Jales desenvolveu-se nos terrenos ao lado da atual aldeia de Campo de Jales. A retoma da exploração, na primeira metade do século XX (década de 30), terá destruído a maior parte dos vestígios da mineração de época romana. Desta época, está documentada a existência de uma tricheira larga (**SA 25**), galerias, poços, e diverso material arqueológico (uma inscrição, lucernas, fivelas, instrumentos diversos em ferro, bronze e madeira e cerâmicas diversas. Documenta-se também o achado de um machado de bronze, de talão e duas asas, de cronologia atribuível ao Bronze Final, que poderá indiciar um princípio da exploração mineira anterior à época romana, achado numa galeria antiga descoberta durante a realização de trabalhos modernos. A galeria melhor conservada é a “Mina dos Mouros” onde o teor em ouro é elevado: 100g/tonelada.

A exploração romana inicial parece ter sido constituída por uma trincheira com 1 600 m de comprimento e com cerca de 150 m de profundidade na parte sul. Os poços apresentavam secção quadrada, com entivação em carvalho e pinheiro, em barrotes com o tamanho entre 80 e 100 cm. A lucerna de bronze foi achada por Pires Teixeira em 1937, numa galeria do 2º piso dos trabalhos romanos. Alarcão (1983), refere que as minas foram exploradas sobretudo nos sécs. I e II d.C. O mesmo autor (Alarcão, 1988) refere que a exploração tem 3 barragens no ribeiro de Campo, o que não se conseguiu comprovar na totalidade.

Apesar da grande quantidade de materiais achados, é pouco o que sabemos sobre o povoado mineiro, a necrópole ou outras estruturas de apoio à atividade mineira, como seja, por exemplo, um templo ou umas termas. Das barragens referidas por Alarcão, apenas uma está razoavelmente identificada e dois extensos canais.

Materiais: Machado em bronze de dupla aselha, picareta, 2 martelos-pico, lucerna de bronze do séc. I d.C., fíbula em ómega, parte de uma sítula em bronze, bolo de chumbo, aro de ferro c/ 2 aselas, roldana de madeira, frag. de casaco ou colete de couro, frag. de taça de *sigillata* c/ marca *Ivlivs* (meados séc. I d.C.), lucerna de barro de meados do séc. I d.C., marreta em ferro com marca de fabricante R/N/V (SGP), fragmentos de madeira de entivação (SGP), fragmento de *sigillata* (SGP), vasilha em bronze, de forma acampanada típica da cerâmica castreja indígena, *sigillata* hispânica, duas tégulas.

Depósito de materiais: Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar: machado de talão em bronze, 3 traves em madeira, 4 martelos-picão, pico-enxada, roldana em madeira, bateia

em madeira, lucerna do séc. I d.C., sítula em bronze do séc. I/II d.C., 4 asas de recipiente em ferro, fíbula anelar em bronze dos sécs. I a IV d.C., e vários fragmentos de couro.

Serviços Geológicos de Portugal (IGM): frag. de madeira, 2 tábuas em madeira, 2 martelos-picão, lucerna do séc. I d.C..

Museu Nacional de Arqueologia: taça completa de *sigillata*, datada de 69 a 200 d.C (Inv n° 2005.139.2), e taça quase completa de *sigillata* hispânica, datada ente 50 e 70 d.C. (Inv n° 2005.139.1).

Tipologia: Mina

Cronologia proposta: Bronze Final, Idade do Ferro e Época Romana

Bibliografia: Harrison, 1931: 137-145; Jones et al., 1938: 7-13 e 19-20; Nogueira, 1938; Oleiro, 1951: 81-111; Cardozo, 1954: 309; Carvalho e Ferreira, 1954: 15; Ferreira e Teixeira, 1955: 392-397; Allan et al., 1965: 15; Carvalho, 1970: 91-170; Almeida, 1973: 556-557; Tranoy, 1981: 223; Alarcão, 1983: 130 e 131; Domergue, 1987: 534-536; Alarcão, 1988: 126; Domergue, 1990: 76-78, 201; Guedes et al., 1998: 27-28; Wahl, 1998: 58; Cardozo, 1999: 305-311; Soares, 2001; Martins, 2005: 165-195; Sousa, 2005: 18 e 121-122, 124-135, 145-148; Brandão et al., 2006: 55; Batata et al., 2008: 164-166.

Sítio Arqueológico 10 (SA 10)

Nome da estação: FRAGA DO QUELHO

Código Nacional de Sítio (CNS): 17797

Localid. mais próxima: Alfarela de Jales

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°28'12.7''N, 7°33'47.6''W

Altitude: 820 m

Localização: Dentro da povoação, numa pequena propriedade entre caminhos.

Descrição: Num batólito de grandes proporções, situado no extremo nordeste da aldeia de Alfarela de Jales, e designado localmente como a Fraga do Quelho, podem-se observar algumas insculturas que se constituem por cerca de uma dúzia de covinhas no topo do monólito. Na parte inferior, onde a fraga faz uma espécie de abrigo natural, junto ao chão, e sensivelmente ao nível do caminho que ali passa, encontra-se riscado, no afloramento granítico, um jogo cuja tipologia andarà próxima dos jogos utilizados no mundo romano e na Idade Média.

Tipologia: Arte Rupestre

Cronologia proposta: Neo-calcolítico e Romano

Bibliografia: Argote, 1732-1742: 468; Madureira, 1962: 133-134; Pereira, 2001; Parente, 2003: 69; Batata et al., 2008: 59.

Sítio Arqueológico 11 (SA 11)

Nome da estação: CASTELO DOS MOUROS

Outras designações: Castelo, Castelo dos Mouros, Cidadelha de Jales, Castelo de Cidadelha

Código Nacional de Sítio (CNS): 15567

Localid. mais próxima: Cidadelha de Jales

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'1.51"N, 7°33'26.91"W

Altitude: 700 m

Localização: Em Cidadelha de Jales, segue-se para nordeste por estrada de terra que vai dar ao castro.

Área dos vestígios: 1,5 ha

Descrição: Cabeço rodeado por duas linhas de muralhas, construídas em aparelho poligonal, que chegam a atingir cerca de 4 m de altura em alguns pontos, e com cerca de 3 m de espessura, sendo a defesa complementada no flanco que se prolonga para sudoeste, na zona de mais fácil acesso, por três fossos escavados no afloramento, sendo um mais largo e dois mais estreitos. Nos espaços entre fossos poderão existir pedras fincadas, situação ainda não confirmada.

Existem alguns troços de muralha que parecem ser mais arcaicos. Na plataforma intermuralhas foi posta a descoberto, por ação de destruição recente (prospeções geológicas efetuadas pela empresa que detinha a concessão das Minas de Campo de Jales), uma construção, aparentemente de planta retangular e um troço da muralha. Dado o espesso coberto vegetal, para além de escassos fragmentos de tégula e um peso de tear de tradição indígena, não foi detetado qualquer outro espólio cerâmico.

A muralha inferior, foi construída em aparelho poligonal nalguns pontos, e pedra de granito de tamanho médio noutros; a superior é constituída por pedra regular de granito, nos paramentos exteriores, sendo o interior preenchido com pedra de xisto.

Com o intuito de perceber a relação existente entre este povoado e as explorações mineiras de Tresminas e Jales, realizou-se em 2008, uma campanha de sondagens, logo abaixo da plataforma superior, num local onde era visível (através da imensa vegetação) a rocha de xisto afeiçoada, formando uma parede retilínea, de cantos arredondados. Depois de

limpa a área da vegetação que a cobria, verificou-se que, sobre a pouca espessa camada arqueológica, se encontravam algumas pedras de média e grande dimensão, em xisto e em granito, que fariam parte das paredes das casas castrejas. Estas aproveitaram a rocha como parede, tendo nalguns casos sido afeiçoada, para sustentar os blocos de pedra. Assim, a Casa I tem, no lado sul, afloramento afeiçoado na altura de 1 m, e entre as duas casas, um afloramento aplanado com cerca de 40 cm de altura, para assentamento do muro comum às duas casas. Por sua vez, a Casa II, aproveitou um afloramento do lado sul, tendo este sido afeiçoado na altura de 1,5 m. Os restantes lados seriam fechados por muros de pedras, de que os muros norte das casas I e II são exemplos.

Com este panorama de fundo abriram-se quadrados de 2 x 2 m, até definir a área de uma casa quadrangular, com as dimensões de 3,5 x 3,5 m, tendo o piso afeiçoado, bem como a parede sul e parte das paredes este e oeste. Do lado norte, encontraram-se as fundações do muro que fechava a casa. Do lado este encontrava-se também rocha afeiçoada (parede sul) e afloramento à superfície também afeiçoado, formando o piso da casa. Depois de quadriculado todo o espaço, veio a encontrar-se também uma casa com as mesmas características da anterior, porém, de formato retangular e de maiores dimensões (6 x 4 m); do lado norte, encontrou-se um robusto muro que fechava o compartimento.

Os trabalhos arqueológicos efetuados em 2009, resumiram-se à escavação de uma faixa de 2 x 8 m, para delimitar o muro este da Casa II e tentar perceber se a entrada da Casa II se encontrava do lado oeste, e à escavação de alguns quadrados, para tentar perceber se existia uma entrada da Casa I, virada a oeste.

As cerâmicas encontradas, quer na Casa I quer na II, têm as mesmas características, ou seja, por um lado são cerâmicas de escorrência, por outro são cerâmicas de torno, quartzíticas, de tom amarelo e cinzento-claro. A evidência e semelhança com cerâmicas encontradas em algumas pequenas fossas (como as da Cova I) do povoado mineiro de Tresminas são notórias. Existe também afinidade entre um peso de tear de xisto, encontrado superficialmente no castro (Batata et al., 2008: 57) e os pesos de xisto encontrados em Tresminas.

A presença romana no castro é um dado adquirido, embora se tratem de fragmentos muito pequenos de tégulas. Para além dos fragmentos de tégulas encontradas, localizou-se um fragmento de mó rotativa na plataforma da 1ª muralha, e um outro fragmento no muro sul do Compartimento II da Casa II.

Com a desmatção do castro, efectuada pelos sapadores, ficaram bem visíveis duas portas de entrada no povoado castrejo, com construções adossadas.

Em 2010, realizaram-se duas sondagens junto da 2ª muralha. A Sondagem A tinha as dimensões de 3 m de largura por 4 m de comprimento, com o intuito de atingir o paramento da muralha, o que não se conseguiu. Depois de removida a camada humosa, que continha alguns blocos afeiçoados de granito e pedras de xisto do miolo da muralha, verificou-se que não se tratava de um muro de uma habitação, mas sim um murete de contenção de uma espessa camada de estéril da mina. Este, constituído por duas camadas (a de cima mais fina e a de baixo mais grosseira), assentava sobre um derrube da muralha, constituído também por pedras afeiçoadas de granito do paramento da muralha e pedras de xisto do seu miolo. Esta camada de estéril de mina, continha vários fragmentos de cerâmica indígena.

A Sondagem B, implantada numa das portas da 2ª muralha, tinha as dimensões de 2,5 m de largura por 3,5 m de comprimento, e tinha o intuito de atingir ambos os paramentos da porta, o que só se conseguiu, alargando-se a sondagem no comprimento, até aos 4,5 m. A camada de terra existente era constituída por uma única camada de terra negra, de escorrimento, no meio da qual se encontravam imensos blocos afeiçoados de granito, caídos do paramento da porta. Tal como na Sond. A, o miolo era constituído por fragmento e pedras de xisto. Não foram encontrados quaisquer fragmentos de cerâmica.

Verificou-se ainda que a porta havia tido dois momentos de construção, ou de arranjo. O primeiro momento era constituído por uma entrada bastante larga (4,5 m), formando dois batentes de porta sobressaídos do alinhamento da parede, reduzindo a entrada para 2,80 m. Num segundo momento, foi feito um novo alinhamento por estes batentes, o que tornou a entrada com a largura constante de 2,8 m de largura. Dada a reduzida área da sondagem, não foi possível saber, se o arco de fecho, que estaria por cima dos batentes, teria, numa fase posterior, sido aumentado, à largura da muralha, assentando sobre estes novos paramentos.

O afloramento onde assenta a porta, é muito irregular, verificando-se que serviu também de pedreira para extração de pedra para o miolo da muralha. Esta remoção de pedra, é anterior à construção da porta, pois esta assenta sobre as irregularidades do terreno. Não se encontraram marcas dos rodados de carro, embora a porta tenha largura para isso, o que constituiu uma surpresa e coloca diversas interrogações sobre a funcionalidade desta porta.

Materiais: Tégulas, peso de tear, mós circulares, contas de colar em vidro, cerâmica da Idade do Ferro e cerâmica romana de tradição indígena (séc. I d.C.)

Tipologia: Povoado Fortificado

Cronologia proposta: Bronze Final, Idade do Ferro e Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 471-472; Leal, 1875^a: 604; Botelho, 1904: 55-56; Botelho, 1907: 30; 543; Madureira, 1962: 137; Almeida, 1973: 558-559; Pereira, 2001; Sousa, 2005: 97-99 e 141-142; Batata et al., 2008: 56-57; Batata, 2009: 5-8; Batata, 2010; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 12 (SA 12)

Nome da estação: CASTRO DE S. MARTINHO

Outras designações: Castelos / S. Martinho

Código Nacional de Sítio (CNS): 5293

Localid. mais próxima: Bornes de Aguiar

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°32'10.3''N, 7°35'38.2''W

Altitude: 794 m

Localização: Na estrada Bornes de Aguiar - Valugas, de ambos os lados da estrada.

Área dos vestígios: 1, 5 ha

Descrição: Povoado fortificado de médias dimensões, localizado num cabeço inclinado sobre o vale de Vila Pouca de Aguiar, na encosta oeste da Serra da Padrela. Tem boa implantação estratégica e boas condições defensivas naturais, tendo um único acesso natural pelo lado sul, defendido por um duplo fosso. A construção de uma casa florestal, do lado norte, destruiu parte do povoado, que deverá também ter sido afetado pela abertura da estrada que une Pedras Salgadas à EN 206. Do lado sul, no ponto mais alto do cabeço, inicia-se a linha de muralha, detetável facilmente por um elevado talude, que circunda o cabeço, formando um recinto elíptico ou circular (acrópole). Numa cota inferior apresenta a 2^a linha de muralhas. Não se encontraram materiais de superfície, mas verificou-se a existência de muros cortados pela construção do terreno. À partida, tudo aponta para que se trate de um povoado da Idade do Ferro. Félix Alves Pereira, em notícia de 1930, refere a existência de insculpturas em algumas rochas, dentro do castro, o que não se conseguiu confirmar.

Tipologia: Povoado Fortificado

Materiais: 1 frag. de cerâmica e ponta de dardo em ferro.

Cronologia proposta: Idade do Ferro

Bibliografia: Vasconcelos, 1917: 163; Pereira, 1930: 283-284; Silva, 1986: 93; Soares, 2001; Sousa, 2005: 100-101; Batata et al., 2008: 68-69.

Sítio Arqueológico 13 (SA 13)

Nome da estação: POVOADO ROMANO DE JALES

Localid. mais próxima: Campo de Jales

Coordenadas GPS: CMP, 41°28'14.90"N, 7°35'23.10"W

Altitude: 838 m

Localização: Na povoação de Campo de Jales corta-se por estrada de terra batida, à esquerda, passando-se a fonte; no cruzamento de caminhos, toma-se o da direita, ficando a estação ao pé de uma casa e paiol das Minas de Jales

Área dos vestígios: 2 ha

Descrição: Área plantada com castanheiros e a norte, zona de mato, pelo que não se sabe se a estação arqueológica se estende um pouco mais. Situa-se em encosta suavemente inclinada, a cerca de 1 km da Mina de Jales e do Filão da Gralheira, com via de sulcos ligando as duas áreas.

Tipologia: Povoado Romano

Materiais: Tégulas, *imbrices*, mós de granito

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Inédito

Sítio Arqueológico 14 (SA 14)

Nome da estação: MURADA DA QUINTÃ

Outras designações: Murada

Código Nacional de Sítio (CNS): 17371

Localid. mais próxima: Quintã

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°25'21.7''N, 7°38'12.4''W

Altitude: 1129 m

Localização: No estradão Guilhado - Quintã, corta-se à direita e passa-se por baixo do viaduto da A24. O acesso faz-se por sul ou por oeste.

Área dos vestígios: 0,5 ha

Descrição: Povoado fortificado de pequenas dimensões, situado num cabeço rochoso em esporão, no flanco este da Serra da Falperra, debruçado sobre o vale do rio Pinhão. Existem duas linhas de muralha, formando uma delas a acrópole, e no setor oeste parece haver uma entrada, protegida por um possível torreão, que dá acesso ao topo. A segunda muralha

apresenta porta de entrada a oeste, com um caminho que dá acesso direto ao ponto mais alto. As muralhas são constituídas por troços de muralha ligando afloramentos rochosos graníticos. Dada a configuração do morro, é provável que não tenha tido fosso defensivo.

Não se encontraram materiais de superfície que permitissem caracterizar o povoado com uma cronologia mais fina, mas a sua tipologia aponta para um povoado bastante arcaico.

Tipologia: Povoado Fortificado

Cronologia proposta: Bronze Final / Idade do Ferro

Bibliografia: Pereira e Soares, 2002; Sousa, 2005: 106-107; Almeida, 2005; Batata et al., 2008: 162-163.

Sítio Arqueológico 15 (SA 15)

Nome da estação: MINAS ROMANAS DE TRESMINAS

Outras designações: Lagos da Ribeirinha e de Cortas, Lagoinhos, Lagos

Código Nacional de Sítio (CNS): 3623

Localid. mais próxima: Três Minas / Covas / Ribeirinha

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'56.25"N, 7°31'49.12"W - 41°29'51.13"N, 7°31'35.28"W (Povoado), 41°29'47.70"N, 7°31'30.42"W (Corta de Covas), 41°29'38.33"N, 7°31'6.38"W (Corta da Ribeirinha), 41°29'35.48"N, 7°30'54.08"W (Corta dos Lagoinhos)

Altitude: 834 m

Classificação: IIP (Decreto 67/97, DR 301 de 31-12-1997)

Localização: Situa-se na estrada Tinhela de Baixo - Tresminas, de ambos os lados.

Área dos vestígios: 6 ha

Descrição: Foi provavelmente durante o reinado de Tibério (14 a 37 d.C.) que se iniciou a exploração mineira sistemática de Tresminas, a qual se prolongou até meados do séc. III d.C.. Em toda a zona, à volta das minas, são muito numerosos os vestígios de época romana. Os achados isolados de moedas e inscrições são numerosos, sendo de salientar algumas inscrições de legionários da Sétima Legião, aqui destacada para proteger o complexo, assim como várias estelas funerárias de trabalhadores emigrados de *Clunia*. Destacam-se ainda vários vestígios estruturais ligados à exploração, como as duas barragens no rio Tinhela (Barragem da Ferraria e Barragem do Vale das Veias), os canais de água, com o comprimento de vários quilómetros, a cisterna e várias lavarias de minério.

Foi objeto de escavações arqueológicas em 1986, por Jürgen Wahl, e dos seus resultados, para além do achado de moedas, lucernas e sigilatas, entre outros, não foi possível

determinar, com toda certeza, os limites da povoação mineira. Sabe-se, no entanto, com base na dispersão dos achados de superfície, que o seu núcleo se estendia pelas planícies, suavemente inclinadas, a oeste e a sul da Corta de Covas, sobretudo na linha de 840 m de altitude.

Os outros locais de achados, situados mais longe, nos vales, deverão certamente ser interpretados sobretudo como locais de preparação e tratamento metalúrgico (lavarias), para cuja localização a proximidade da água era a condição prévia mais importante. Faziam ainda parte do *vicus*, pois se encontravam muito próximos, o Recinto do Alto do Cimo dos Lagos e a Necrópole da Veiga da Samardã.

Nas escavações de 1988, o investigador deu continuação aos trabalhos iniciados em 1986 para o esclarecimento do tipo, função e cronologia dos edifícios onde já tinha iniciado escavações. Realizou sondagens específicas com o objectivo de determinar os limites da povoação mineira e a estrutura da Cisterna.

Como na maior parte dos sítios mineiros, em Trêsminas também houve a realização de programas de prospecção do ouro e a realização de sondagens, para determinar a quantidade de ouro existente e a sua viabilidade económica. Felizmente, esse programa nunca foi adiante, o que teria destruído o complexo mineiro romano. No desentulhamento de algumas galerias, foram encontrados materiais arqueológicos que ajudam a esclarecer a cronologia da exploração mineira.

Em 2007, iniciou-se um projeto de investigação arqueológica em Tresminas, da responsabilidade de Carlos Batata, cujo programa previa a escavação do povoado mineiro, lavarias, depósito de água, galerias, povoado da Idade do Ferro (Castelo dos Mouros) e canais que levavam água para a exploração. Uns não foram realizados, como a escavação em canais, lavarias e galerias, e outros foram acrescentados como a cisterna, a necrópole e o recinto religioso (?).

Os trabalhos foram iniciados na “Zona de intervenção 2, lado sul”, assim denominada pelo referido investigador, pondo-se à vista as estruturas por ele escavadas, e alargando-se a área dessas sondagens arqueológicas, tendo-se podido caracterizar essas casas como sendo compartimentos de boa qualidade, compostas por muros de pedra tendo como ligante o barro, telhado de telhas romanas e pavimentos de barro, com lareiras centrais. No lado sul do povoado, com base numa imagem do Google Earth, que mostra o alinhamento das

sondagens efetuadas por Jürgen Wahl, nos anos oitenta, e que corresponde ao número de sondagens que reescavámos, sobreposemos a planta elaborada pela equipa desse investigador à nossa planta, verificando-se que alguns dos alinhamentos de muros por eles desenhados não correspondiam ao que existia no terreno.

Os materiais arqueológicos encontrados são abundantes e entre eles encontram-se moedas em bronze e uma forrada a prata, taças e pratos de *sigillatae*, inúmeros pesos de tear, ligados a atividades de fiação e uma lucerna (candeia de iluminação), entre muitos outros materiais. No centro do povoado surgiu um canal de transporte de água para a zona da lavaria da Galeria de Esteves Pinto e, quiçá, para outras lavarias existentes.

A campanha de escavações de 2008 desenvolveu-se em volta da área escavada em 2007, tendo-se procedido ao alargamento de alguns quadrados em duas áreas do povoado (uma a Este outra a Noroeste), para compreensão das estruturas postas à vista no ano anterior e que não haviam sido completamente escavadas. Por falta de meios não foram feitos trabalhos arqueológicos na parte sul do povoado, assim como não foram efetuados nenhuns trabalhos de escavação dos quadrados onde se encontrava o canal.

No que respeita aos setores escavados no povoado, o de este revelou a presença de uma rua pavimentada com várias camadas de estéril da mina e uma canalização de esgoto. Por baixo surgiram várias fossas e canaletes ligando diversas fossas, o que ampliou os nossos conhecimentos sobre uma fase inicial da exploração, a de uma unidade de tratamento do ouro, com diversas fossas de decantação. O setor noroeste, revelou o complexo urbanismo de uma casa com átrio, construída no local, onde primitivamente também existiram fossas ligadas à exploração do ouro.

A campanha de 2009 não trouxe dados excepcionais. Os quadrados escavados permitiram a definição e a clarificação de algumas estruturas do povoado. Assim, a escavação dos quadrados, na área norte, permitiram definir o Compartmento III e Compartmento IV da Casa II. O primeiro revelou-se como um provável quarto, com paredes rebocadas com argila avermelhada, e o segundo, como uma grande sala, paralela ao Compartmento I. Os pavimentos de ambos os compartimentos são compostos por barro esverdeado, recobrendo estruturas mais antigas.

Ainda pertencente à mesma casa, foi escavado o corredor, e o resto do Compartmento

II, interpretado como um quarto. Ambos apresentavam pavimentos de barro esverdeado. Ambas as estruturas assentavam sobre pavimentos de quartzo leitoso miúdo, igual ao da Rua I, bem como o Compartimento III que, por baixo do pavimento esverdeado, apresentava também este tipo de pavimento.

Com a localização dos restos da canalização de esgoto, sob o Compartimento II da Casa II, cronologicamente igual à da canalização da Rua I, e com a verificação de que a parede ocidental do quarto apresentava vala de fundação rompendo o pavimento de quartzo leitoso (o que quer dizer que foi construído sobre este pavimento), chegou-se à conclusão que, no séc. I d.C., não existia esta casa de átrio central e que a Rua I se prolongava para norte, até à zona do futuro átrio. Verificou-se também que o Compartimento III não existia, no séc. I d.C., sendo o limite da rua o Compartimento II.

Ainda do lado oeste, a escavação dos quadrados permitiu completar a planta dos Compartimentos III e II.

No lado sul do povoado, a escavação de dois troços do canal não trouxe dados novos para além dos conhecidos. Foi escavado o que faltava da Canalização I, verificando-se que esta escorria para o canal. Foram encontrados os buracos de fixação das traves de sustentação da ponte de madeira sobre o canal, que apresenta 1,50 m de largura, o suficiente para a passagem de carros. A ponte encontra-se no enfiamento da Rua I, de orientação norte-sul.

Na Sondagem E, foram encontrados três buracos retangulares de fixação de traves que, aliado ao apoio de fuso encontrado em anteriores trabalhos, permitiu identificar um provável engenho ligado à fiação. Este encontrava-se a bloquear a passagem da ponte, pelo que a sua construção só deve ter ocorrido após o entulhamento do canal, o que permitia que os carros o atravessassem em qualquer lado.

Do lado sul do canal, verificou-se a existência de uma rua de carros (Rua II), de sentido este-oeste, cuja existência já se desconfiava pelas anteriores escavações no local. Para além do desgaste do xisto, apresentava fragmentos de mós, pedras e estéril quartzítico, a regularizar o piso. A identificação da pequena canalização, que se inicia numa espécie de passeio, onde eram efetuados os despejos, passando por debaixo desta via, confirma a sua existência.

A campanha de 2010 permitiu a definição e a clarificação de algumas estruturas do

povoado. Assim, a escavação dos quadrados, na área noroeste, permitiu definir os compartimentos IV, VI e VII da Casa II. Os compartimentos IV e VI revelaram-se como prováveis áreas de serviço da Casa II, enquanto o Compartimento VII se revelou como um provável quarto, com paredes rebocadas com argila avermelhada. A reformulação dos compartimentos IV e VI, revelaram que, numa fase anterior, existiam dois compartimentos de iguais dimensões, em que um deles (o do lado sul), funcionou com um tear.

Do lado nordeste, tentou-se obter a planta dos Compartimentos I e V, o que não se conseguiu, pois são compartimentos muito grandes, ainda não se encontrando totalmente escavados pelo lado este. Continuou-se a escavação da já longa Fossa III, tendo-se encontrado o seu término a oeste, mas não a este.

A finalizar, falta ainda referir que o povoado foi construído sobre uma zona onde se realizou a exploração de um filão superficial, com lavaria, onde coexistem grandes fossas escavadas no xisto, a par de outras mais pequenas e menos profundas, com canaletes interligando-as, e edifícios oficinais, como o Compartimento I, dentro do qual existia um pequeno forno de fundição e uma cova de fundo muito polido, provavelmente de farinação do metal.

Materiais: Tégulas esgrafitadas, mós redondas, bases de pilões, moedas, lucernas, cerâmica comum romana, fíbula em prata, cerâmica romana de tradição indígena.

Depósito de materiais: Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar (pico-enxada em ferro, 2 mós em granito) e Serviços de Fomento Mineiro do Porto (IGM) (2 frags. de trave de madeira, cabo em tiras de couro, 2 lucernas e 3 frag. de outras e uma completa do séc. I/II d.C., frag. de lucerna do séc. I, lucerna do séc. II/III, 2 frags. do séc. I a V), Museu Nacional de Arqueologia (fusilhão de fíbula do séc. I a meados do séc. II d.C. (Inv. nº E6399), aro de fíbula do Séc. I (Inv. nº E6400), anel em cobre (Inv. nº E6401)).

Tipologia: *Vicus*

Cronologia proposta: Época Romana, sécs. I a III d.C.

Bibliografia: Argote, 1732: 473-480; Leal, 1880: 741; Leal, 1886: 903; Botelho, 1904: 56-58; Botelho, 1907: 26-27; Harrison, 1931: 144; Jones et al., 1938: 15-17 e 20-21; Carvalho e Ferreira, 1954: 15-18; Jones et al., 1955: 1-5; Mackay et al., 1957; Castro, 1960: 281-294; Madureira, 1962: 139-144; Castro, 1963: 3-14; Allan et al., 1965: 15, 19; Almeida, 1970: 287-300; Almeida, 1973: 554-555 e 559-562; Carvalho, 1978: 4-12; Carvalho, 1980: 2-17; Tranoy, 1981: 222-224, 233 e 276; Alarcão, 1983: 131-133; Alarcão, 1988: 125-126; Oliveira et al., 1987: 3-25; Domergue, 1987: 536-542; Lopo, 1987: 153; Wahl, 1988: 59-68;

Wahl, 1988a: 221-244; Domergue, 1990: 41, 76, 201, 205, 281, 340, 349 e 546; Colmenero et al., 1997: 16, 33, 66, 307 e 472; Cardozo, 1999: 311-327; Pereira e Soares, 2002; Martins, 2005: 196-236; Machado, 2005: 24, 33-62; Sousa, 2005: 18, 23 e 124-135; Brandão et al., 2006: 561-562; Ribeiro et al., 2006: 199-210; Batata, 2007: 8-17; Batata et al., 2008: 130-136; Batata, 2009: 15-23; Batata, 2010; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 15a (SA 15a)

Nome da estação: NÚCLEO DA CORTA DE COVAS

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'44.15"N, 7°31'28.59"W

Altitude: 839 m

Localização: Situa-se junto às montureiras da Corta de Covas, entre o povoado romano e o Recinto, do lado esquerdo da Estrada Municipal 1164, antes de chegar ao Parque de Estacionamento.

Descrição: Local sondado por Jürgen Wahl em 1986 e 1988. Por falta de meios, e de tempo, não foi possível desenvolver grandes trabalhos arqueológicos nesta área, que é fundamental para entender a evolução do urbanismo do *vicus*, e a necessidade da desativação de núcleos habitacionais ou oficinas, para alargamento da mina.

Em 2009, quadriculou-se uma área de 12 x 8 m, correspondente às sondagens 5, 3 e 1 de Jürgen Wahl que, ao contrário do que acontece no povoado, têm aqui uma correspondência exata com o que existe no terreno. Em primeiro lugar, procedeu-se à desmatação das estevas e tojos que ocupavam o lugar, num mato bastante cerrado. Era, porém, ainda visível, o areão granítico com que Jürgen Wahl tapou as sondagens.

Após a remoção deste, verificou-se que o investigador apenas havia escavado cerca de 20 cm, tendo posto à vista o topo de dois muros interligados. O mais extenso atravessa o quadrado na diagonal e apresenta sentido norte-sul; o segundo parte deste muro para este.

Escavámos o que restava de entulho, composto por pedras de pequena e média dimensão e algumas tégulas e *imbrices*, proveniente das montureiras da Corta de Covas. Do lado oeste apareceu o afloramento de xisto, e no interior do Compartimento I, um piso de barro amarelado, tendo uma base redonda de xisto, junto ao muro de sentido oeste-este. Ainda do lado oeste, surgiu uma fossa de grande diâmetro (Fossa I), que se prolonga para sul (para o quadrado 3 de Jürgen Wahl), e para debaixo do muro de sentido norte-sul, com 70 cm de profundidade. Estava preenchida com médios e grandes blocos de xisto, bem como com tégulas, *imbrices*, cerâmica comum, *sigillata* e um peso de tear.

Já Jürgen afirmava, e comprova-se, que este núcleo de habitações se prolonga para debaixo das montureiras da Corta de Covas. Terá sido desativado pela necessidade de alargamento da escavação mineira, talvez em finais do séc. I d.C., tendo em conta que o fragmento de *sigillata* se encontrava nos entulhos que colmatavam a Fossa I.

Materiais: Tégulas, *imbrices*, cerâmica romana de tradição indígena, sigilatas e peso de tear.

Tipologia: *Vicus*

Cronologia proposta: Época Romana, séc. I d.C.

Bibliografia: Wahl, 1988: 59-68; Batata, 2010; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 15b (SA 15b)

Nome da estação: ALTO DO CIMO DOS LAGOS

Código Nacional de Sítio (CNS): 17904

Localid. mais próxima: Três Minas / Covas / Ribeirinha

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'37.03"N, 7°31'27.51"W

Altitude: 845 m

Localização: Situa-se no pinhal, em frente do parque de estacionamento das minas

Área dos vestígios: 0,5 ha

Descrição: Está implantado numa zona aplanada, contígua à exploração romana de Tresminas, entre as cortas de Covas e da Ribeirinha, e como indica o nome, numa zona alta, porém, não a mais elevada, pois existem nas proximidades cabeços mais altos. Este local, denominado Alto do Cimo dos Lagos, apresentava um talude semicircular, no lado oeste, e taludes paralelos a sul e a norte. Tem de comprimento cerca de 70 m e de largura cerca de 50. A zona encontra-se ocupada por mato e floresta, e a existência da estrutura é só visível por formar um talude, nalguns pontos bem perceptível. Segundo a base de dados Endovélico, tratar-se-ia de um recinto fortificado, podendo eventualmente tratar-se de um acampamento militar romano, com o objetivo de guardar e vigiar a zona de exploração das minas romanas de Tresminas. Esta hipótese deve ser posta de lado, pela inexistência de materiais arqueológicos típicos de acampamentos romanos. Jürgen Wahl tinha uma interpretação completamente diferente, considerando que se poderia tratar das fundações de um pequeno anfiteatro.

Em 2007, com o intuito de esclarecer dúvidas quanto à sua tipologia, foram realizadas duas sondagens de 2 x 2 m, uma no interior do recinto e uma sobre o talude. A sondagem B, sobre o talude, revelou a existência de dois muros paralelos, a 2,50 m um do outro, e preenchidos no espaço intermédio por terra. A sondagem A, na parte mais ocidental do interior do recinto, revelou-se completamente estéril.

Em 2008 foi realizada outra sondagem na parte plana interior do recinto (Sondagem C), e duas sobre os taludes (Sondagens D e E). A sondagem realizada no interior do recinto, com uma potência de solo de cerca de 30 cm, tal como a B, revelou-se completamente estéril. As sondagens dos taludes revelaram a existência de dois muros paralelos de pedra de xisto ligadas com barro amarelado, distantes entre si cerca de 2,40 m e com preenchimento de terra, comprovando que rodeavam todo o recinto, excepto do lado oriental.

A sondagem D foi realizada do lado oposto da Sondagem A, sobre o talude do recinto (lado sul), com as dimensões de 2 x 5 m, de forma a escavar os dois muros paralelos. Foi implantada numa zona, onde o talude era praticamente inexistente, e onde se pretendia verificar se se tratava de uma entrada no recinto. Revelou a existência de dois muros paralelos, com cerca de 60 cm de espessura cada um, equidistantes cerca de 2,40 m. O muro interior encontrava-se razoavelmente conservado, apesar de apresentar uma altura muito inferior ao da Sondagem B. O muro exterior encontrava-se praticamente destruído, assentando sobre a camada de preparação de assentamento dos muros. Na base deste muro destruído encontrou-se cerca de 1 kg de cavilhas de ferro, formando um molho, e que indicariam um ritual de fundação dos muros do recinto.

Na campanha de 2009 foi aberta uma nova sondagem de 2 x 2 m (Sondagem F) no que parecia ser um talude de terra e que fecharia o recinto pelo lado este, e na qual nada se encontrou. Foi feita também a escavação dos Compartimentos I, II e III da Sondagem E, bem como o exterior dos muros, que revelaram alguns dados interessantes. O Compartimento I não se encontra totalmente delimitado, pois os seus limites vão para além da quadrícula, avançando para oeste. O Compartimento II, revelou um embasamento de lareira, constituído por lascas de xistos e formando uma meia-lua, adossada à parede oeste do compartimento. Apresentava uma pequena camada de terra escura (restos de cinzas) no interior. O Compartimento III apresentava a mesma composição estratigráfica, com exceção da lareira, não tendo revelado quaisquer dados que ajudassem a compreender a função destes pequenos compartimentos. A escavação do interior dos Compartimentos I, II e III, bem como o exterior destes, permitiu perceber que os Compartimentos II e III foram acrescentados ao

Compartimento I, pois os muros são de fatura mais irregular. O lado exterior do muro do recinto foi escavado até ao geológico, tendo-se nesta campanha removido o derrube constituído por grandes blocos de pedra que indiciavam que os muros que rodeavam o recinto ainda teriam uma altura considerável. Na base do muro, junto ao afloramento de xisto, surgiram duas moedas romanas, do imperador Cláudio, colocadas intencionalmente naquele local, já que mais nenhuns materiais foram encontrados na área. Tratou-se certamente de um ritual de fundação.

Em 2010, os trabalhos resumiram-se à definição do muro maciço, com cerca de 2 m de largura, que fecha o recinto. Verificou-se que os muros assentam, tal como foi verificado nas sondagens B e D, sobre uma camada de estéril de mina, de tom avermelhado, sem preparação prévia do terreno, pois este estéril foi colocado diretamente sobre a camada humosa preexistente.

Materiais: Cavilhas de ferro, fragmento amorfo de cerâmica e 2 moedas de Cláudio.

Tipologia: Recinto religioso (?)

Cronologia proposta: Época Romana, séc. I d.C.

Bibliografia: Almeida, 1973: 558; Alarcão, 1988: 126; Pereira e Soares, 2002; Sousa, 2005: 143; Batata, 2007: 6-8; Batata, 2009: 8-11; Batata, 2010; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 15c (SA 15c)

Nome da estação: NECRÓPOLE DA VEIGA DA SAMARDÃ

Outras designações: Veiga da Samardã, Comardão, Entre Vinhas, Três Minas 1, Três Minas 2, Três Minas 3, Três Minas 4, Covas 1, Covas 2, Covas 3, Ribeirinha 1, Ribeirinha 2, Vilarelho

Código Nacional de Sítio (CNS): 4578, 4579, 4580, 17906, 17908, 17909, 17910, 17911, 17912, 17913, 17914, 17915, 17916, 17917

Localid. mais próxima: Covas, Ribeirinha, Tresminas, Vilarelho e Granja

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°30'5.10"N, 7°31'45.16"W

Altitude: 840 m

Localização: Na estrada Tinhela de Baixo - Tresminas, do lado esquerdo, antes do povoado.

Descrição: As referências bibliográficas e as informações orais dão conta da existência da necrópole da Veiga da Samardã, localizada na periferia noroeste do complexo, ao lado e a norte do que se supõe ser a principal zona habitacional do conjunto. As inscrições

conhecidas, e que se encontraram nas povoações de Vilarelho e Covas, provêm certamente daqui. As restantes foram achadas aquando da abertura da estrada (1937) ou arrancadas pelos arados na zona da necrópole. Jürgen Wahl havia já realizado uma sondagem no local da necrópole, apenas tendo encontrado a via romana.

Em 2007 foram realizadas três sondagens de 2 x 2 m, com o intuito de verificar a existência de sepulturas romanas, dado que muitas das inscrições romanas de Trêsmas provinham desta área, onde a tradição e informação de populares referiam o aparecimento de jarrinhas de vidro e pequenos potes. O solo xistoso apresentava pouca potência e os resultados foram inconclusivos. A Sondagem A, aberta no local mais afastado da estrada, apenas revelou uma cova no substrato geológico, não integralmente escavada dado que parte dela se encontrava fora da quadrícula. Não foram encontrados quaisquer materiais arqueológicos. A Sondagem B foi aberta entre a 1ª e a 3ª sondagem, não tendo revelado qualquer material arqueológico ou alteração do substrato geológico. A 3ª sondagem (Sond. C) foi aberta junto à estrada alcatroada, não tendo revelado qualquer vestígio.

Em 2008 foram abertas duas novas sondagens (D e E) e alargada a Sondagem A. A Sondagem E, com as dimensões iniciais de 2 x 2 m, revelou a presença de uma sepultura, superficialmente muito remexida pelos arados, com algumas pedras de xisto desconexas. Por baixo encontrou-se uma larga sepultura escavada no xisto, pouco profunda, repleta de ossos humanos calcinados, cavilhas e taxas de ferro, um pote negro alisado no exterior e com a inscrição *Allivs Arrv*, fragmentos de um pote de tamanho médio em cerâmica comum, e 6 contas de colar de boa fatura. A sondagem inicial foi alargada em 1 x 2 m do lado oeste e 1 x 2 do lado sul, de forma a abranger a totalidade da sepultura. Apesar do alargamento, ainda ficaram por escavar as partes terminais da sepultura (lados oeste e este).

O ritual de incineração encontra-se bem evidenciado. A presença de grandes carvões de madeira e as cavilhas, dizem-nos que a incineração foi feita *in situ*, com estrutura de madeira armada onde foi depositado o cadáver. Todo o material incinerado caiu diretamente dentro da larga sepultura, encontrando-se ainda alguns ossos calcinados em conexão anatómica. Esta sepultura tem características que divergem um pouco das habituais necrópoles romanas do Alto Império, com um ritual de incineração mais antigo, ligado ao mundo indígena. Tal não quer dizer que não se venham a encontrar sepulturas de incineração mais ao estilo romano. As lápides romanas encontradas nesta área apontam para isso.

Em 2010, completou-se a escavação da sepultura, denominada Sepultura I, devido ao facto de terem aparecido mais, através de um alargamento de 1 x 3 m, a este, e 1,5 m x 3 m, a oeste, de modo a recuperar os restos osteológicos ainda visíveis nos cortes, bem como carvões e restante material associado. Do lado este, delimitou-se a sepultura e a oeste surgiram mais 3 sepulturas, de características completamente diferentes desta última.

A Sepultura II encontrava-se destruída pelo lado este, formando um alinhamento ovalado de pedras de xisto, com urna funerária em cerâmica micácea. O pote não continha cinzas ou ossos, nem quaisquer materiais arqueológicos; no resto da sepultura, os materiais osteológicos e o carvão encontravam-se misturados com os da Sepultura I, sem que tivesse sido possível distinguir os que pertenciam a cada uma delas.

A Sepultura III era composta por uma fiada de pedras de xisto circular, formando um duplo anel; no interior encontrava-se grande quantidade de taxas de ferro, cavilhas, carvão e ossos calcinados, bem como um pequeno pote completo.

Do lado sudeste, encontrou-se uma outra mancha de cinzas, com ossos calcinados, cavilhas e taxas de ferro, carvão e alguns fragmentos cerâmicos pertencentes a urna funerária (Sepultura IV). A sepultura encontrava-se muito remexida, tendo tal fenómeno acontecido na época das deposições, e não por violações *a posteriori*, pois as sepulturas encontravam-se cobertas por uma fina camada de terra lixiviada, que selava todo o conjunto.

Materiais: 15 inscrições em granito, 1 inscrição em xisto, 2 potes pequenos e 1 grande, de cerâmica cinzenta, cavilhas, taxas de ferro, ossos calcinados, 6 contas de colar, 3 fíbulas em prata, jarrahos em vidro.

Depósito de materiais: Museu Nacional de Arqueologia: (EPI 02), (EPI 05), (EPI 06), (EPI 08), (EPI 12) e (EPI 23); Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar: (EPI 22); Museu da Região Flaviense (EPI 18); paradeiro desconhecido: (EPI 01), (EPI 07), (EPI 13), (EPI 14), (EPI 16) e (EPI 19); Torre de Quintela, Vila Real ou Museu de Arqueologia e Numismática: (EPI 09) e (EPI 10); Centro Interpretativo de Tresminas (EPI 11), (EPI 15); Jardim da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar (EPI 17).

Tipologia: Necrópole

Cronologia proposta: Época Romana, meados do séc. I d.C.

Bibliografia: Argote, 1732: 480; Hübner, 1869: 334, nº 2389, nº 2390, nº 2391 e nº 2392; Leal, 1880: 742-743; Leal, 1886: 1302; Sarmiento, 1894: 29; Leal, 1886: 1302; Vasconcelos, 1897: 222, 228 e 229; Guimarães, 1901: 57; Botelho, 1905: 26-27 e 29;

Botelho, 1907a: 27-28; Botelho, 1907b: 26-28; Botelho, 1907c: 30; Hübner, EE: 1913, nº 108; Vasconcelos, 1937: 193-195; Cardozo, 1954: 128-130; Hae, 1953-54; Madureira, 1962: 146-148 e 150; Russel Cortez, 1947: 252 e 262; Castro, 1963: 11; ILER, 1971: nº 55 e 86; Almeida, 1973: 554-555; Parente, 1980: 4-9; Parente, 1980a: 4-10; Montalvão, 1971: 56; Le Roux, 1982: 147, 197 e 240; Alarcão, 1983: 169; Cardozo, 1985: nº 30 e 31; Silva, 1986: 297; Domergue, 1987: 540; Centeno, 1987: 132; Alarcão, 1988: 124 e 126; Garcia, 1991: 340, nº 172 e 406-407, nº 346, 347 e 348; Colmenero et al., 1997: 46-48, 122, 152, 182-183, 196, 219-220, 233-234, 264, 275-276; Cardozo, 1999: 317-323; Pereira e Soares, 2002; Parente, 2003: 125 e 127; Sousa, 2005: 138-141, 155-162; Santos, 2010; Batata, 2007: 8; Batata, 2009: 12-14; Batata, 2010a.

Sítio Arqueológico 15d (SA 15d)

Nome da estação: ACAMPAMENTO MILITAR

Localid. mais próxima: Três Minas / Covas / Ribeirinha

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'52.32''N, 7°31'38.36''W

Altitude: 848 m

Localização: No morro a oeste da Corta de Covas.

Descrição: Zona aplanada e de rochas afeiçoadas a pico, com dois longos muros paralelos, muito destruídos, formando um retângulo de 200 m de comprimento por 100 de largura, em parte truncado na largura pelo avanço da corta, a sul.

São daí alguns dos trabalhos arqueológicos efetuados por Jürgen Wahl (Núcleo Primário ou Zona de escavações 2) (Wahl, 1988a), entre 1986 e 1988, mas as informações são escassas. A leste encontra-se um grande edifício quadrangular (32 m²), que foi sepultado por uma montureira, a que não conseguiu encontrar uma função, e onde encontrou uma moeda de Cláudio. Este edifício encontra-se em posição centrada no que seria a parte oriental do acampamento.

A via romana, pré-existente à parte norte da corta (**V4**), atravessava o acampamento de este para oeste, e provavelmente, de sul para norte, no seu extremo ocidental, existiria outra (**V2**). A primeira teria sido posteriormente desviada, passando a sul, por dentro do *vicus* que entretanto se desenvolveu radialmente em relação ao acampamento romano, com exceção da parte oriental e sul onde se desenvolvia a exploração mineira.

Tipologia: Acampamento militar

Cronologia: Época Romana, sécs. I a III d.C.

Bibliografia: Inédito

Sítio Arqueológico 16 (SA 16)

Nome da estação: LAMEIRA DA CAMPA

Localid. mais próxima: Quintã

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°26'21.6''N, 7°37'19.8''W

Altitude: 865 - 880 m

Localização: À saída da povoação para noroeste.

Descrição: O povoado romano apresenta uma área com cerca de 2 ha, com ocupação do Alto/Baixo Império Romano e Época Visigótica. As sepulturas situam-se dentro de uma propriedade murada, pertencente à Sra. Maria José Rainho, designada *Lameira da Campa*.

A 2ª sepultura encontra-se cerca de 200 m a sudoeste da primeira, tem rebordo para a tampa e encontra-se danificada.

SEP 1 - Antropomórfica

Comprimento: 183 cm

Largura nos ombros: 47 cm

Largura aos pés: 33 cm

Altura: 35 cm

Orientação: 270° W

SEP 2 - Ovalada

Comprimento: 162 cm

Largura à cabeceira: 45 cm

Altura: 33 cm

Orientação: 270° W

Materiais: Tégulas, cerâmica comum, SER

Tipologia: Necrópole

Cronologia proposta: Época Romana até à Alta Idade Média

Bibliografia: Batata et al., 2008: 171-172.

Sítio Arqueológico 17 (SA 17)

Nome da estação: TRÁS DA RELVA

Código Nacional de Sítio (CNS): 21645

Localid. mais próxima: Tinhela de Baixo

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°31'06.3''N, 7°35'29.1''W

Altitude: 890 m

Localização: Na estrada Vila Pouca de Aguiar - Tinhela de Baixo, corta-se por estrada de terra do lado direito, antes da povoação.

Descrição: Implantação em plataforma de pendente pouco acentuada, sobranceira ao vale formado por uma pequena linha de água, afluente do Rio Tinhela. À superfície observaram-se escassos fragmentos de tégula indiciadores de um *habitat* que se presume desenvolver nas imediações mas cuja extensão espacial não foi possível determinar com exatidão.

Materiais: Tégulas

Tipologia: Cabana

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Sousa, 2005: 141; Batata et al., 2008: 69-70.

Sítio Arqueológico 18 (SA 18)

Nome da estação: RONCÃS

Código Nacional de Sítio (CNS): 17886

Localid. mais próxima: Tinhela de Baixo

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°30'39.9''N, 7°34'53.6''W

Altitude: 860 m

Localização: No sentido Vila Pouca - Tinhela de Baixo, corta-se no fim da povoação, por estrada de terra do lado direito.

Área dos vestígios: 1 000 m²

Descrição: Este sítio localiza-se numa encosta de declive muito suave na margem direita do rio Tinhela, em zona de bons solos agrícolas. Numa zona de cultivo de milho, encontraram-se bastantes escórias à superfície e restos de um forno de fundição, e alguns fragmentos de telha, de cronologia indeterminada. Imediatamente por cima surge uma grande depressão no terreno, claramente artificial, consistindo numa espécie de trincheira a céu aberto no solo rochoso, formando uma depressão funda, com cerca de 2 m. Poderá estar relacionada com a barragem romana de Vale das Veias, cujo paredão se inicia ao lado, podendo ser a pedreira de onde se extraiu a pedra para a sua construção, ou, dada a existência de escórias e de um forno, tratar-se de uma exploração de ferro. Do lado norte, nota-se a existência de trilhos de uma via antiga (**V4b**).

Materiais: Escórias, forno e telhas

Tipologia: Pedreira

Cronologia proposta: Época Romana (?). Época Medieval

Bibliografia: Soares, 2001.

Sítio Arqueológico 19 (SA 19)

Nome da estação: PONTE DO ARCO e VIA ROMANA

Código Nacional de Sítio (CNS): 33029

Localid. mais próxima: Ponte do Arco

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°24'23.61"N, 7°36'29.17"W

Altitude: 690 m

Código Nacional de Sítio (CNS): 18008

Classificação: Em Vias de Classificação (Despacho de 14-09-2006).

Localização: Na estrada entre Pinhão Cel e Barrela de Jales.

Descrição: Pequena ponte em granito de um só arco, sobre o rio Pinhão. Da primitiva construção romana, restam ainda os pilares e o arco, de volta perfeita, que apresenta várias pedras almofadadas. O tabuleiro é plano, de construção posterior, mantendo as guardas e um piso em grandes lajes. Foi reconstruída, pois o aparelho (miolo) apresenta diferenças em relação ao romano. Do lado da Barrela de Jales tem via pavimentada com lajes de granito e cerca de 3 m de largura média (V2). Este troço passa próximo à Fonte do Sapo.

Tipologia: Ponte e via romana

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Montalvão, 1971: 58; Soares, 2001; Sousa, 2005: 137; Machado, 2005: 33; Almeida, 2005; Batata et al., 2008: 170.

Sítio Arqueológico 20 (SA 20)

Nome da estação: PONTE DA FONTE DA RIBEIRA

Localid. mais próxima: Revel

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'47.40''N, 7°35'58.99''W

Altitude: 727 m

Localização: Sobre o rio Tinhela, na estrada de terra entre Revel e Cidadelha de Jales, no limite das freguesias de Alfarela de Jales e Tresminas.

Descrição: Pequena ponte em granito sobre o Rio Tinhela que se apresenta em bom estado de conservação, tendo um só arco que termina em bico fazendo lembrar o gótico. Por paralelos existentes noutros pontos do país, poderá datar dos sécs. XVI /XVII, e encontra-se no trajeto da via romana que ligava o Campo de Jales a Tresminas (V2 e V2b).

Tipologia: Ponte

Cronologia proposta: Época Moderna

Bibliografia: Batata et al., 2008: 150.

Sítio Arqueológico 21 (SA 21)

Nome da estação: VALES

Código Nacional de Sítio (CNS): 17918

Localid. mais próxima: Vales

Descrição: Segundo informações bibliográficas, foi encontrado em 1894, perto da aldeia de Vales, na Veiga dos Vales, um tesouro de denários de Augusto, todos do tipo *Caius* e *Lucius Caesares*, segundo Azevedo, em quantidade e contexto desconhecidos, tendo entretanto desaparecido, bem como os outros materiais romanos. Botelho, em 1904, refere o aparecimento de tijolos, vasos e caçarolas.

Materiais: Moedas de prata e bronze, tijolos, vasos, caçarolas.

Depósito de materiais: Desaparecido (existem 2 denários no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real).

Tipologia: Achado(s) Isolado(s)

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Azevedo, 1895: 135; Botelho, 1904: 56; Almeida, 1973: 555-556; Parente, 1980: 9-10; Centeno, 1987: 84; Soares, 2002; Sousa, 2005: 152-153; Batata et al., 2008: 146-147.

Sítio Arqueológico 22 (SA 22)

Nome da estação: MOUTA

Localid. mais próxima: Guilhado

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°30'00.2''N, 7°36'50.6''W

Altitude: 960 m

Localização: Dentro de Guilhado, num quintal particular.

Descrição: Sepultura escavada na rocha granítica, num imenso afloramento que ali existe. Não foram observados vestígios do *habitat* que ali deveria existir. Situa-se perto de uma via muito antiga (V2c).

SEP 1 - Antropomórfica

Comprimento: 170 cm

Largura nos ombros: 45 cm

Largura aos pés: 35 cm

Profundidade: 30 cm

Orientação: 290° W

Tipologia: Sepultura

Cronologia proposta: Alta Idade Média

Bibliografia: Batata et al., 2008: 154-155

Sítio Arqueológico 23 (SA 23)

Nome da estação: MARCO

Outras designações: Barrela, Barrela de Jales

Código Nacional de Sítio (CNS): 18007

Localid. mais próxima: Barrela

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°25'26.1''N, 7°36'00.6''W

Altitude: 756 m

Código Nacional de Sítio (CNS): 18007

Classificação: Em Vias de Classificação (Despacho de 02-05-1997).

Localização: Dentro de Barrela, no sentido de Vreia de Jales, corta-se por caminho de terra à esquerda. A estátua encontra-se sob um castanheiro, a cerca de 300 m a oeste.

Descrição: Escultura em granito, de forma antropomórfica. Tem 2,30 m de altura, e encontra-se ainda no que se presume ser a sua implantação original. Situa-se ao lado de uma das variantes da via romana que segue para o Campo Mineiro de Jales e Tresminas (V2). A cronologia destas estátuas-estelas é, genericamente, atribuída ao Bronze Final/Idade do Ferro.

Tipologia: Escultura

Cronologia proposta: Idade do Bronze / Idade do Ferro

Bibliografia: Lopes et al., 1994: 147-150; Soares, 2001; Parente, 2003: 47, 48 e 112; Sousa, 2005: 93 e 96, 107-109; Almeida, 2005; Batata et al., 2008: 163-164.

Sítio Arqueológico 24 (SA 24)**Nome da estação: IGREJA DE TRÊS MINAS****Código Nacional de Sítio (CNS): 17907****Localid. mais próxima:** Três Minas**Coordenadas GPS:** CMP 75, 41°28'52.95''N, 7°31'3.76''W**Altitude:** 732 m**Localização:** No centro da aldeia

Descrição: A igreja de Três Minas mantém ainda vários vestígios da sua origem medieval, apesar de várias alterações modernas. De época medieval restam ainda dois portais, o arco da capela-mor e a cachorrada. Existe também um fragmento de uma inscrição medieval numa parede onde se lê “*Era milésima ...*”.

Guardado atualmente num nicho do muro do adro da igreja, encontra-se um sarcófago em granito, que se encontrava parcialmente soterrado na altura da sua descoberta. Apresenta uma forma antropomórfica, acentuadamente trapezoidal, anepígrafo e sem decoração, encontrando-se na base do muro de vedação do adro da igreja paroquial, do lado oeste, da qual dista cerca de 4 m. Tem cerca de 2,09 m de comprimento e 76 cm de largura. Encontrava-se coberto por uma tampa em granito, bem aparelhada, com rebordo de 6 cm a todo o comprimento. Tem configuração ligeiramente abaulada, é igualmente anepígrafa, e apresenta uma pequena cruz grega gravada na metade superior. No momento da descoberta, o sarcófago continha ainda um esqueleto completo, com a cabeça voltada para poente, e os pés para nascente, que veio a ser destruído. No interior da igreja encontra-se outro sarcófago granítico, embutido num arcossólio da capela-mor, decorado com brasão ligado à família dos Albuquerque.

No interior da igreja existia ainda uma inscrição romana reaproveitada. Barroca e Morais (1983) referem que nas paredes se encontravam duas bases de pilões romanos junto aos alicerces.

Materiais: 2 sarcófagos, 1 inscrição romana, 2 bases de pilão romanos**Tipologia:** Achado(s) Isolado(s)**Cronologia proposta:** Medieval

Bibliografia: Argote, 1732: 477; Leal, 1880: 742; Botelho, 1904: 56; Madureira, 1962: 144; Barroca e Morais, 1983: 99-100; Soares, 2002; Parente, 2003: 142; Machado, 2005: 26-31; Sousa, 2005: 171 e 182-183; Batata et al., 2008: 147-148.

Sítio Arqueológico 25 (SA 25)

Nome da estação: TRINCHEIRA DE STA. BÁRBARA

Localid. mais próxima: Campo de Jales

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°27'29.52'' a 41°27'20.93''N e 7°35'41.02'' a 7°35'49.55W

Altitude: 850 - 870 m

Localização: Na estrada Guilhado - Alfarela de Jales, após o cruzamento para as Minas de Jales, de ambos os lados da estrada.

Descrição: Trincheira com 330 m de comprimento e cerca de 10 m de largura, aberta no granito.

Tipologia: Mina

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Martins, 2005: 166; Batata et al., 2008: 167.

Sítio Arqueológico 26 (SA 26)

Nome da estação: MURADA

Código Nacional de Sítio (CNS): 17311

Localid. mais próxima: Quintã

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°15'39.0''N, 7°37'51.4''W

Altitude: 1104 m

Localização: No estradão Guilhado - Quintã, corta-se à direita e passa-se por baixo do viaduto da A 24 e contorna-se o amplo cabeço.

Área dos vestígios: 1 ha

Descrição: Sítio fortificado, situado num cabeço rochoso em esporão no flanco este da Serra da Falperra, debruçado sobre o vale do rio Pinhão. É acessível apenas pelo colo de acesso a oeste, onde se nota a existência de uma linha de muralha, de tosca construção, muito derrubada, que se adossa aos numerosos penedos do cabeço. Não se encontraram materiais de superfície, e não há certezas quanto à cronologia do sítio.

Tipologia: Povoado Fortificado

Cronologia proposta: Idade Média?

Bibliografia: Pereira e Soares, 2001; Almeida, 2005; Batata et al., 2008: 172-173.

Sítio Arqueológico 27 (SA 27)

Nome da estação: BARRAGEM DE CABANAS

Localid. mais próxima: Cabanas

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°31'27.00"N, 7°28'33.10"W

Altitude: 785 m

Localização: Na rua principal de Cabanas, corta-se à esquerda por estrada de terra que vai para oeste, corta-se no cruzamento à esquerda, e depois sempre à esquerda, descendo até aos cortiços.

Descrição: Barragem de terra, cortada pela torrente, mas com testemunhos laterais, a meio-percurso do Regato do Sobreiro, com cerca de 3 m de altura por 5 de largura. Junto à barragem há sinais de afeição da rocha. Um pouco abaixo começam os canais cortados na rocha, no local denominado Fragas Cortadas. Não se sabe em concreto para onde se dirige o canal.

Tipologia: Barragem

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Inédita

Sítio Arqueológico 28 (SA 28)

Nome da estação: FRAGAS CORTADAS (C10)

Código Nacional de Sítio (CNS): 19420

Localid. mais próxima: Cabanas

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°31'24.50"N, 7°28'35.2"W e 41°31'12.25"N, 7°28'43.61"W

Altitude: 785 m

Localização: Na rua principal de Cabanas, corta-se à esquerda por estrada de terra que vai para oeste, corta-se no cruzamento à esquerda e depois sempre à esquerda, descendo até aos cortiços.

Descrição: Canal de água escavado na rocha, em dois pontos diferentes, numa extensão de 1 km, sendo provável a existência de mais, pois existem muitas fragas, à cota necessária para passar o canal.

Tipologia: Canal

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Freitas, 2001: 201-205.

Sítio Arqueológico 29 (SA 29)

Nome da estação: CASTRO DE CURROS

Outras designações: Castro de Vale de Osso

Código Nacional de Sítio (CNS): 14154

Localid. mais próxima: Curros

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'36.50''N, 7°27'37.89W

Altitude: 550 m

Localização: Sai-se de Curros para sul, por estrada de terra batida, do lado esquerdo do Rio de Curros, e anda-se cerca de 1,5 km até se avistar a crista quartzítica onde o castro se situa.

Descrição: Castro com uma linha de muralhas em xisto, cuja face externa ainda atinge 2 m de altura. A face interna não é visível. É provável que tenha uma 2ª linha de muralhas (acrópole). Foram aí achados fragmentos de tégulas.

Materiais: Tégulas

Tipologia: Povoado fortificado

Cronologia: Idade do Ferro e Época Romana

Bibliografia: Soares, 2003; Freitas, 2001: 198-200.

Sítio Arqueológico 30 (SA 30)

Nome da estação: ALTAR VOTIVO?

Localid. mais próxima: Cidadelha de Jales

Coordenadas GPS: CMP 74, 41°28'47.43''N, 7° 34'0.14''W

Altitude: 727 m

Localização: Junto à Ponte da Fonte da Ribeira (SA 20)

Descrição: Trata-se de um grande bloco granítico talhado em formato retangular, com sapata sobressaída com 22-25 cm de largura. Tem 1,60 m de comprimento, 94 de largura e 90 cm de altura. No topo apresenta duas cavidades paralelas retangulares, com as dimensões de 45 x 31 x 20 e 39 x 21 x 13 cm, que poderia ter servido para colocar aras, pois as há com essas dimensões e que caberiam nestes suportes. Encontram-se ligeiramente descentradas no topo do bloco, com distância de 14 cm entre elas.

Encontra-se no trajeto da via romana entre Jales e Tresminas (V2) e a uma milha romana de uma outra que desapareceu e que se encontrava à beira da mesma via, junto ao Filão da Gralheira.

Tipologia: Altar

Cronologia: Época Romana.

Bibliografia: Inédito

Sítio Arqueológico 31 (SA 31)

Nome da estação: CANAL 1

Altitude: 875 m

Descrição: O canal C1 (SA 39) faria a ligação entre a Barragem das Ferrarias (Rio Tinhela) (SA 01) e a Cisterna (SA 15d) numa extensão de cerca de 6 km. Embora se encontre muito colmatado, são visíveis vestígios de afeiçoamento da rocha, à saída da barragem, na margem esquerda do rio Tinhela, e caminho de manutenção com cerca de 1,5 m de largura, na zona de Vilarelho. Junto da estrada Tinhela de Baixo – Tresminas, no corte esquerdo da estrada, é visível uma camada de areia e pequenas pedras, de tom avermelhado, que corresponde à colmatação do mesmo.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata et al., 2008: 133; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 32 (SA 32)

Nome da estação: CANAL 3

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°30'28.59 a 41°30'7.64'' e 7°31'53.64'' a 7°31'25.45''W

Altitude: 824 m

Localização: Por detrás das Fragas Negras, ao longo do Ribeiro da Fraga.

Descrição: O canal C3 (SA 40), com cerca de 20 m de comprimento reconhecido no terreno e com uma largura mais estreita que os anteriores, teria a sua origem no Ribeiro da Fraga, onde deve ter existido uma barragem ou um açude, passando na margem direita do ribeiro, a meia-encosta; na parte terminal assenta sobre os afloramentos escarpados das Fragas Negras (onde são visíveis afeiçoamentos das rochas para assentamento do muro de sustentação), terminando no enfiamento do Aqueduto I, através da escavação de um canal na

rocha com a largura de 80 cm. Teria um comprimento total de 1 km, se considerarmos que a captação seria feita neste local.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata et al., 2008: 133; Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 33 (SA 33)

Nome da estação: CANAL 4

Localid. mais próxima: Cevivas

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°30'46.08N, 7°30'1.07''W

Altitude: 825 m

Localização: Na estrada alcatroada, à entrada de Cevivas, corta-se por estrada de terra à esquerda até ao depósito de água. O canal encontra-se nas rochas, na encosta do ribeiro.

Descrição: O canal com um traçado intermitente de 40 m de comprimento escavado na rocha e 20 m em terra, com muros de sustentação para o caminho de manutenção, e provinha de uma possível barragem de que já não há vestígios, situada provavelmente no Regato do Sabugueiro. Destinava-se a alimentar, ou uma exploração independente, na área de Cevivas, ou então a barragem de onde saía o C3. Apresenta largura entre 70 e 90 cm, a altura máxima de rocha cortada atinge 1,5 m, e a altura do canal tinha 40 cm, com a rocha afeiçãoada. O muro de sustentação do caminho de manutenção, toscamente feito, assentava na rocha inclinada, tendo os romanos talhado degraus de assentamento que impedissem as pedras de resvalarem pela encosta.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata et al., 2008: 133; Batata, 2011a: 489;

Sítio Arqueológico 34 (SA 34)

Nome da estação: CANAL 5

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'57.68 a 41°30'5.56'' e 7°31'48.57'' a 7°31'27.26''W

Altitude: 850 a 830 m

Localização: Na encosta das Fragas Negras, voltada à Galeria do Pilar.

Descrição: O canal terá cerca de 700 m de comprimento e foi revelado por um

incêndio em 2010. Saía da Cisterna, passava a meia-encosta sul das Fragas Negras, e alimentava o Aqueduto III e provavelmente o Aqueduto II. Não se sabe a largura do canal, por se encontrar repleto de sedimentos e pequenas rochas da íngreme encosta, mas são visíveis os alinhamentos dos muros de sustentação do canal.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 35 (SA 35)

Nome da estação: CANAL 7

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°28'33.86 a 41°28'16.36'' e 7°34'10.14'' a 7°33'51.73''W

Altitude: 725 m

Localização: Na margem esquerda do Rio Tinhela, em frente da Lavaria da Ribeira dos Moinhos.

Descrição: O canal, situado na margem esquerda do rio Tinhela, tem um comprimento de 1,5 km e a largura de 80 cm, dado pela largura da vala escavada na rocha. Sabe-se a sua origem, mas não restam vestígios da respetiva barragem. Destinar-se-ia certamente a uma lavaria que não se encontra identificada, pois o canal perde-se num vale que se encontra agricultado. Tal como os anteriores, também tem troços escavados nos afloramentos e troços sustentados por muros. Se colocarmos a hipótese deste canal alimentar as Minas de Revel, a sua extensão seria de cerca de 3,5 km.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 36 (SA 36)

Nome da estação: CANAL 8

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°28'22.07 a 41°28'18.26'' e 7°34'23.12'' a 7°34'4.70''W

Altitude: 735 a 705 m

Localização: Entre a ponte sobre o Rio Tinhela e a Lavaria da Ribeira dos Moinhos.

Descrição: Este canal é o que se encontra melhor estudado, sabendo-se a sua origem

na Ribeira da Peliteira, e o seu destino, que era a Lavaria da Ribeira dos Moinhos. Tem um comprimento total de 800 m, assentando a parte inicial em batólitos graníticos cortados a pico para o efeito e o restante traçado escavado em xistos. Junto à lavaria, o canal tem maior inclinação, funcionando como acelerador de água, para imprimir mais força motriz aos moinhos de pilões.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 37 (SA 37)

Nome da estação: CANAL 9

Localid. mais próxima: Guilhado

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°28'21.49 a 41°31'0.61'' e 7°36'26.75'' a 7°35'57.68''W

Altitude: 975 a 940 m

Localização: Na estrada Guilhado – Campo de Jales, corta-se por estrada de terra que vai para a barragem contemporânea.

Descrição: O canal tem a sua origem na Ribeira da Presa e, apesar de não ter sido reconhecido em nenhuma parte do seu trajeto, não poderia alimentar as lavarias de Jales, pois teria que ter uma inclinação muito grande, o que era contraproducente e não há exemplos de que os romanos o tenham feito. A ser assim, só poderia alimentar a mina da Fraga das Varandas (SA 04), situada na ER 206, entre os cruzamentos para Tresminas e Guilhado. Teria uma extensão de cerca 5,5 km.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata, 2011a: 489.

Sítio Arqueológico 38 (SA 38)

Nome da estação: AQUEDUTO DAS FRAGAS NEGRAS

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°30'4.12''N, 7°31'25.43''W

Altitude: 805 m

Localização: Na encosta das Fragas Negras, voltado para a Galeria do Pilar.

Descrição: Na encosta a norte e fronteira à Corta de Covas, encontram-se uma série

de estruturas alinhadas pela encosta abaixo que Jürgen Whal interpretou como lavaria. Em 2008 realizou-se a escavação de uma dessas estruturas, tendo-se revelado como uma plataforma de assentamento de pilares ou canais de madeira em meia-cana, com uma área de 60 m². A rocha é visível a olho nu e não apresenta tanques de decantação escavados na rocha ou construídos em alvenaria, o que inviabiliza a hipótese de se tratar de uma lavaria.

O afloramento de xisto encontrava-se escavado de forma irregular, apresentando as camadas de xisto arestas muito vivas, tendo estas sido regularizadas com a colocação uma camada rosada de estéril da mina.

A estrutura possui, do lado sul, um forte embasamento de grandes blocos de quartzito travados nos cantos, onde assenta um muro corrido com 50 cm de largura, por 6,5 m de comprimento e 40 cm de altura. Nas partes laterais apresenta pequenas bases quadradas para assentamento de barrotes (dimensões: 70 x 70 cm). A norte, a uma distância de 5 m, corre um muro idêntico, paralelo ao anterior, mas maior (cerca de 8 m), mas com dupla função: devido à forte inclinação do terreno, este muro destinava-se provavelmente a contenção de terras e águas, de modo a impedir a destruição da sapata de suporte dos pilares, mas também servia para assentar o canal.

Tipologia: Estrutura hidráulica

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Batata, 2009: 14-15; Batata, 2010.

Sítio Arqueológico 39 (SA 39)

Nome da estação: MILAGRES

Código Nacional de Sítio (CNS): 13240

Localid. mais próxima: Padrela

Coordenadas GPS: CMP 61, 41°34'21.19''N, 7°30'8.85W

Altitude: 957 m

Localização: Do lado esquerdo da estrada R 206, Vila Pouca de Aguiar – Valpaços, à saída da aldeia.

Descrição: No local, observam-se, numa vasta área, grandes quantidades de tégula, cerâmica comum romana, e fragmentos de *sigillata*. São ainda visíveis vestígios de *opus signinum* e pequenos silhares de granito espalhados pela área cultivada.

Aquando de uma lavra efetuada no local, foram exumadas duas bases de coluna, que atualmente se encontram no alpendre da casa de D. Mariana Pinto.

Materiais: Tégulas, cerâmica comum, *opus signinum*, silhares de granito, 2 bases de coluna

Tipologia: *Villa*

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Pereira, 1999.

Sítio Arqueológico 40 (SA 40)

Nome da estação: ALTO DA CERCA DOS MOUROS

Código Nacional de Sítio (CNS): 14265

Localid. mais próxima: Jou

Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'59.97''N, 7°23'59.49W

Altitude: 575 m

Localização: No estradão entre Canaveses e a estrada R314, corta-se à esquerda por caminho de terra que leva até à base do povoado.

Descrição: Povoado fortificado de média dimensão, localizado num cabeço em esporão sobre a ribeira do Vale de Santarém. Tem uma só linha de muralha, que forma um recinto de forma trapezoidal, com cerca de 100 metros de comprimento. A muralha está nalguns pontos bastante afetada por extrações de pedra pela população local, na procura de tesouros. Um desses buracos provocou a destruição de muros de uma casa adossada à muralha, bem como parte desta.

O lado sudoeste apresenta uma grande bancada retilínea de xisto, que forma uma elevada defesa natural, apenas complementada nalgumas aberturas pela construção de muralha. Do lado norte, a defesa é reforçada com dois parapeitos semicirculares sucessivos, com o último a sustentar um campo de pedras fincadas. O interior do povoado encontra-se repleto de derrubes de numerosas estruturas retangulares, na sua maioria adossadas às muralhas. Os materiais de superfície são numerosos, e parecem ser exclusivamente de época romana. Há notícia do aparecimento de escassos vestígios de escórias.

Materiais: Cerâmica romana, tégulas, *imbrices*, escórias

Tipologia: Fortificação romana?

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732; Leal, 1903; Redentor, 2000: 551; Redentor, 2003: 149; Pereira e Soares, 2000, Freitas, 2001.

Sítio Arqueológico 41 (SA 41)**Nome da estação: CASTELO DE JOU****Código Nacional de Sítio (CNS): 27395****Localid. mais próxima: Jou****Coordenadas GPS: CMP 75, 41°29'15.16''N, 7°23'54.80W****Altitude: 725 m**

Localização: Situa-se na aldeia do Castelo, situada perto de Jou. O acesso é feito através de estrada alcatroada que parte de Jou no sentido este. Ao chegar à aldeia do Castelo, toma-se um caminho florestal, situado à esquerda do entroncamento da aldeia, que nos conduz ao monte onde está situado o marco geodésico.

Descrição: Trata-se de um pequeno povoado fortificado que detém um excelente posicionamento geoestratégico, o que lhe permitia um controlo efetivo de grande parte do território formado pela Veiga de Lila. Do seu antigo sistema de defesa ainda subsistem significativos troços de uma linha de muralha onde facilmente se deteta duas tipologias distintas do aparelho construtivo. De uma forma geral esta estrutura é formada por pequenas pedras quartzíticas assentes a seco, podendo ainda visualizar-se, sobretudo ao nível das bases dos alicerces, um aparelho mais ciclópico. A muralha, que se reforça a ocidente por uma espécie de anel de contraforte, protege uma área plana e ampla que forma um terraço de configuração aproximadamente subcircular.

Contudo, entre a vegetação de pinheiros e giestas que cobre a plataforma, é possível detetar alguns derrubes pétreos de contornos aproximadamente circulares, facto que poderá corresponder à existência de alguns vestígios estruturais relacionados com as estruturas de habitação. Encontram-se materiais romanos (tégulas) e cerâmica indígena, da 2ª Idade do Ferro.

Materiais: Cerâmica indígena, tégulas**Tipologia:** Povoado fortificado**Cronologia:** Idade do Ferro, Época Romana**Bibliografia:** Lemos, 2003; Pereira e Lopes, 2007.**Sítio Arqueológico 42 (SA 42)****Nome da estação: MINAS DE REVEL****Localid. mais próxima: Revel****Coordenadas GPS: CMP 75, 41°28'42.55''N, 7° 33'0.67''W**

Altitude: 775 m

Localização: À entrada da povoação, a seguir ao campo de futebol, de ambos os lados da estrada.

Descrição: Trata-se de duas áreas escavadas a céu aberto com cerca de 1 ha, repartidos por uma área com cerca de 100 x 50 m e outra com 70 x 70. Foi escavada na zona de contactos entre os granitos e os xistos, onde ocorre estanho, segundo a carta geológica. São visíveis várias galerias desmoronadas, devido à natureza do terreno muito brande, e vários poços no centro das crateras, de onde foi removido um espesso filão de quartzo leitoso. Uma das galerias, escavada no xisto, tem na entrada a data de 1920. Existem restos de outras escavadas no granito, abatidas, tendo uma delas um nicho para iluminação que não parece ser romano.

As minas de Revel teriam sido exploradas há menos de 150 anos por Fernando Annes, natural de Madrid, de quem foi filho Cosme Machado e de quem procede a família dos Machados daquele lugar (Argote, 1732-1742: 483). Não se sabe se estas minas foram exploradas pelos romanos, mas o investigador pensava que sim. Ao referir que haviam sido exploradas, pelo menos um século atrás, está a indicar que teriam sido exploradas em finais do séc. XVI ou princípios do séc. XVII.

Poderia ser para estas minas que se dirigiria o canal de água **C7**.

Tipologia: Mina a céu aberto

Cronologia: Época Romana? e Épocas Moderna e Contemporânea.

Bibliografia: Argote, 1732-1742: 468-483.

Sítio Arqueológico 43 (SA 43)

Nome da estação: ALTAR VOTIVO?

Localid. mais próxima: Cidadelha de Jales

Coordenadas GPS: CMP 88, 41°28'6.81"N, 7°34'27.34"W

Altitude: 801 m

Localização: Junto à trincheira da Gralheira (Jales) (**SA 08**)

Descrição: Bloco granítico com cerca de 1,90 m de comprimento por 1 m de largura e 0,80 m de altura. No plano superior foram escavadas duas cavidades retangulares, de que desconhecemos as dimensões.

Segundo informação oral do Sr. Adérito, este bloco serviria de base de sustentação do altar da capela de Santo Cristo, em Campo de Jales. Aquando da realização de obras na

capela, removeu-se a pedra para o lugar onde atualmente se situa.

Encontra-se no trajeto da via romana entre Jales e Tresminas (**V2d**), e a uma milha romana, de uma outra que se encontra ao pé da ponte de Época Moderna (**SA 30**).

Bibliografia: Lima & Pereira, 2006.

2. CATÁLOGO EPIGRÁFICO (inclui grafitos e marcas de oleiro e ferreiro)

O número de peças artefactuais ligadas à exploração mineira é impressionante. Mais impressionante ainda é a quantidade de inscrições romanas encontradas (2 na zona de Jales e 18 em Tresminas), que nos fornecem dados importantes sobre a caracterização social, religiosa, militar e regional, das populações que viveram e trabalharam no complexo mineiro romano. Seis destas inscrições são votivas, o que nos remete para a provável existência de um templo, ainda não localizado. As restantes são funerárias. Dentro deste grupo destaca-se a quantidade de indígenas romanizados e romanos de Clúnia, em número de 7, provavelmente de operários especializados; destaca-se a presença, provavelmente em momentos diferentes, de militares de uma legião e de uma de tropas auxiliares (a Sétima Legião Gemina Pia Félix e a Iª Coorte Gálica Equitata). A inscrição funerária do Campo de Jales, a que se poderá juntar a inscrição de Reboredo (Gestal), a denunciar a existência de duas necrópoles: a primeira provêm da necrópole do *vicus* de Jales, já identificado, e a segunda, de uma possível *villa* romana, e referem-se a inscrições funerárias, a primeira de indígenas e a segunda provavelmente de libertos, ambas datáveis do séc. I/II d. C.

As leituras de epígrafes efetuadas por Rodríguez Colmenero têm que ser abordadas de forma crítica, pois a leitura que faz de algumas epígrafes é bastante duvidosa (Garcia, 1988: 211-216).

EPI 01

Nome da estação: GESTAL

Localid. mais próxima: Reboredo de Jales

Código Nacional de Sítio (CNS): 4578

Localização: Na estrada de Reboredo para Moreira de Jales, do lado direito, junto a uma curva apertada, na encosta.

Descrição: Segundo Argote, em 1721 apareceu, num campo agrícola designado Gestal, de José Ferreira, próximo ao lugar de Moreira de Jales, e junto a umas fragas onde passava um caminho de carro que ia para a povoação de Cidadelha de Jales, uma estela funerária da época romana, de 110 cm de comprimento por 55 de largura, com a seguinte inscrição, datável do séc. I/II d. C. José Ferreira partiu a pedra, mas António de Sousa Pinto, sócio da Academia Real de História Portuguesa, com ordem do Marquês do Alegrete, e por autoridade judicial, obrigou o lavrador a entregar a pedra, a qual foi remetida ao mesmo marquês. Sousa Pinto foi ao local e encontrou diversos materiais arqueológicos. Alguns encontravam-se dentro de uma espécie de caixões formados por seis pedras e outros eram quadrangulares. Foram encontrados muitos materiais no local das sepulturas, mas fora de contexto.

Variantes de leitura:

XXVII / UDIS MA/NIBVS LCo / HAC . Li/MORIAL / VIFILiORC / BVRRO.
(Serra, in Argote, 1732)

XXVII / VDIS . MA/NIBVS.ECO / FLACILIO / MORSASO / SVI FILIORE / BVRRO. (Pinto, in Argote, 1732)

XXVII / V DIS. MA/NIBVS ECO / FLACILII / MORSA SO / SVI FILIO RE / BVRRO. (Argote, 1732 e Madureira, 1962)

XXVII / V. DIS. MA/NIBVS ECO. / FLACILII / MORSA SO. / SVI FILIO RE / BVRRO. (Leal, 1875)

XXVII / DIS MA/NIBVS ECO / FLACILIO MORSASO / SVI FILIO RE / BVRRO.
(Colmenero et al., 1997)

[Ann(orum)] XXVII [m(ensium)]? / V Dis Ma/nibus L(ucius) Co[r(nelius)] / Flacili ‘f’ (ilius) / Mori’ni’s? ‘p’(osuit)? / sui (!) filio Re/burro (Redentor, 2010, com datação de 131 a 230 d.C.)

Leitura: XXVII (*viginti septem*) / DIS MA/NIBVS ECO / FLACILIO MORSASO / SVI FILIO RE / BVRRO

Tradução: 27 (anos). Aos Deuses Manes. Eco? Flacílio Morsaso, ao seu filho Reburro.

Materiais associados: 1 inscrição, contas de colar, pregos de ferro, carvões, *sigillatae*, vidros, cerâmica comum, caldeirinha com asas de cobre, ânforas.

Tipologia: Necrópole

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 469-471; Hübner, 1869: 334, nº 2393; Leal, 1875: 542; Leal, 1875a: 604; Botelho, 1905: 31; Madureira, 1962: 134-135; Almeida, 1970: 295; Colmenero et al., 1997: 264; Pereira, 2001; Sousa, 2005: 154-155; Batata et al., 2008: 57-58; Redentor, 2010: 153.

EPI 02

Esta estela funerária encontrava-se partida em dois fragmentos, que foram recolhidos por Henrique Botelho na aldeia de Vilarelho. Sabe-se que apareceram numa sepultura quando se lavrava um souto, em local desconhecido chamado Comardão, a sul da Corta de Covas. Estava a cobrir uma sepultura vazia, cujas pedras lá deixaram. Argote (1721) dizia que eram 3 pedras. É uma estela de granito, de frontão curvo decorado com um disco redondo. Encontra-se no Museu Nacional de Arqueologia, Inv. E6517.

Variantes de leitura:

C. COVNE./ANCVS / FVSCI E CLV/ N. XL. / LA CIV/ ... / V S C / XXX H S E
(Argote, 1732)

C . COVNE/ANCVS . / FVSCI.f. CLV./ aN . XL . / LA . CIV / / VS . C . / XXX .
H . S . E. (Hübner, 1869)

C. COVNE./ANCVS / FVSCEI E. CLV./ N. X. L. / / V. S. C. / XXX H. S. E.
(Leal, 1880)

C. COVNE/ANCVS / FVSCI E CLV/ N. XL / LA CIVS /.... / V. S. C. / XXX H. S. E.
(Leal, 1886)

C. COVNE/ANCVS / FVSCI ECLV/ N. XL / LA CIVS /.... / ... / V. S. C. / XXX H.
S. E. (Botelho, 1907)

---]/VS C[---ANN(ORVM)] / XXX H(IC) S(ITVS) E(ST)
(Vasconcelos, 1927-1929)

C. COVNE/ANCVS / FVSCI E CLV/ N. XL / LA CIVS /.... /
..... / VSC / XXX HSE (Madureira, 1962)

C(aius) Coune/ancus Fusci f(ilius) / Clu(niensis) / a(nnorum)
XL / Laci[us]/[---]/us c(luniensis?) / [an(norum)] XXX h(ic) s(itus) e(st)
(García, 1973)

C . COVNE/ANCVS . / FVSCI.[f]. CLV./ [a] N . XL . / LA .
CIV / [...]/ VS . C . / XXX . H . S . E. (Domergue, 1987)

C(aius) Coune/ancus / Fusci f(ilius) Clu(niensis) / an(norum)
XL / Lascius [---] / [---]; (Alarcão e Wahl, 1997)



C(aius) COVN-E/ANCVS / FVSCI F(ilius) CLV(niensis) / [A]N(norum) XL / I(ulius) MACIVS ... (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

C(aius) COVNE/ANCVS / FVSCI F(ilius) CLV(niensis) / [A]N(norum) XL / L(ucius) ... / ... (Martins, 2005)

C(aius) COUNE/ANCVS / FVSCI F(ilius) CLV(NIENSIS) / AN(norum) XL / T(uscus) ASCIVS [---] (Batata et al., 2008)

C(aius) Cou'ne'/ancus / Fuscii f(ilius) Clu(niensis) / 'an'(norum) XL / L(ucius) 'Asciius [...]ri [f(ilius)] 'an'(norum) [---] / [h(ic) s(iti) s(unt)] (Redentor, 2010, com datação de 1 a 50 d.C.)

Leitura: C(aius) COVNE/ANCVS / TVSCI F(ilius) CLV(niensis) / [A]N(norum) XL (quadraginta) / T(uscus) ASCIVS [...]

Tradução: Caio Couneanco, filho de Tusco, cluniense, de 40? anos. Tusco Áscio ...

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 480; Hübner, 1869: 334, n.º 2390; Leal, 1880: 742; Leal, 1886: 1302; Botelho, 1907: 29 e 35; Vasconcelos, 1927-1929: 216-217, n.º 6; Madureira, 1962: 147; Almeida, 1970: 295; García Merino, 1973: 22; Domergue, 1987: 541; Wahl, 1988: 239; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 233-234; Wahl, 1993; Alarcão e Wahl, 1997: 122, n.º 10.3; Pereira, 2001; Martins, 2005: 214; Sousa, 2005: 155; Batata et al., 2008 145; Redentor, 2010:148.

EPI 03

Tudo indica que esta ara votiva foi encontrada junta com a seguinte no mesmo local, em 1879, na aldeia da Ribeirinha, proveniente do local chamado Chão dos Asnos, a caminho de Tinhela de Cima, dentro do complexo mineiro de Tresminas, tendo sido levada por Henrique Botelho, em 1894, para o Museu Martins Sarmiento, em Guimarães. A inscrição é datável do séc. II, inícios do III d. C, posterior ao reinado de Cómodo (Hispania Epigráfica, 1991).

Variantes de leitura:

H O M / VOT . SOL / MIL . LEG / VII . GEC / IVLII.IOEY A.PP (Serra, f. 414, in Argote, 1732)

I . O . M . / VOI . SOI / MIL . LEC . / VII . GEC^A / IVLINOE APR (Pinto, f. 141, in Argote,1732)

I . O . M / VOT . SOL / MIL . LEG / VII . GEM / CATVLLINO.ET.APRO / COS
(Hübner, 1869, Domergue, 1987)

I. O. M. /... / VOL. SOI. / MIL LEG. / VII. GECA. / JVLINOE APR. (Leal, 1880)

I. O. M. ... / VOI SOI / MIL. LEC / VII ... GE. F. / JVLINO E APR. (Leal, 1886)

I O M / VOT . / MIL LEG / VII GEM / PVLLINVS ... (Hübner, 1899)

I.O. M. / VOT... / MIL. LEG. / VII GEM. / PVLLIN....
(Botelho, 1907 e Sarmiento, 1894)

Jovi o(ptimo) m(aximo) v(otum) s(olverunt) l(ibentes) mil(ites)
leg(ionis) VII gem(inae). Pullinus (posuit) (Guimarães, 1901)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) s[ol(uerunt)] / mil(ites)
[leg(ionis)] / VII G(eminae) f(elicis) [Ca]/tullin[o et Apro
co(n)s(ulibus)] (AE, 1907)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / u(otum) s(oluerunt) l(ibentes) /
mil(ites) leg(ionis) / VII Gem(inae) / Tullin[us] (Vasconcelos, 1913)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) s(oluerunt) [l(ibentes)] /
mil(ites) [l]e[g(ionis)] / VII Ge[m(inae)] / Pullin[us p(osuit)] (Cardoso,
1935)

I O.M / VOT. S... / MIL ...E[C] / VII GE... / PVLLIN.... (Cardoso, 1935)

I. O. M / VOI SOI / MIL. LEG / VII . GE. F. / IVLINO . E .
APR (Russel Cortez, 1947)

I O M / VOI. SOI / MIL. LEG. / VII GEC^A / ... / ... / IVLLINOE
IAPR (Madureira, 1962)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) s(oluerunt) lib(entes) /
milites [l]e[g(ionis) / VII Ge[m(inae)] / Pullin[us p(osuit)] (Vives, 1972)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) s[ol(uerunt)] / mil(ites)
[l]e[g(ionis)] / VII G(emina) P(ia) [Ca]/tulli[nus p(osuit)?] (Garcia,
1991)

I(ovi). O(ptimo). M(aximo). C(onservatori) / VOT(um).
SOL(verunt) / MIL(ites) LEG(ionis) / VII G(eminae) P(iae)? /
[Ca]TVLLINVS [POS]uit (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) s(oluerunt) lib(entes) / milites [l]e[g(ionis) / VII
Ge[m(inae)] / Pullin[us p(osuit)] (Vives, 1972)



I(ovi). O(ptimo). M(aximo) / VOT(um) SOL(verunt) [l(ibentes)]/ MIL(ites)
LEG(ionis) / VII Ge[m(inae)] / TVLLIN(vs) [POS] / suit (Le Roux, 1982 e Martins, 2008)

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / VOT(um). S[OL(verunt)] / MIL(ites). [L]E[G(ionis)] / VII
G(emina) P(ia) [CA]/TVLLI[NVS [POS]uit?](Garcia, 1991)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / uot(um) ‘sol(uerunt) / mil(ites) ‘leg(ionis) / VII G(eminae)
F(elicis) ‘Ca/tullino et Apr/[o] co(n)s(ulibus) (Redentor, 2010, com datação de 130 d.C.)

Leitura: I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / VOT(um). S[OL(verunt)] / MIL(ites).
[L]E[G(ionis)] / VII (septima) G(emina) P(ia) [CA]/TVLLI[NVS] [POS]uit?)(

Tradução: A Júpiter Ótimo Máximo Conservador, cumpriram o seu voto os soldados
da Legião Sétima Gemina Pia. Catulino colocou.

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Argote, 1732: 481; Hübner, 1869: 334, n° 2389; Hübner, 1899: 329, n° 108;
Leal, 1880: 743; Leal, 1886: 1302; Sarmiento, 1894: 29; Guimarães, 1901: 56; AE, 1907: 150;
Botelho, 1907: 29; AE, 1907,: 151; Vasconcelos, 1913: 222, n. 7; Cardoso, 1935: 48; Russel
Cortez, 1947: 20; Madureira, 1962: 147; Almeida, 1970: 294; Vives, 1972; Domergue, 1987:
541; Le Roux, 1982: 240, n.° 238; Wahl, 1988a: 240, n. 58; HEP, 1990: 256; Garcia, 1991:
406; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 233-234; Pereira, 2001; Martins, 2008, 2: 211, n.°
11.6; Sousa, 2005: 156; Palao Vicente, 2006: 299 e 401; Batata et al., 2008: 143-144;
Redentor, 2010: 155.

EPI 04

Tudo indica que esta ara votiva foi encontrada junta com a anterior no mesmo local,
em 1879, na aldeia da Ribeirinha, proveniente do desmoronamento de uma mina, dentro do
complexo mineiro de Tresminas, tendo sido levada por Henrique Botelho, em 1894, para o
Museu Martins Sarmiento, em Guimarães. A inscrição é datável do séc. II, inícios do III d. C..
Jiménez de Furundarena, 2007, p. 101, data-a da 2ª metade do séc. II d.C.

Variantes de leitura:

I. O. M. / MIL-CH. / I. GALLI/CAE . EQ. / C. R. V. S. / L. M. (Sarmiento, 1894)

Jovi o(ptimo) m(aximo) m(ilites) c(o)h(ortis) I gallicae eq(quitatus) c(ivium)
r(omanorum) v(otum) s(olverunt) l(ibentes) m(erito) (Guimarães, 1901)

I . O . M / MIL . CH / I GALLI / CAE . EQ . / C . R . V . S / L . M. (Hübner, 1899,
Domergue, 1987)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) / mil(ites) c(o)h(ortis) / I Galli/cae Eq(uitatae) / c(iuium)
R(omanor)u(m) s(oluerunt) / l(ibentes) m(erito); (Botelho, 1907)

I. O. M. / MIL-CH. / I. GALLI/CAE . EQ. / C. RV. S / L. M. (Botelho, 1909)

IOM / MILCH / IGALLI/CAE . EQ / C . R . V . S / LM
(Cardoso, 1935)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) S(olutorio) / mil(ites) c(o)h(ortis) / I
Galli/cae Eq(uitatae) c(iuium) R(omanorum) s(oluerunt) / l(ibentes)
m(erito) (Rodríguez Colmenero, 1997)

I(oui) O(ptimo) M(aximo) C(onservatori) / mil(ites) c(o)h(ortis) /
I Galli/cae Eq(uitatae) c(iuium) R(omanorum) s(oluerunt) / l(ibentes)
m(erito) (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) C(onservatori) / MIL(ites)
C(o)H(ortis) / I GALLI / CAE EQ(uitatae) / C(ivium). R(omanorum).
V(otum). S(oluerunt) / L(ibentes). M(erito). (Rodríguez Colmenero et
al., 1997 e Martins, 2005)

I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / MIL(ites) C(o)H(ortis) / I GALLI / CAE. EQ(uitatae) /
C(ivium). R(omanorum). V(otum). S(oluerunt) / L(ibentes). M(erito). (Garcia, 1991)
Q(uintus) Anniu.s / Modestu[s] / ‘m (iles)_l(egionis) VII .G (emina) p(iae) / .f (elicit)
‘a(ram)’

I(oui) O(ptimo) M(aximo) ‘u (ouit) (Redentor, 2010, com datação de 101 a 150 d.C.)

Leitura: I(ovi) O(ptimo) M(aximo) / MIL(ites) C(o)H(ortis) / I (primae) GALLI /
CAE. EQ(uitatae) / C(ivium). R(omanorum). V(otum). S(oluerunt) / L(ibentes). M(erito).

Tradução: A Júpiter Ótimo Máximo Conservador, os soldados da Coorte I Gálica
Equina dos Cidadãos Romanos, cumpriram o seu voto de livre vontade.

Bibliografia: Hübner, 1899: 329, n.º 109; Sarmiento, 1894: 29; Guimarães, 1901: 56; Botelho,
1907: 26-27; AE, 1907: 151; Botelho, 1909: 27; Vasconcelos, 1913: 222; Cardoso, 1935: 47;
Almeida, 1970: 294; Vives, 1972; Le Roux, 1982: 240, n.º 239; Domergue, 1987: 541; Wahl,
1988a: 240, n. 59; Garcia, 1991: 406; Rodríguez Colmenero et al., 1997; Sousa, 2005: 157;
Martins, 2005: 212; Palao Vicente, 2006: 299; Batata et al., 2008: 143; Martins, 2008, 2: 212,
n.º 11.7; Redentor, 2010: 156.

EPI 05



Esta inscrição foi identificada no princípio do século XX, por Henrique Botelho, em local desconhecido, mas dentro do complexo mineiro de Tresminas. É uma estela funerária de granito, de frontão curvo decorado com crescente e folha de hera, e apresenta inscrição datável do séc. I d. C.. Foi transportada para o Museu Nacional de Arqueologia. MNA. Inv. E8218

Variantes de leitura:

PRIMA L(ucii) IVLI DEXTRI LIB(erta) AMANDA / [L](ucii) JVLI DEXTR[i]
[L]IB(erta) H(ic) S(itae) (Botelho, 1907)

PRIMA (hedera). L(uci) IV/LI DEXTRI (hedera) / LIB(erta).
(hedera). AMANDA / [L(uci)] IVLI. (hedera) DEXT[RI] / [LIB(erta)]
/ H(ic) [S(itae) S(unt).] (Alarcão, 1997)

PRIMA (hedera). L(uci) IV/LI DEXTRI (hedera) / LIB(erta).
(hedera). AMANDA / [L(uci) I]VLI. (hedera) DEXTR[I] / LIB(erta) /
[H(ic) S(itae) S(unt).] (Rodríguez Colmenero et al., 1997e Martins,
2005)

Prima (hedera) L(uci) (hedera) Iu/li Dextr[i] (hedera) /
lib(erta) (hedera) / Amanda / [L(uci) (hedera)] Iuli Dextr[i] /
[I]ib(erta)[(hedera)] h(ic) [(hedera)] s(itae) (hedera) s(unt)] (Redentor,
2010, com datação de 71 a 130 d.C.)



Leitura: PRIMA (hedera). L(uci) IV/LI DEXTRI (hedera) / LIB(erta). (hedera).
AMANDA / [L(uci) I]VLI. (hedera) DEXTR[I] / LIB(erta) / [H(ic) S(itae) S(unt).]

Tradução: Prima, liberta de Lúcio Júlio Dextro e Amanda, liberta de Lúcio Júlio
Dextro, estão aqui sepultadas.

Bibliografia: Botelho, 1907: 27; Vasconcelos, 1913:326; Alarcão e Wahl, 1997: 123, n.º
10.5; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 233; Sousa, 2005: 157; Martins, 2005: 213; Batata et
al., 2008: 140; Redentor, 2010: 149.

EPI 06

Nome da estação: CAMPO DE JALES

Localid. mais próxima: Campo de Jales

Código Nacional de Sítio (CNS): 4579

Descrição: Estela funerária romana em granito aparecida em Campo de Jales, ao
lavrar um campo de milho, ao pé de outras lápides que se extraviaram, no princípio do século

XX, tendo certamente relação com a exploração mineira romana das Minas de Jales. Encontra-se guardada no Museu Nacional de Arqueologia. MNA. Inv. E 6574. Inscrição datável do séc. II d. C.

Variantes de leitura:

D . M . S / FORTV ... / NATA FILI / A MATRI / AVNIAE / PIA . P . FT / PATRI PM / . O (Botelho, 1907)

D(is) M(anibus) S(acrum) / FORTV/NATA FILI/A MATRI / AVNIAE / PIA P(osuit) ET / PATRI P(ia) M/ [E]MOR(iam) [...] / [...?] (Alarcão e Whal, 1997)

D. M. S. / FORTV / NATA FILI / A MATRI / ANNIAE / PRA. P. ET / PATRI ... (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

D(is). M(anibus). S(acrum) / ... FORTV / NATA FILI / A. MATRI / AVNIA E / PIA. P(osuit). ET / PATRI P(ia)M / O. RM (Martins, 2005)

D(is) ‘M(anibus) ‘s(acrum) / Fortu/nata fili/a matri / Auniae / pia ‘p(osuit)’ et /patri Sem/[n]o an(norum)? [--- (Redentor, 2010, com datação de 101 a 230 d.C.)

Leitura: D(is). M(anibus). S(acrum) / ... FORTV / NATA FILI / A. MATRI / AVNIAE / PIA. P(osuit). ET / PATRI PM / O. RM

Tradução: Aos Deuses Manes. ... Fortunata, filha piedosa, à mãe Aunia colocou e ao pai no ano?...

Materiais: 1 lápide

Depósito de materiais: Museu Nacional de Arqueologia (Inv. nº E6574 - EPI 42)

Tipologia: Achado Isolado

Cronologia proposta: Época Romana

Bibliografia: Botelho, 1907: 30-31; Botelho, 1907c: 30; Alarcão e Whal, 1997: 123; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 233-234; Soares, 2001; Martins, 2005: 176; Sousa, 2005: 158; Batata et al., 2008: 169; Redentor, 2010: 152.

EPI 07

Inscrição que proveio de uma galeria de mina indeterminada.

Parte superior

A.LXI

Face

CORN.F PR/IVL.CAE/MAX/DSPF.

Leitura: A(*nnorum*) . LXI (sexaginta unum) / CORN(*eli*) . F(*ilius*) PR(aeses) / IVL(*i*) . CAE(*saris*) / MAX(*imi*) / D(*e*) S(*ua*) P(*ecunia*) F(*ecit*)

Tradução: Cornélio filho (de Cornélio), de 61 anos, governador de Júlio César Máximo, mandou fazer do seu bolso.

Bibliografia: Hübner, 1913: 99, nº 263; Domergue, 1987: 541; Batata et al., 2008.

EPI 08

A abertura de um estradão florestal, em 1937, cortou o povoado, e a 300 m, a necrópole (Cardozo, 1999). Em 1944 este observou um frag. de inscrição junto da Casa Florestal, em Cevivas, dedicada a um NIGER que deve ser a mesma descrita por Harrison. MNA Inv. E 8214



Variantes de leitura:

NIGERAF (Harrison, 1931)

NIGERAI / [--- (Tranoy, 1981)

NIGER . AI (Ghitulesco, 1939; Martins, 2005)

NIGER AI / [...] (Almeida, 1970, Alarcão e Wahl, 1997, Redentor, 2010, este com datação de 1 a 130 d.C.)



Leitura: NIGER . A[F](*filius*)

Tradução: Negro, filho de A....

Bibliografia: Harrison, 1931; Cardozo, 1954: 132; Castro, 1963, fig. 4-5; Almeida, 1970: 295; Tranoy, 1981: 224, n.º 232; Domergue, 1987: 541; Alarcão e Wahl, 1997: 123; Martins, 2005: 207; Batata et al., 2008: 140; Redentor, 2010: 150.

EPI 09

Esta ara votiva encontrava-se no pátio de uma casa da aldeia da Ribeirinha, tendo sido levada por João Parente para a Torre de Quintela, em Vila Real, encontrando-se hoje no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (Inv. 1996.10.6931). É a terceira ara votiva aparecida no complexo mineiro de Tresminas datada de finais do séc. II d.C. (posterior a 192 d.C., devido à denominação de *pia* – Hispania Epigráfica), tendo aparecido, tal como as outras duas, nas proximidades da aldeia da Ribeirinha.

Variantes de leitura:

JAN V / NO[D]ESS / ... E ... (Castro, 1963)

JANV / NO.ESS / E (Almeida, 1970)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis) VII O(pus) P(onere) / IOVI O(ptimo) M(aximo) C(uravit) (Parente, 1980)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis) VII O(pus) P(onere) (?) ou A(ram) P(osuit) / IOVI O(ptimo) M(aximo) C(uravit) (?) (AE, 1980, 582)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis) VII G(eminae) P(iae) / [G]ENIO MV[nicipii]?? ..., (Hae, 1991)

Q(uintus) ANNIVS / MODEST[us] / M(iles) L(egionis) VII A(ram) [P(osuit)?] / IOVI O(ptimo) M(aximo) (Le Roux, 1982)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis). VII G(eminae) P(iae) / GENIO MV / [nicipii] ?, (Rodríguez Colmenero, 1987)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis). VII A(ram) P(osuit) / [G]ENIO MV / [nicipi]VM ..., (Rodríguez Colmenero et al., 1997 e Martins, 2005)

Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis) VII G(eminae) P(iae) / IOVI O(ptimo) M(aximo) [C(uravit?)] (Garcia, 1991)

Q(uintus) ANNIV[s] / MODESTV[s] / M(iles) L(egionis) VII [G(eminae) F(elicis)?] / [IOV]i O(ptimo) M(aximo) [S(acrum)?] (Alarcão & Whal, 1997)

Q(uintus) Annus / Modestu[s] / m(iles) l(egionis) VII G(emina) p(iae) / f(elicis) / 'a(ram)' / I(oui) O(ptimo) M(aximo) 'u(uit) (Garcia, 1991) (Redentor, 2010, com cronologia entre 197 e 211 d.C.)

Leitura: Q(uintus) ANNIVS / MODESTVS / M(iles) L(egionis) VII (septimae) G(eminae) P(iae) P(osuit) / IOVI O(ptimo) M(aximo) [C(uravit?)]

Tradução: Quinto Ânio Modesto, soldado da Legião Sétima Gémina Pia colocou a Júpiter Ótimo Máximo

Cronologia: Época Romana

Bibliografia: Castro, 1963: 11; Almeida, 1970: 295; Parente, 1980: 133; AE, 1980: 149; Tranoy, 1981: 276-277; Hae, 1991: 256, nº 892; Le Roux 1982: 197, nº 91bis; Rodríguez Colmenero, 1987; Whal, 1988a: 240, n. 57; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 182; Alarcão e Wahl, 1997: 121, nº 9.2; Martins, 2005: 210; Garcia, 1991: 407; Sousa, 2005: 161; Palao



Vicente, 2006: 299; Batata et al., 2008: 142-143; Redentor, 2008: 109, n. 24; Redentor, 2010: 156.

EPI 10

Ara votiva à deusa Nabia do séc. I d. C., de granito, que se encontrava reaproveitada numa casa em Covas (em 1970), sendo o seu lugar de origem desconhecido. Foi levada para a Torre de Quintela, em Vila Real, por João Parente, encontrando-se hoje no Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real (Inv. 1996.10.7024).

Código Nacional de Sítio (CNS): 17909

Variantes de leitura:

NABIAE / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*) / RVFINVS / RVBVNIIVS (Parente, 1980)

NABIAE / [RUF]INVS / FL(*avi*) FILIVS / IVNIIVS / EX VOTO (Rodríguez Colmenero et al., 1997 e Martins, 2005)

NABIAE / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*) / RVFIN[VS]? / RVBVNIIVS? (Garcia, 1991)

NABIAI / [V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*) ?] / [...INV...?] / [...VNIIVS?] / [...?] (Alarcão & Whal, 1997)

Leitura: NABIAE / V(*otum*) S(*olvit*) L(*ibens*) A(*nimo*) / RVFIN[VS]? / RVBVNIIVS? (*filius*)

Nabiae / u(*otum*) s(*oluit*) l(*ibens*) a(*nimo*) / [R]ufinu[s]? / [Ca]urunius? (Redentor, 2010, com datação de 151 a 230 d.C.)

Tradução: A Nabia. Rufino, filho de Rubúnio, cumpriu o voto

Bibliografia: AE, 1980: 149; Parente, 1980: 132; Domergue, 1987: 541; Garcia, 1990: 287, n.º 7; Garcia, 1991: 340; Melena, 1984: 238; Alarcão e Whal, 1997: 122; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 152; Sousa, 2005: 159; Martins, 2005: 209; Batata et al., 2008: 142; Redentor, 2010: 153.

NABIAI
V S L A
P V I I N V ...
R V B V N I I V S

EPI 11

De uma propriedade, em Trás do Lago provém esta estela funerária em granito, conservada em casa do seu achador, na aldeia de Covas. Foi arrancada pelo arado do Sr. Amaro de Sousa, ao lavrar em Trás do Lago, a norte e junto da Corta de Covas. É uma das

várias estelas funerárias conhecidas de habitantes de *Clunia* que vieram trabalhar para Trêsminas.

A inscrição é datável do séc. I d. C.

Variantes de leitura:

MAGIVS / MAGI F(*ilius*) CLVN / IENSIS AN / NORVM XX / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*)

(Parente, 1980)

[--- M]agius / [Ma]gi f(*ilius*) Clun/iensis an/norum XX[---] / h(*ic*) s(*itus*) e(*st*) (AE, 1980)

[... M]AGIVS / [MA]GI F(*ilius*) CLVN / IENSIS AN / NORVM XX[...] / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) (Alarcão & Whal, 1997)

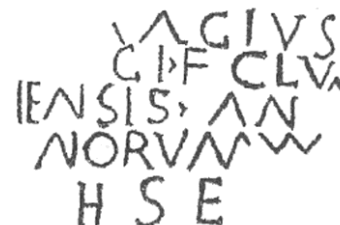
[...] MAGIVS / [Ma]GI F(*ilius*) CLVN / IENSIS AN / NORVM XX.. / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*) (Rodríguez Colmenero et al., 1997 e Martins, 2005)

Leitura: [M]AGIVS / MAGI F(*ilius*) CLVN / IENSIS AN / NORVM XX[...] / H(*ic*) S(*itus*) E(*st*)

[.] Magius / [Ma]gi 'f(*ilius*) 'Clun/iensis' an/norum XX. [.]? / h(*ic*) s(*itus*) e(*st*) (Redentor, 2010, com datação de 1 a 70 d.C.)

Tradução: ... Mágio, filho de Mágio, cluniense, de 20? anos, está aqui sepultado

Bibliografia: AE, 1980: 149; Parente, 1980: 134; Wahl, 1988: 239; Wahl, 1993: 147; Alarcão e Whal, 1997: 122; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 220; Martins, 2005: 216; Batata et al., 2008: 139; Redentor, 2010: 151.



EPI 12

Inscrição datável do séc. I d. C., provêm de local desconhecido (abertura de estrada) da zona do complexo mineiro de Tresminas, sendo uma inscrição funerária de emigrados de *Clunia*. MNA, Inv. E8213

Variantes de leitura:

T(*ito*) . BOVTI / O . SEG/ONTI . F(*ilio*) . / CL(*uniensi*) . AN(*orum*) XI (*undecim*) . / H(*ic*) . S(*itus*) . E(*st*) (Vasconcelos, 1936)



T. BOUTI/[---]O SEG/ONTI F. / CL. AN. XL / H. S. E. / [--- (HAE, 517)

T(itō) . BOVTI / O SEG/ONTI F(ilio) / CL(uniensi) AN(norum) X[L(quadraginta)?] / H(ic) S(itus) E(st) (Alarcão e Wahl, 1997)

T BOVTI / ... O SEG/ONTI . F. / CL. AN. XL / H. S. E. (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

T BOVTI / O . SEG/ONTI . F. / CL. AN. XL . / H. S. E. / ... (Domergue, 1987; Martins, 2005)

T(itō) ‘Bouti/ ‘Seg/onti’f(ilio)’ /Cl(uniensi)’ an(norum) / XL ‘h(ic)’s(itus)’e (st) (Redentor, 2010)

Leitura: T(itō) . BOVTI / O . SEG/ONTI . F(ilio) . / CL(uniensi) . AN(norum) XI (undecim) . / H(ic) . S(itus) . E(st)

Tradução: Tito Boutio, filho de Segôncio, cluniense, de 11 anos, está aqui sepultado.

Bibliografia: Vasconcelos, 1937: 1-3; Cardozo, 1954: 132, n. 1; Hae, 517; Domergue, 1987: 541; Almeida, 1970: 294; García Merino, 1973: 19, n.º 2; Wahl, 1988: 239; Wahl, 1993: 147; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 275; Alarcão e Wahl, 1997: 122; Sousa, 2005: 158; Martins, 2005: 208; Batata et al., 2008: 141; Redentor, 2010: 149.

EPI 13

Inscrição datável do séc. I d. C., provêm de local desconhecido (abertura de estrada) da zona do complexo mineiro de Tresminas, sendo uma inscrição funerária de emigrados de *Clunia*. O seu paradeiro é desconhecido, mas segundo Leite de Vasconcelos estava no Museu da Região Flaviense, ainda em 1937.

Variantes de leitura:

C(aius) . SEPTVMIVS / L(ucii)? . F(ilius) . CLV(niensis) . A[N](norum) . XXX (triginta) / H(ic) . S(itus) . E(st) (Vasconcelos, 1936)

C. Sept‘um’ius / [---] f. Clu. ‘an’. XXX / h. s. e (Cardoso, 1954)

C.Septumius / [---] f. a/[---] XXX / h. s. e. (HAE, 518)

C(aius) Septimius / I? f(ilius) Clu(niensis) ‘an’ XXX / h(ic) s(itus) e(st) (Almeida, 1970)

C(aius) Septumius / [---] f(ilius) Clu(niensis) a(nnorum) XXX / h(ic) s(itus) e(st) (García Merino, 1973)

C. SEPTIMIVS / I.F. CLV. AN / XXX / H. S. E. (Domergue, 1987)

C(aius) SEPTVMIVS / F. CLV. A ... / XXX / H. S. E. (Colmenero et al., 1997)

C(aio) 'Sept'um'io / L(uci) 'f(ilio)' Clu(niensi). 'an'(norum) 'XXX / h(ic) 's(itus) 'e(st) (Redentor, 2010, com datação de 50 a 70 d.C.)

Leitura: C(aius) . SEPTVMIVS / L(ucii) ?. F(ilius) . CLV(niensis) . A[N](norum) . XXX (triginta) / H(ic) . S(itus) . E(st)

Tradução: Caio Sétimo, filho de Lúcio?, cluniense, de 30 anos, está aqui sepultado

Bibliografia: Vasconcelos, 1937: 1-3; Cardozo, 1954: 132, n. 1; Hae, 518; Almeida, 1970: 294; García Merino, 1973: 19, n.º 1; Le Roux e Tranoy, 1984: 36, n. 65 e fig. 10; Domergue, 1987: 541; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 275; Sousa, 2005: 159; Redentor, 2010: 150.

EPI 14

Inscrição datável do séc. I d. C., provêm de local desconhecido (abertura de estrada) da zona do complexo mineiro de Tresminas, sendo uma inscrição funerária de emigrados de *Clunia*. O seu paradeiro é desconhecido, mas segundo Leite de Vasconcelos estaria no Museu da Região Flaviense, ainda em 1937.

Variantes de leitura:

C(aius). LICINIVS / CLVN(iensis) . AN(norum) / XXV (viginti quinque) . H(ic) . S(itus) . E(st) (Vasconcelos, 1936)

C. LICINIVS / CLVN. AN / XXV. H. S. E. (Domergue, 1987)

C. LICINIVS / CLVN. AN / XXV H. S. E. (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

C(aio) 'Licin[io] / ['f(ilio)']? Clun(iensi)' an(norum) / XXV 'h(ic) 's(itus) 'e(st) (Redentor, 2010, com datação de 51 a 65 d.C.)

Leitura: C(aius). LICINIVS / CLVN(iensis) . AN(norum) / XXV (viginti quinque) . H(ic) . S(itus) . E(st)

Tradução: Caio Licínio, cluniense, de 25 anos, está aqui sepultado.

Bibliografia: Vasconcelos, 1937: 1-3; Cardozo, 1954: 132, n. 1; Hae, 519; Almeida, 1970: 294; Domergue, 1987: 541; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 275, Sousa, 2005: 159; Batata et al., 2008: 142; Redentor, 2010: 150.

EPI 15

Código Nacional de Sítio (CNS): 17910



Esta estela encontrava-se reaproveitada na aldeia de Covas, estando atualmente no Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar. Teria sido achada pelo Sr. Amaro de Sousa, ao lavrar em Trás do Lago, a norte e junto à Corta de Covas. É mais uma das inscrições funerárias de trabalhadores do complexo mineiro de Três Minas, originários de *Clunia*, datável da 2ª metade do séc. I até meados do II d.C., tendo como inscrição:

... SOREX / CLV(*niensis*) AN(norum) XXX / H(ic). S(itus). E(st). / S(it). T(ibi). T(erra). L(evis). (Hispania, 1991, p. 256; Wahl et al., 1993; Rodríguez Colmenero et al., 1997, Martins, 2005 e Redentor, 2010, este com datação de 51 a 130 d.C.)

Tradução: ... Sorex, cluniense, de 30 anos, está aqui sepultado. Que a terra te seja leve.

Bibliografia: Wahl, 1988: 238; Hae, 1991: 256, nº 893; Wahl et al., 1993: 9; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 276; Sousa, 2005: 162; Martins, 2005: 206; Batata et al., 2008: 139; Redentor, 2010: 151.

EPI 16

As mais antigas referências bibliográficas indicam a existência de uma inscrição funerária romana reaproveitada dentro da igreja de Tresminas, no pavimento junto a uma porta travessa. Atualmente nada se consegue detetar, tendo provavelmente sido destruída.

Variantes de leitura:

PONTO / IADIISE / VRRVS / D.CAMPI / OEIC. AN / XLVII. SE / N //// (Serra, in Hübner, 1869)

IONTO / IADLCSI / VRRVS / DC..VIPI / OFICAN / (Pinto, in Hübner, 1869)

REBVRRVS (Madureira, 1962)

Ponto / Ladi (filius) Se/urrus / (*castelum*) Campi/oeic(o) an(norum) / XLVII Se/u[erus]? (Colmenero et al., 286)

Ponto / 'L'adi 'f'(ilius) Se/urrus 'C'(invertido) Campi/oeic(o)? an(norum) XLVII Se/n[---] (Redentor, 2010 com datação de 1 a 130 d.C.)

Tradução: Ponto Seurro, filho de Lado?, do castelo Campioeico?, de 47 anos...

Bibliografia: Hübner, 1869: 334, nº 2391; Madureira, 1962: 144; Domergue, 1987: 541; Rodríguez Colmenero et al., 1997, 286; Guerra, 1998, 1: 214, n.º E.156.3; Silva, 2007: 429, n.º 604 (epig. 18); Batata et al., 2008: 139; Redentor, 2010: 147.

EPI 17

Ara votiva em granito, procedente de local desconhecido da freguesia de Tresminas, encontrando-se atualmente no jardim do edifício da Câmara Municipal de Vila Pouca de Aguiar. A inscrição está praticamente apagada mas, segundo alguns autores, é possível ainda ler:

Variantes de leitura:

[MV]NIDI / V(*otum*) L(*ibens*) ... (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

V(*otum*) L(*ibens*) (Martins, 2005)

[Mu]nidi? / Q(uintus)? ‘A(---)’ [.(---)] / u(*otum*) l(*ibens*) [s(*oluit*)?] (Redentor, 2010, com datação de 101 a 230 d.C.)

Tradução: A Munidi, Quinto?... voto de livre vontade

Bibliografia: Rodríguez Colmenero et al., 1997: 196; Martins, 2005: 217; Batata et al., 2008: 140; Redentor, 2010: 154.



EPI 18

Ara votiva em granito, procedente de local desconhecido da zona do Complexo Mineiro de Tresminas e Jales, que se encontra no Museu da Região Flaviense, com o n.º 27). Apesar de inteira, o campo epigráfico está bastante erodido, o que impede uma leitura completa da inscrição, a qual se interpreta da seguinte forma:

Variantes de leitura:

Dadruuilo uel Madruuilo / [---] / [---] / [---] Iuliu/s Nelli u(*otum*) s(*oluit*) l(*ibens*) m(*erito*) (Rodríguez Colmenero, 1987)

/ / / IVLIV/S NELLI (*filius*) V(*otum*) S(*oluit*) L(*ibens*) M(*erito*). (Rodríguez Colmenero et al., 1997 e Martins, 2005)

Arrue’B[.]/[---] / [---] iu/s Aneli f (*ilius*) u(*otum*) s(*oluit*) l(*ibens*) m(*erito*) (Redentor, 2010, com datação de 101 a 230 d.C.)

Tradução: A Dadrúvilo ... o, filho de Anélio cumpriu o voto de livre mérito.



Bibliografia: Tranoy, 1981: 268; Rodríguez Colmenero, 1987, 86; AE, 1987, 262e; HEp 2, 868; Garcia, 1991: 566, n.º Z1; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 122; Martins, 2008: 215; Batata et al., 2008: 141; Redentor, 2010: 154.

EPI 19

De acordo com as referências bibliográficas, no interior da capela de Santa Bárbara, na aldeia da Granja, estaria um fragmento de uma estela funerária romana, cujo contexto original é desconhecido. Atualmente, a população local conserva apenas uma vaga memória da sua existência, e o seu paradeiro é desconhecido. Estava a servir de base a uma imagem de Nossa Senhora.

Código Nacional de Sítio (CNS): 17908

Variantes de leitura:

SILVAN/VS SEVE (Argote, 1734)

SILVAN/VS SEVE/RI F(*ilius*). (Hübner, 1869)

SILVAN/VS SEVE (Madureira, 1962)

SILVAN/VS. SEVE/[*ri.f...*]/[...] (Domergue, 1987)

SILVAN/VS SEVE/RI F(ILIVS) [---] / [--- (Colmenero, 1997)

Siluan/us ‘Seue/[*ri?* --- (Redentor, 2010, com datação de 1 a 130 d.C.)

Tradução: Silvano, filho de Severo

Bibliografia: Argote, 1734, livro 3: 635; Hübner, 1869: 334, nº 2392; Madureira, 1962: 150; Domergue, 1987: 541; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 291; Batata et al., 2008: 144-145; Redentor, 2010: 149.

EPI 20

Inscrição que se encontra gravada no hasteal esquerdo na Galeria dos Morcegos, a 210 m da boca.

SABALCO (Castro, 1960; Wahl, 1986 e 1988a)

Sabalco? (Redentor, 2010, com datação entre 101 e 230 d.C.)

Bibliografia: Castro, 1960: 291; Almeida, 1970: 295; Wahl, 1986: 9; Wahl, 1988a: 229; Batata et al., 2008: 145-146; Redentor, 2010: 157.

EPI 21

Grafitus encontrado numa tégula nas escavações.

Variantes de leitura:

AFL (Wahl, 1986)

A(*quae*)Fl(*auiae*) (Wahl, 1988a)AELI(*us*) (Rodríguez Colmenero et al., 1997)

‘Talei’ (Redentor, 2010, com datação entre 31 e 200 d.C.)

Tradução: *Aquae Flaviae* ou Élio ou o genitivo do *nomina* indígena Taleus.**Bibliografia:** Wahl, 1986: 9; Wahl, 1988a: 234-235; Rodríguez Colmenero et al., 1997: 472; Batata et al., 2008: 146; Redentor, 2010: 157.**EPI 22**

Inscrição feita por incisão no colo de um pequeno pote, encontrado em 2008 na escavação da Necrópole da Veiga da Samardã (Sondagem E), fazendo parte do espólio de uma larga sepultura escavada no xisto, pouco profunda, repleta de ossos humanos calcinados, cavilhas e taxas de ferro, e 6 contas de colar de vidro de boa fatura.

Allius Arru(s) (Redentor, 2010, com datação de 151 a 230 d.C.)

ALLIVS ARRIV (*filius*)**Tradução:** Álio, filho de Arro**Bibliografia:** Batata, 2009a: 420; Redentor, 2010: 152.**EPI 23**

Fragmento de estela funerária que foi recolhido por Henrique Botelho na aldeia de Vilarelho, em conjunto com outras. Sabe-se que apareceram numa sepultura quando se lavrava um souto, em local exato desconhecido chamado Comardão, a sul da Corta de Covas. Estava a cobrir uma sepultura vazia, cujas pedras lá deixaram. Argote (1721) dizia que eram 3 pedras e daí terem juntado duas das inscrições que pensavam ser da mesma peça. MNA, Inv. E6524.

Variantes de leitura:

V S C / XXX H S E (Argote, 1732)

VS . C . / XXX . H . S . E. (Hübner, 1869)

V . S . C . / XXX H . S . E. (Leal, 1880 e 1886, Botelho, 1907)

---]/VS C[---ANN(ORVM)] / XXX H(IC) S(ITVS) E(ST)
(Vasconcelos, 1927-29)

VSC / XXX HSE (Madureira, 1962)



us c(luniensis?) / [an(norum)] XXX h(ic) s(itus) e(st) (García Merino, 1973)

VS . C . / XXX . H . S . E. (Domergue, 1987)

---]/us C[l(uniensis) an(norum)]? / XXX h(ic) s(itus) e(st) (Redentor, 2010, com datação de 1 a 130 d.C.)

Leitura: [---]VS . C[L](uniensis) [AN(norum)] / XXX (triginta) H(ic) . S(itus) . E(st)

Tradução: [---] Cluniense, de 30 anos Está aqui sepultado

Bibliografia: Argote, 1732: 480; Hübner, 1869: 334, n° 2390; Leal, 1880: 742; Leal, 1886: 1302; Botelho, 1907: 29 e 35; Vasconcelos, 1927-1929: 216-217, n.º 6; Madureira, 1962: 147; García Merino, 1973: 22; Domergue, 1987: 541; Redentor, 2010: 148.

EPI 24

Marreta de ferro com marca de fabricante. Serviços Geológicos de Portugal.

Variantes de leitura:

(R|N|V) (Ferreira et al., 1955)

MN (retro) N PR (Domergue, 1987)

[...]MIANI...? (Alarcão, 1997)

[...]FINVI[...] ? (Martins, 2005).

Bibliografia: Ferreira et al., 1955: 392-397; Domergue, 1987, 536, n° 1; Alarcão, 1997: 106, n° 1; Martins, 2005 (II), 170 e 184 (fig. 13 (2.3)).

EPI 25

Taça de *sigillata* sudgálica encontrada na Mina de Jales, antes de 1936. Forma Drag. 29, com marca de oleiro, datada entre 55 e 75 d.C. Museu Municipal de Vila Pouca de Aguiar.

Variantes de leitura:

IVLLVS (Nogueira, 1938).

IVLIVS (Ferreira et al., 1955).

Bibliografia: Nogueira, 1938: 204 e 206; Ferreira et al., 1955: 392.

EPI 26

Lucerna em cerâmica, designadas augustais ou helenísticas. Foi encontrado no desentulhamento da galeria do Texugo (Galeria dos Morcegos).

PROCVL (Castro, 1960)

PROCVLI (Martins, 2005)

Bibliografia: Castro, 1960: 282-283; Martins, 2005: 203.

EPI 27

Martelo-pico de ferro (*malleus*) – IGM. Inv. 280.1

Variantes de leitura:

Marca: impressões ilegíveis de pelo menos duas marcas de fábrica (Alarcão, 1997).

M[...]PR, ou seja, MNNPR (Domergue, 1987).

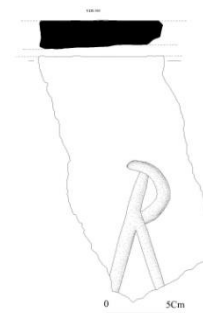
Bibliografia: Carvalho, 1954: est. 2, fig. 4; Domergue, 1987: 536, nº 2; Alarcão, 1997: 106, nº 2; Martins, 2005 (II): 170 e 183 (fig. 12 (2.2)).

EPI 28

Grafitus R encontrado numa tégula, nas escavações de 2007 a 2010, do Povoado da Veiga da Samardã, nas camadas mais tardias, datáveis dos sécs. II/III d.C..

Inventário: VDS 593, QC7 [2]

Bibliografia: Batata, 2011.



EPI 29

Grafitus C encontrado numa tégula, nas escavações de 2007 a 2010, do Povoado da Veiga da Samardã, nas camadas mais tardias, datáveis dos sécs. II/III d.C..

Inventário: VDS 14533, QB6 [2]

Bibliografia: Batata, 2011.



EPI 30

Grafitus N encontrado numa tégula, nas escavações de 2007 a 2010, do Povoado da Veiga da Samardã, nas camadas mais tardias, datáveis dos sécs. II/III d.C..

Inventário: VDS 1858, QC4 [2]

Bibliografia: Batata, 2011.



EPI 31

Grafitus P encontrado numa tégula em terreno recentemente lavrado, dentro do Povoado da Veiga da Samardã, na encosta do morro.

Inventário: VDS 2189

Bibliografia: Batata, 2011.



3. CATÁLOGO NUMISMÁTICO

Os tesouros monetários eram enterrados ou escondidos, em períodos de crise e de instabilidade política e social, durante o séc. I a.C., bem como durante os sécs. III e IV d.C.. No concelho de Vila Pouca de Aguiar foram encontrados diversos tesouros e algumas moedas que poderão ter pertencido a outros tantos tesouros. É o caso das duas moedas romanas encontradas no Povoado do Castelo de Aguiar, escavado por Susana Oliveira Jorge, ou das moedas encontradas nas povoações de Covas e Vales.

Para além do valor cronológico que encerram (e no caso presente, os tesouros encontrados estão relacionados com períodos conturbados do Império Romano), eles são indicadores da passagem de vias romanas, por se acharem, na maior parte dos casos conhecidos, perto de vias. E o concelho de Vila Pouca de Aguiar não é exceção. Se atentarmos na distribuição geográfica dos achados, verifica-se a existência de uma via romana, com diversas variantes de circulação, no planalto do Alvão (sentido norte-sul) (V1), com trânsito desde, pelo menos, desde o séc. I a.C. ao séc. IV d.C., de acordo com a datação das moedas aí encontradas. Se a estas juntarmos o *tremisse* visigótico do séc. VI d.C., encontrado algures na área da povoação de Freixeda, teremos uma via trilhada durante muitos séculos. É claro que não são apenas as moedas que indicam a passagem de vias romanas: outros factores concorrem para esta análise, como sejam, os vestígios físicos de calçadas e sulcos na rocha, a existência de povoados do Bronze Final e Idade do Ferro, as estações romanas, e a existência de sepulturas escavadas na rocha.

No sentido sudeste – noroeste, na zona de Tresminas, outros achados monetários dão-nos indícios da passagem de uma via romana. Os denários de Augusto, achados em Vales e os

denários, um republicano e o outro de Tibério, achados em Covas, dão-nos indicação da passagem de uma via neste sentido, também com diversas variantes, como pudemos atestar no terreno. A via de sentido norte-sul, vinda de Panóias e que atravessava a zona de Jales e Trêsminas (V2), com destino a Bragança, apesar de não apresentar tesouros monetários conhecidos, encontra-se bem marcada no terreno, sendo possível virem a surgir notícias de achados de moedas ao longo do seu trajeto.

NUM 01

Código Nacional de Sítio (CNS): 17911

Das imediações da aldeia de Covas, de local exato desconhecido, provém um denário de *Rutilius Flaccus* (77 a.C.) comprado por Parente em 1971.

Anverso: Cabeça de Roma ou de *Pallas* à direita, capacete com asas e viseira. FLAC por detrás, para baixo.

Reverso: Vitória numa biga, galopando à direita. LRVTILI no exergo.

Bibliografia: Parente, 1980; Centeno, 1987.

NUM 02

Código Nacional de Sítio (CNS): 17911

Das imediações da aldeia de Covas, de local exato desconhecido, provém um denário de Tibério (26-37 d.C.) comprado por Parente em 1971.

Anverso: TI CAESAR DIVI AVG F AVGVSTVS. Cabeça laureada à direita

Reverso: PONTIF MAXIM. Livia personificando a Paz, sentada à direita numa cadeira ornada com bolas nas pernas; ramo de oliveira na mão esquerda e longo cetro na direita; pés sobre *escabellum*.

Bibliografia: Parente, 1980; Centeno, 1987.

NUM 03

Nome da estação: FONTAINHA

Código Nacional de Sítio (CNS): 17919

Localid. mais próxima: Granja

Descrição: No lugar de Fontainha, perto da aldeia da Granja, em local não especificado, apareceu em 1976, casualmente e à superfície, uma moeda de ouro visigótica, um *tremisse* de Egica (687-700 d.C.). Foi achado pela Sra. D. Maria Isabel Alves dos Santos.

Anverso: Busto à direita com cetro cruciforme na mão.

Reverso: Cruz sobre degraus e, por baixo destes, 3 pontos.

Materiais: 1 moeda em ouro

Depósito de materiais: Museu de Arqueologia e Numismática de Vila Real

Tipologia: Achado Isolado

Cronologia proposta: Alta Idade Média

Bibliografia: Parente, 1979: 95-96; Parente, 1980: 10-11; Barroca & Morais, 1986: 37; Soares, 2002; Machado, 2005: 62-64; Sousa, 2005: 23 e 173; Batata et al., 2008: 147.



NUM 04

Em 1894, perto da aldeia de Vales, quando lavrava um campo, um lavrador encontrou um número desconhecido de denários de *Augustus*, todos do tipo *Caius* e *Lucius Caesares*, cunhados em Lugdunum, entre 2 a.C. e 4 d.C. (?).

Bibliografia: Parente, 1980; Centeno, 1987.

NUM 05

Foi encontrada nas escavações arqueológicas de 2007, na Sond. C, camada 2 (camada de derrube mais tardia). Trata-se de um denário forrado a prata, de má qualidade, pois é visível a alma em cobre. Apesar de não permitir uma leitura adequada, pode datar-se de meados do séc. III d.C.



Bibliografia: Batata, 2007.

NUM 06

Foi encontrada nas escavações arqueológicas de 2007, no enchimento da Fossa IV. Trata-se de um denário de Tíberio, de boa qualidade. Data o enchimento das fossas de decantação de inícios do séc. I d.C.



Bibliografia: Batata, 2007.

NUM 07

Foi achado, fora do Recinto do Alto do Cimo dos lagos, não longe da Sond. D, à superfície, por Paulo Cristiano e Francisco Lameirão. Trata-se de um denário republicano, de *P. Crepusius*, cunhado em Roma, em 82 a.C.



Bibliografia: Inédito (informação e foto dos autores).

NUM 08

Foi achado, fora do Recinto do Alto do Cimo dos lagos, não longe da Sond. D, à superfície, por Paulo Cristiano e Francisco Lameirão, em conjunto com o anterior. Trata-se de um denário republicano, de *L. Calpurnius Piso Frugi*, cunhado em Roma, em 90 a.C.



Bibliografia: Inédito (informação e foto dos autores).

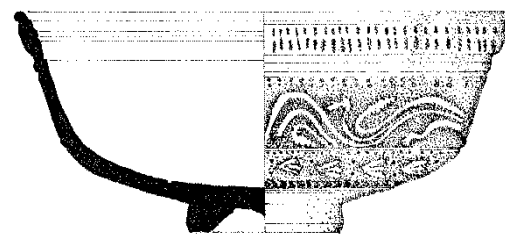
4. CATÁLOGO DE MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS

SIG 01

Taça de *sigillata* sudgálica encontrada na Mina de Jales, antes de 1936, e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, inv. 1816.

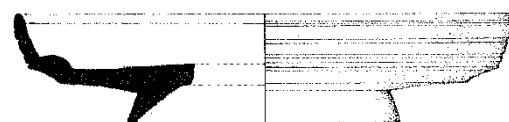
Forma Drag. 29, com marca de oleiro IVLLVS, datada entre 55 e 75 d.C (Nogueira, 1938) e IVLIVS em (Ferreira et al., 1955). Segundo Carla Martins, trata-se de sigillata hispânica, com a pasta tipo (A2, engobe 8D7, forma Drag, 29, com cronologia entre 50 e 60/70 d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Nogueira, 1938, 204 e 206; Cardozo, 1964: 120 e fig. 10; Ferreira et al., 1955, 392; Domergue, 1987, 535; Martins, 2005, 176, fig. 23 (9.1.3.2).



SIG 02

Prato de *sigillata* sudgálica encontrada na Mina de Jales, antes de 1936, e que se encontra no Museu Nacional de Arqueologia, inv. 1816.



Forma Drag. 15/17, datada entre 55 e 75 d.C. (Nogueira, 1938). Sigillata hispânica (taça), Forma Drag. 15/17, datável de 69 a 200 d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Nogueira, 1938: 204 e 206; Domergue, 1987: 535; Martins, 2005: 175-176, fig. 23 (9.1.3.1).

SIG 03

Fragmento de *sigillata* ornamentada, forma Drag. 29, que se encontra nos Serviços Geológicos de Portugal (Ferreira et al., 1955, p.392-397). Datável do 2º quarto do séc. I (Domergue, 1987).

Bibliografia: Ferreira et al., 1955: 392-397; Domergue, 1987: 535.

SIG 04

Necrópole da Veiga da Samardã

Fragmento de pança e fundo de *sigillata* sudgálica, forma Drag. 24/25, com uma única letra legível da marca de oleiro, achada na necrópole (?) da Veiga da Samardã, e que se encontra no Serviço de Fomento Mineiro. É datável dos dois primeiros terços do séc. I d.C.

Bibliografia: Domergue, 1987: 540

SIG 05

Asa plana de *sigillata* hispânica A, com decoração vegetalista moldada, forma Drag. 39, achada na necrópole (?) da Veiga da Samardã, e que se encontra no Serviço de Fomento Mineiro. É datável do séc. II d.C.

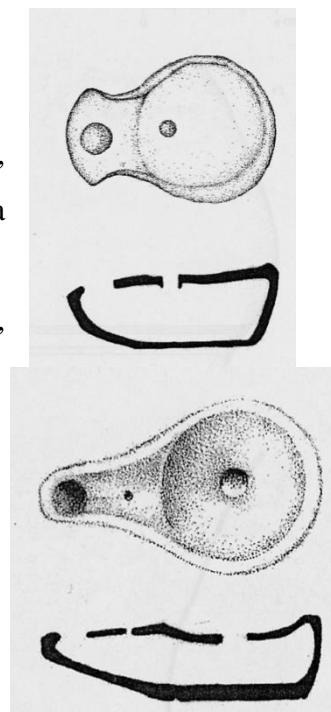
Bibliografia: Domergue, 1987: 540-541

LUC 01

Lucerna de volutas, sem *ansa*, de meados do séc. I d.C.. (Nogueira, 1938), que se encontra no Centro Interpretativo de Tresminas. Foi achada na Mina dos Mouros (Campo de Jales).

Segundo Carla Martins, a lucerna é uma variante de Loeschke I A, datável do séc. I d.C. (Martins, 2005). Apresenta as dimensões de 6 x 6,6 x 3,7 cm (Alarcão, 1997) e 8,5 x 6,6 x 3,4 cm, com peso de 90,92 g (Martins, 2005).

Bibliografia: Nogueira, 1938: 204 e 206; Cardozo, 1954: 123, fig. 5;



Domergue, 1987: 535; Alarcão, 1997: 115, nº 4; Martins, 2005: 172, fig. 18 (3.2); Batata et al., 2008: 165.

LUC 02

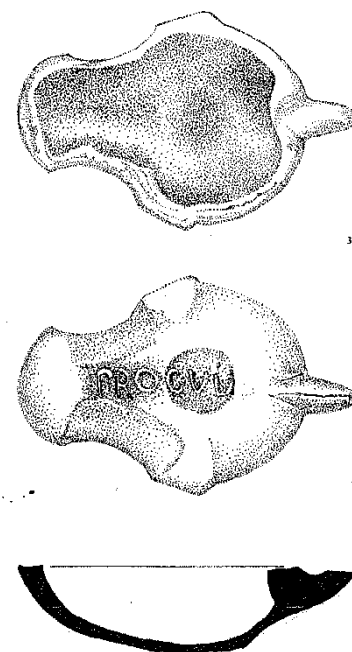
Lucerna de bronze do séc. I d.C, aparecida na entulheira romana duma galeria do 2º piso, na Mina dos Mouros ou na Gralheira. Encontra-se nos Serviços Geológicos de Portugal (Ferreira et al., 1955), IGM Lisboa, Inv. 280.3.

Segundo Carla Martins, insere-se na tipologia Deneauve, variante Tipo VI A, datável do séc. I d.C. (Martins, 2005), tem as dimensões de 9,6 x 5,8 x 2,9 cm e peso de 268,78 g, devido ao fato de ser uma lucerna fundida em bronze, incaracterística, com orifício central e outro para a chama, com um pequeno orifício entre os dois.

Bibliografia: Ferreira et al., 1955: 393, fig. 2; Domergue, 1987: 535; Alarcão, 1997: 114, nº 3; Martins, 2005: 84 e 172, fig. 18 (3.1); Batata et al., 2008: 165.

LUC 03

Lucerna em cerâmica bege com aguada castanho-alaranjada, o depósito tem aletas laterais, com a marca PROCVL (Castro, 1960) e asa. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Data de inícios do séc. I d.C, com o comprimento de 10,2 x 6,2 cm de diâmetro (CASTRO, 1960). Pela forma do bico, aproxima-se do Tipo I de Loeschke, tendo protuberâncias laterais, sem volutas. Data do séc. I d.C. (Domergue, 1987). Carla Martins apresenta algumas discrepâncias nas medidas e datação. Comprimento: 10,12 cm, diâmetro: 6,63 cm, altura: 2,60 cm, peso 43,47 g, tipologia Deneauve Tipo III, datável dos sécs. I/II d.C, com a marca PROCVLI (Martins, 2005).



Bibliografia: Cardozo, 1964: 118 e fig. 5; Castro, 1960: 282-283; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 203, fig. 23 (3.6)

LUC 04

Fragmento de lucerna em cerâmica branca (disco com 3 caneluras) com vestígios de engobe acastanhado Foi encontrado no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-

se no IGM do Porto. Data de inícios do séc. I d.C., com diâmetro provável de 6,4 cm (Castro, 1960). Fragmento datável do séc. I (Domergue, 1987).

Medidas do fragmento: comprimento de 5,54 cm, altura de 1,45 cm e peso de 8,14 g, pertencendo à tipologia Dressel 9a (Martins, 2005).

Bibliografia: Castro, 1960: 284; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 201-202, fig. 19 (3.2).

LUC 05

Lucerna em cerâmica branca com representação da Fama no disco. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Data do séc. I d.C., com 6,1 cm de diâmetro, 3 de altura e comprimento provável de 9,5? cm (Castro, 1960).

Bico em ogiva com volutas incompletas, do tipo Ponsich II B2, datável de meados do séc. I até inícios do II (Domergue, 1987). Medidas do fragmento: comprimento de 6,88 cm, altura de 2,84 cm, diâmetro de 6,11 cm e peso: 26,15 g. Disco com figura feminina, talvez uma Vitória, cronologia séc. I/II d.C. (Martins, 2005)

Bibliografia: Castro, 1960: 285-286; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 85 e 201, fig. 18 (3.1).

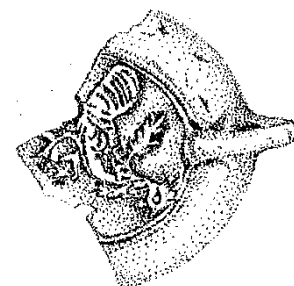
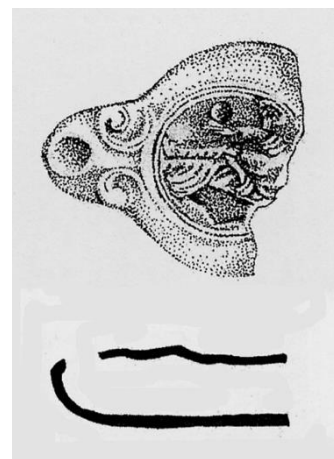
LUC 06

Lucerna em cerâmica bege, de asas, com representação de um galináceo e palma ou espiga por cima. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Data do séc. I d.C. e tem a altura de 4 x 6,1 cm de diâmetro x 9,6 de comprimento (Castro, 1960).

Fragmento de lucerna do mesmo tipo da anterior (Domergue, 1987).

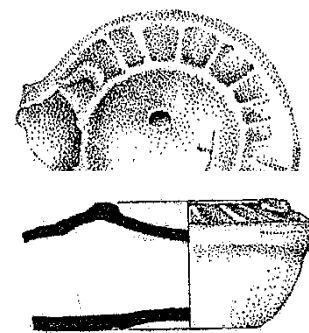
Medidas do fragmento: comprimento de 6 cm, altura de 2,56 cm, diâmetro de 5,83 cm e peso de 23,64 g, da tipologia Ponsich III A2, com cronologia dos sécs. I/II d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Castro, 1960: 286-287; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 203, fig. 25 (3.8).



LUC 07

Lucerna em cerâmica acinzentada. Disco decorado com coroa circular, preenchida com traços radiais. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Data do 3º quartel do séc. I d.C. e inícios do II, com altura de 3 cm x 6,4 de diâmetro x 93? de comprimento (Castro, 1960). Aparece sob o reinado dos Flávios e mantém-se durante o séc. II (Domergue, 1987).



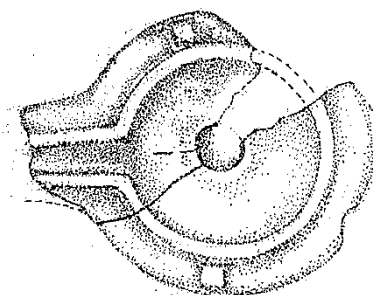
Medidas do fragmento: diâmetro de 6,45, altura de 3,13 cm e peso de 68,02 g, tipo Loeschcke V, inserível nos sécs. I/II d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Castro, 1960: 287; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 202, fig. 22 (3.5).

LUC 08

Lucerna de canal em cerâmica rosada, com engobe acastanhado, com duas protuberâncias sobre o disco. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto.

Data do 3º quartel do séc. I d.C. e inícios do II, tendo a altura de 4 cm x 6,7 cm de diâmetro x 92? de comprimento (Castro, 1960). Aparece sob o reinado dos Flávios e mantém-se durante o séc. II (Domergue, 1987).



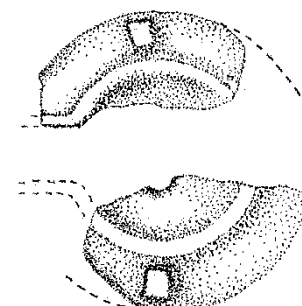
Medidas do fragmento: comprimento de 7,9 cm, diâmetro de 6,64 cm, altura de 2,15 cm e peso de 26,26 g, inserível na tipologia Ponsich V C (Martins, 2005).

Bibliografia: Castro, 1960: 288-289; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 2002, fig. 21 (3.4).

LUC 09

Dois fragmentos de lucerna de canal em cerâmica alaranjada, com duas protuberâncias sobre o disco. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Dimensões de 9,1? Cm de comprimento x 6,5? de diâmetro (Castro, 1960).

Possível diâmetro de 6,6 cm e peso de 16,4 g (Martins, 2005).



Bibliografia: Castro, 1960: 289; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 203, fig. 24 (3.7).

LUC 10

Lucerna de canal encontrada num nicho. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos e encontra-se no IGM do Porto. Data do 3º quartel do séc. I d.C. e inícios do II. (Castro, 1960). Aparece sob o reinado dos Flávios e mantém-se durante o séc. II (Domergue, 1987).

Bibliografia: Castro, 1960: 289; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 204.

LUC 11

Fragmento de asa de lucerna, de pasta esbranquiçada. Foi encontrada no desentulhamento da Galeria dos Morcegos (Castro, 1960) e encontra-se no IGM do Porto.

Medidas do fragmento: comprimento de 2,05 cm, altura de 1,91 cm e peso de 2,40 g, com cronologia dos sécs. I/II d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Castro, 1960: 290; Domergue, 1987: 540; Martins, 2005: 202, fig. 20 (3.3).

LUC 12

Lucerna de canal em cerâmica alaranjada, com três protuberâncias sobre o disco, muito frequente em acampamentos romanos.

Comprimento de 6,74 cm, altura de 1,47 cm e diâmetro de 4,15 cm, com cronologia do séc. II d.C.

Foi encontrada em 2007, nas escavações arqueológicas do povoado romano da Veiga da Samardã, no quadrado C7, unidade estratigráfica 3, Casa II.

Bibliografia: Batata, 2009a: 429.

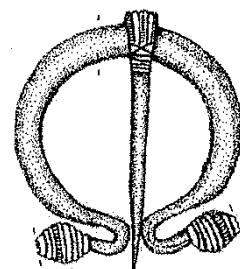


FIB 01

Grande fíbula anelar achada na Mina de Jales e que se encontra no Centro Interpretativo de Tresminas.

Grande fíbula circular de bronze, datável do séc. I (DOMERGUE, 1987), com terminais em fusilhão geometricamente decorados com estrias. A secção do arco é octogonal.

Apresenta o diâmetro de 5,5 cm e tem de peso: 47,02 g. Segundo



Carla Martins insere-se na tipologia Ponte B 51 2.d., com cronologia do séc. I a fins do IV d.C. (Martins, 2005).

Bibliografia: Cardozo, 1964: 118 e fig. 4; Domergue, 1987: 535; Martins, 2005: 175, fig. 22 (6.1); Batata et al., 2008: 165.

FIB 02

Fusilhão de fíbula em bronze, composto por um travessão de secção circular no qual foi enrolada uma mola, de secção retangular, terminando em secção circular aguçada, que se encontra no MNA, Lisboa, inv. cont. 3686, vol. 1, 6399, talvez proveniente da Mina de Jales.

Comprimento de 2,8 cm, largura de 2,4 cm (travessão), espessura de 0,5 cm (travessão) e peso de 3 g, inserível na tipologia Ponte D40, com cronologia do séc. I a meados do II d.C.

Bibliografia: Martins, 2005: 204-205, fig. 29 (6.1); Batata et al., 2008: 135.



FIB 03

Aro de fíbula em bronze, a que falta o fusilhão. O aro tem três estrias e uma secção semioval, com terminal entrançado, terminando num pequeno botão.

Encontra-se no MNA, Lisboa, inv. cont. 3686, vol. 1, 6400, talvez proveniente da Mina de Jales.

Comprimento de 3,35 cm, largura de 2,25 cm, espessura de 0,35 cm e peso de 3,91 g, inserível na tipologia Ponte 32C ou Tipo Transmontano, com cronologia do séc. I d.C.

Bibliografia: Martins, 2005: 205, fig. 29 (6.2); Batata et al., 2008: 135.



ANE 01

Anel em cobre de secção sextavada.

Encontra-se no MNA, Lisboa, inv. cont. 3686, vol. 1, 6401, talvez proveniente da Mina de Jales.

Diâmetro de 2,1 cm, espessura de 0,35 cm e peso de 3,70 g, com cronologia não assinalada, mas de Época Romana.

Bibliografia: Martins, 2005: 205, fig. 29 (6.3); Batata et al., 2008: 135.



BAL 01

Parte de cima de um caldeiro de bronze, feita de uma só lâmina, sendo a forma obtida por martelagem, com remendos, polida e com decoração em linhas paralelas. De cada lado do bordo apresenta um furo com 3,84 mm, para colocação de asa.



Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no MMVPA.

Foi datado de meados a finais do séc. I d.C. (Nogueira, 1938). Segundo Carla Martins, é uma variante da forma Tassinari, tipologia V 2000, datável dos sécs. I/II d.C. (Martins, 2005).

Diâmetro médio do bordo: 15 cm (Alarcão, 1997). Diâmetro médio do bordo: 14,7 cm e peso de 236,49 g (Martins, 2005).

Bibliografia: Nogueira, 1938: 204 e 206; Cardozo, 1964: 119 e fig. 5; Domergue, 1987: 535; Alarcão, 1997: 109, nº 3; Martins, 2005: 173, fig. 19 (4.1).

BAL 02

Aro de secção circular com extremidades curvas para encaixe no colo do recipiente e ressalto circulares para encaixe da asa.

Apresenta as dimensões de 36,8 x 2,7 cm (Alarcão, 1997).

Comprimento: 52,9 cm e espessura de 2,9 cm (Martins, 2005).

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Cardozo, 1954: 119 e fig. 6; Domergue, 1987: 536; Alarcão, 1997: 113, nº 1; Martins, 2005: 174, fig. 20 (4.5).

BAL 03

Aro de secção circular com extremidades curvas para encaixe no colo do recipiente e ressalto circulares para encaixe da asa.

Apresenta as dimensões de 32 x 2,8 cm (Alarcão, 1997).

Comprimento: 49,4 cm e espessura de 2,9 cm (Martins, 2005).

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Cardozo, 1954: 124, fig. 6; Domergue, 1987: 536; Alarcão, 1997: 113, nº 2;

Martins, 2005: 173, fig. 20 (4.4).

BAL 04

Dois fragmentos de asa, um deles curvo para encaixe em asa de sítula ou diretamente na madeira ou metal do recipiente, com comprimento de 18,8 cm e espessura de 1,4 cm.

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Martins, 2005: 173, fig. 20 (4.2).

BAL 05

Asa de secção circular com extremidades curvas para encaixe em asa de sítula ou diretamente na madeira ou metal do recipiente, com o comprimento de 35,2 cm, espessura de 2,5 cm e peso de 914,76 g.

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Martins, 2005: 173, fig. 20 (4.3).

BAL 06

Asa de secção circular com extremidades curvas para encaixe em asa de sítula ou diretamente na madeira ou metal do recipiente, com o comprimento de 57,5 cm, altura de 11,82 cm, espessura de 2,5 cm e peso de 1234,91 g.

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no Museu Municipal de Vila Real, Inv. 1019/2001

Bibliografia: Martins, 2005: 174, fig. 20 (4.6).

BR 01

Machado de bronze com duas aselhas, achado no interior da mina de Jales, datado do Bronze Final, com o comprimento de 22,7 cm, largura de 5,5 cm, espessura de 4,3 cm e peso de 1095,52 g.

Tipologia Monteagudo 29 B (Martins, 2005).

Bibliografia: Nogueira, 1938: 205; Cardozo, 1964: 119 e fig. 3; Domergue, 1987: 535; MARTINS, 2005: 177, fig. 25 (12.1.1); Batata et al., 2008: 56-57.



PB 01

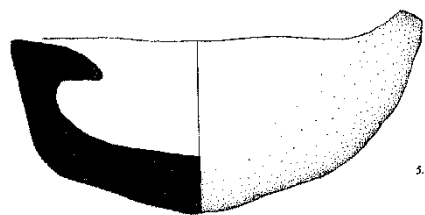
Grande lingote de chumbo, com as dimensões de 15,9 x 16 x 8 cm e peso de 9 012 g.

Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 119; Alarcão, 1997: 115, nº 4.

CAD 01

Cadinho em ferro, de forma circular, com restos de escória, encontrando-se fragmentado no que seria o bico vertedor, com um arranque de provável pega, e diâmetro de 11,41 a 11,09 cm, altura de 4,95 cm e peso de 827,76 g



Apareceu na Mina de Jales ou na Gralheira, e encontra-se no Museu Municipal de Vila Real, Inv. MDDS 1362/98

Bibliografia: Martins, 2005: 175, fig. 21 (5.1).

PIC 01

Pico-martelo de ferro (*malleus*), com 20,3 cm de comprimento e peso de 1912 gr (Alarcão, 1997).

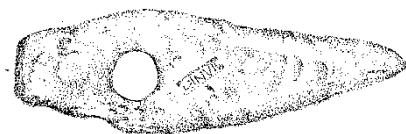
Domergue apresenta as seguintes medidas: 20 cm de comprimento x 6,5 cm de largura máxima e 4,7 cm de espessura máxima. O buraco de encabamento tem 2,8 cm. A parte do martelo é quadrada e a do pico octogonal. Tem marca retangular (2,1 x 0,6 cm) numa das faces, imprimida obliquamente em cruz, com as letras em relevo (Domergue, 1987).

Por seu lado, Carla Martins apresenta-o com 1914,67 g de peso, comprimento de 20,2 x 5,9 de largura x 4,4 de espessura (Martins, 2005). Refere marca de oficina sem efetuar a sua leitura, mas apresenta o desenho.

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no IGM, Lisboa, inv. 280.2.

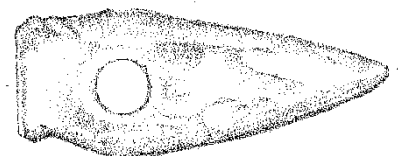
Marca de ferreiro.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 119 e fig. 7; Ferreira et al., 1955: 392-397; Domergue, 1987: 536, nº 1; Wahl, 1993: 5; Alarcão, 1997: 106, nº 1; Martins, 2005 (II): 170 e 184 (fig. 13 (2.3)); Batata et al., 2008: 164.



PIC 02

Pico-martelo de ferro (*malleus*), com 19,3 cm de



comprimento e 2884 g de peso. (Alarcão, 1997).

Domergue mediu 19 cm de comprimento, largura máxima de 7,7 cm e espessura máxima de 5,1 cm. O buraco de encabamento tem 3,1 cm e a secção da parte de pico é octogonal. A estampilha está implantada numa das faces, com as dimensões de 2,9 x 0,9 cm (Domergue, 1987).

Carla Martins, refere 5,5 cm de espessura máxima e peso de 2886,86 g, não referindo a estampilha (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no IGM. Inv. 280.1

Bibliografia: Cardozo, 1964: 119 e fig. 7; Carvalho, 1954: est. 2, fig. 4; Domergue, 1987: 536, nº 2; Alarcão, 1997: 106, nº 2; Martins, 2005 (II): 170 e 183 (fig. 12 (2.2)).

PIC 03

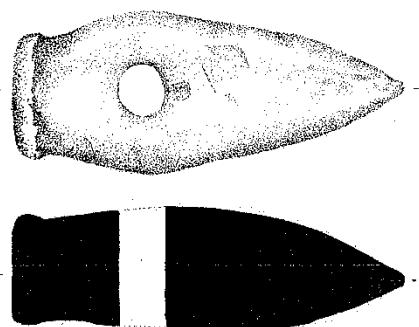
Pico-martelo em ferro (*malleus*).

Apresenta 17,6 cm de comprimento e peso de 2588 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta o peso de 2591,05 g, largura de 7,3 cm e espessura de 5,65 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no Centro interpretativo de Tresminas.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 106, nº 3; Martins, 2005 (II): 170 e 184 (fig. 13 (2.4)).



PIC 04

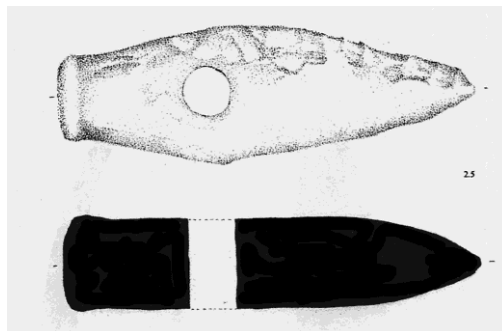
Pico-martelo em ferro (*malleus*), de secção quadrangular de um lado e pontiagudo do outro.

Apresenta 21,9 cm de comprimento e peso de 2673 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta o peso de 2672,35 g, largura de 7,2 cm e espessura de 4,2 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 119 e fig. 7; Alarcão, 1997: 106, nº 4; Martins, 2005 (II): 170-171 e 185 (fig. 14 (2.5)).



PIC 05

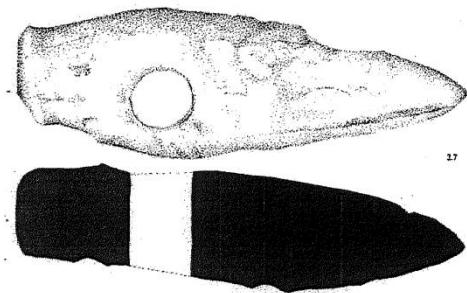
Pico-martelo em ferro (*malleus*).

Apresenta 25 cm de comprimento e peso de 3656 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta a largura de 8,5 cm e espessura de 6,20 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 107, nº 6; Martins, 2005 (II): 171 (fig. 15 (2.7)).



PIC 06

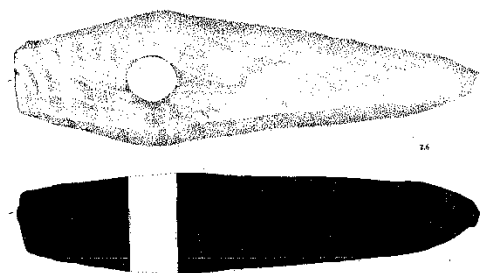
Pico-martelo em ferro (*malleus*), de secção octogonal de ponta arredondada e secção posterior quadrangular.

Apresenta 28 cm de comprimento e peso de 5045 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins acrescentou a largura de 8,3 cm e espessura de 6,25 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no Centro interpretativo de Tresminas.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 107, nº 7; Martins, 2005 (II): 171e 185 (fig. 14 (2.6)).



PIC 7

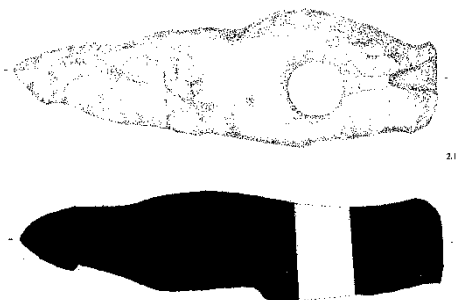
Pico-martelo em ferro (*malleus*), muito deteriorado, com orifício circular de 3,5 cm, com secção quadrangular de um lado (4,5 x 4,5 cm), com sinais de uso, bem como na ponta.

Apresenta 23,5 cm de comprimento e peso de 3004 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta as dimensões de 22,8 x 7,7 x 5,23 cm e peso de 2973,32 g (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no Museu Municipal de Vila Real, inv. 1018/2001.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 119 e fig. 7; Alarcão, 1997: 106, nº 5; Martins, 2005 (II): 169 e 183 (fig. 12 (2.1)).



PIC 08

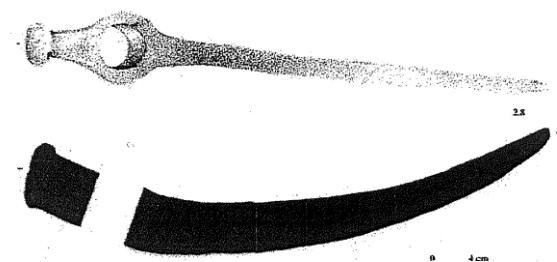
Picareta-martelo em ferro (*keilhaue*), apresentando parte posterior com secção retangular e lâmina com secção igual.

Apresenta 46,8 cm de comprimento e peso de 3914 g (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta as dimensões de 47,2 x 7,3 x 6,48 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado na Mina dos Mouros (Jales) e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 107, nº 10; Martins, 2005 (II): 171 e 186 (fig. 15 (2.8)).



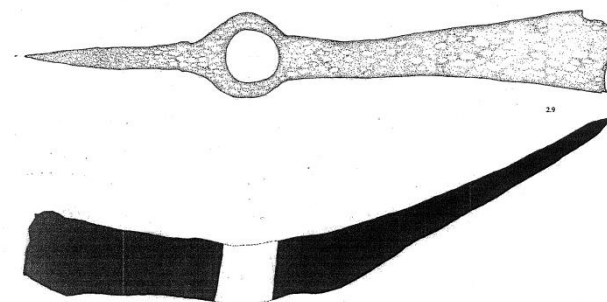
PIC 09

Machado-enxó em ferro (*ascia*), com sinais de uso em ambas as lâminas, muito gastas e com falhas.

Apresenta as dimensões de 37,3 x 53,96 x 4,8 cm e peso de 1391,85 g (Martins, 2005).

Foi encontrado no povoado da Veiga da Samardã e encontra-se no Museu Municipal de Vila Real, inv. 1023/2001.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 130 e fig. 11; Martins, 2005 (II): 171-172 e 187 (fig. 16 (2.9)); Batata, 2008: 164.



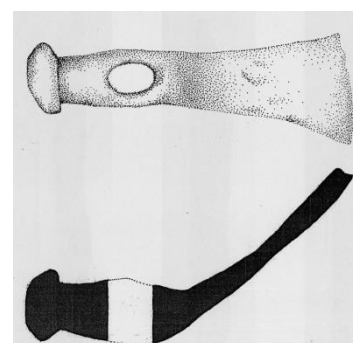
PIC 10

Martelo-enxó em ferro, com parte posterior em cabeça esférica e parte da lâmina quebrada.

Apresenta 17,5 cm de comprimento; a lâmina as dimensões de 12 x 6,15 cm (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta as dimensões de 18 x 5,7 x 3,72 cm e peso de 525,58 g (Martins, 2005).

Foi encontrado no povoado da Veiga da Samardã e encontra-se no MMVPA.



Bibliografia: Alarcão, 1997: 111, nº 2; Martins, 2005 (II): 201 e 224 (fig. 17 (2.1)).

COU 01

Três fragmentos de couro pertencentes à mesma peça, talvez de uma bolsa.

1º fragmento: comprimento de 10,187 cm x 6,498 de largura x 0,131 de espessura e peso de 5,73 g.

2º fragmento: comprimento de 10,815 cm x 7,082 x 0,152 e peso de 7,13 g.

3º fragmento: dimensões de 13,510 x 9,156 x 0,134 e peso de 9,5 g, apresentando refegos e ondulações.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Martins, 2005 (II): 174 e 191 (fig. 20 (4.7)).

COU 02

Fragmento de couro constituído por dupla pele perfurada por orifícios ovais, pelos quais passa uma correia, talvez de uma bolsa.

Dimensões: 13 cm de comprimento por altura de 9 cm.

Orifícios ovais (eixos com 0,931 cm x 0,533) distanciados entre si por 1,841 cm.

Correia: largura de 0,802 cm x 0,281 de espessura.

A espessura de cada pele é de 0,158 e 0,171 cm.

Peso de todas as peças: 25,82 g.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 114, nº 15; Martins, 2005 (II): 174 e 191 (fig. 20 (4.8)).

COU 03

Sete (7) fragmentos de couro bovino, um deles com dupla pele, talvez de uma bolsa, com o peso total de 60,87 g.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Cardozo, 1964: 120 e fig. 6; Alarcão, 1997: 113, nº 3; Martins, 2005 (II): 175 e 191 (fig. 20 (4.9)).

COU 04

Cabo feito com tiras de couro entrançado, em número de cinco: cada tira tem entre 1,9 e 2,04 cm de largura.

Apresenta 42,3 cm de comprimento e secção 3,9 x 1,7 cm (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta as dimensões de 42,4 x 4,01 x 1,81 cm e peso de 119,1 g. (Martins, 2005).

Foi encontrado na Galeria dos Morcegos, Tresminas e encontra-se no IGM do Porto.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 114, nº 14; Martins, 2005: 200, fig. 16 (1.3).

MAD 01

Polia de carvalho

Dimensões de 34,1 de diâmetro x 18 cm de largura.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA

Bibliografia: Cardozo, 1954: 119 e fig. 8; Domergue, 1987: 536; Alarcão, 1997: 113, nº 4.

MAD 02

Bateia (?) (*alveus*) em carvalho, em forma de pá com cabo curto.

Apresenta as dimensões de 47,6 x 24,3 cm (Alarcão, 1997).

Carla Martins apresenta o comprimento de 47,5 cm x 9,08 de altura x 1,46 (?) cm de espessura (Martins, 2005).

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 109, nº 4; Martins, 2005: 172, fig. 17 (2.10).

MAD 03

Fragmento de escada em azinho, escavada em ramo grosso.

Dimensões: 45,5 de comprimento x 11,7 cm de largura.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no IGM de Lisboa.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 111, nº 7.

MAD 04

Travessa em carvalho, biselada em ambas as extremidades.

Dimensões de 134,2 x 15,3 cm (Alarcão, 1997).

Domensões de 133,7 x 14,34 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 112, nº 13; Martins, 2005: 169, fig. 11 (1.7).

MAD 05

Travessa circular em carvalho, pontiaguda em ambas as extremidades.

Dimensões de 66,4 x 10,1 cm (Alarcão, 1997).

Dimensões de 66 x 9,5 cm e peso de 2132,26 g (Martins, 2005).

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 112, nº 15; Martins, 2005: 169, fig. 11 (1.5).

MAD 06

Travessa em carvalho, com extremidade pontiaguda conservada.

Dimensões de 65,7 x 9,9 cm.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 112, nº 16.

MAD 07

Toro de madeira de carvalho, arredondado numa ponta, pontiagudo noutra, apresentando um encaixe quadrangular.

Dimensões de 137,2 de comprimento x 12,9 cm de largura (Alarcão, 1997).

Dimensões de 137 x 12,02 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no MMVPA.

Bibliografia: Alarcão, 1997: 112, nº 14; Martins, 2005: 169, fig. 11 (1.6).

MAD 08

Elemento de calço.

Fragmento de madeira de entivação, apresentando entalhe quadrangular de 7 x 7 cm e profundidade de 2 cm, a meio da peça.

Dimensões de 49 x 16,4 x 7,8 cm (Alarcão, 1997).

Dimensões de 47,3 x 15 x 8,4 cm (Martins, 2005).

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no IGM de Lisboa, Inv. 280.4.

Bibliografia: Domergue, 1987: 536, nº 3b; Alarcão, 1997: 112, nº 12; Martins, 2005: 168, fig. 10 (1.2).

MAD 09

Travessa em madeira, constituída por tronco abaulado em que uma das pontas termina em bisel e a outra é pontiaguda.

Apresenta o comprimento de 66,7 e espessura de 84,68 cm.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no Museu Municipal de Vila Real nº inv: MDDS 1016/2001.

Bibliografia: Martins, 2005: 168, fig.10 (1.1).

MAD 10

Fragmento de tábu de entivação, de secção retangular, mas com irregularidades.

Dimensões de 45,5 x 10,5 x 2,4 cm.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no IGM de Lisboa, Inv. 280.6.

Bibliografia: Martins, 2005: 168, fig. 10 (1.3).

MAD 11

Fragmento de tábu em bisel, sendo pontiaguda numa das extremidades.

Dimensões de 83,7 x 7 x 3,3 cm.

Foi encontrado Mina dos Mouros ou Gralheira e encontra-se no IGM de Lisboa, Inv. 280.7.

Bibliografia: Martins, 2005: 168, fig. 11 (1.4).

MAD 12

Fragmento de madeira de castanho, cortado em cutelo, sem gume, com o dorso largo e toscamente regularizado. Apresenta uma concavidade que teria comportado uma cavilha de secção rectangular (Martins, 2005).

Dimensões de 54,9 x 10,5 x 4,2 cm e peso de 841,3 g.

Foi encontrado na Galeria dos Morcegos, Tresminas e encontra-se no IGM do Porto.

Bibliografia: Martins, 2005: 200, fig. 14 (1.1).

MAD 13

Toro de madeira de castanho, de secção circular aguçado nos dois extremos.

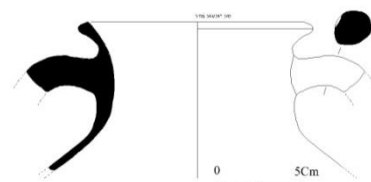
Comprimento de 69,6, diâmetro de 7,65 cm e peso de 1585,9 g.

Foi encontrado na Galeria dos Morcegos, Tresminas e encontra-se no IGM do Porto.

Bibliografia: Martins, 2005: 200, fig. 15 (1.2).

ANF 01

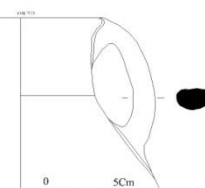
VDS 344/345/347 – Bordo e arranque de asa em cerâmica alaranjada com enp's de pequeno, médio e grande calibre. Bordo com 14,1 cm de diâmetro e asa arredondada com 2,4 cm de diâmetro máximo, de difícil enquadramento numa tipologia.



Foi encontrada em contexto júlio-claudiano.

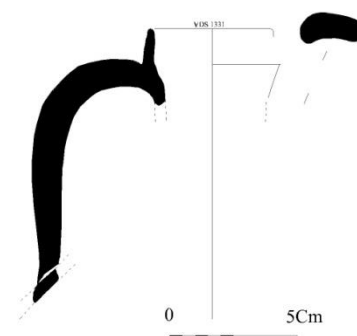
ANF 02

VDS 2173 – Bordo, colo e asa em cerâmica alaranjada friável, micácea, com muitos enp's de pequeno e médio calibre. Bordo com 11,5 cm de diâmetro e asa de fita com 2,7 cm de largura, tipo Lusitana 8, datável entre finais do séc. II até ao V d.C., para transporte de sardinha em salmoura.



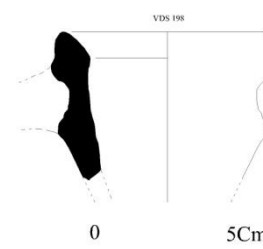
ANF 03

VDS 1331 – Bordo e asa em cerâmica alaranjada friável, micácea, com muitos enp's de pequeno e médio calibre. Bordo com 4,8 cm de diâmetro e asa de fita com 2,5 cm de largura.



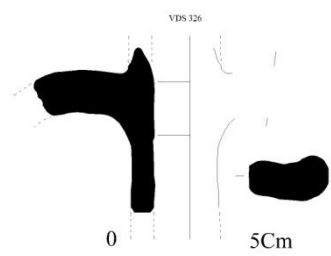
ANF 04

VDS 198 – Bordo em cerâmica castanho-clara, micácea, com muitos enp's de pequeno, médio e grande calibre. Bordo com 7,2 cm de diâmetro.



ANF 05

VDS 363 – Bordo em cerâmica castanho-clara, com alguns enp's de pequeno, médio e grande calibre. Bordo com



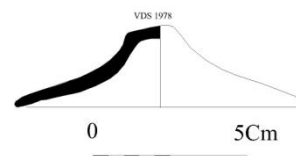
12,3 cm de diâmetro.

ANF 06

VDS 326 – Colo com 2,9 cm de diâmetro e arranque de asa com a largura de 2,6 cm em cerâmica castanho-clara, micácea, com muitos enp's de pequeno e médio calibre.

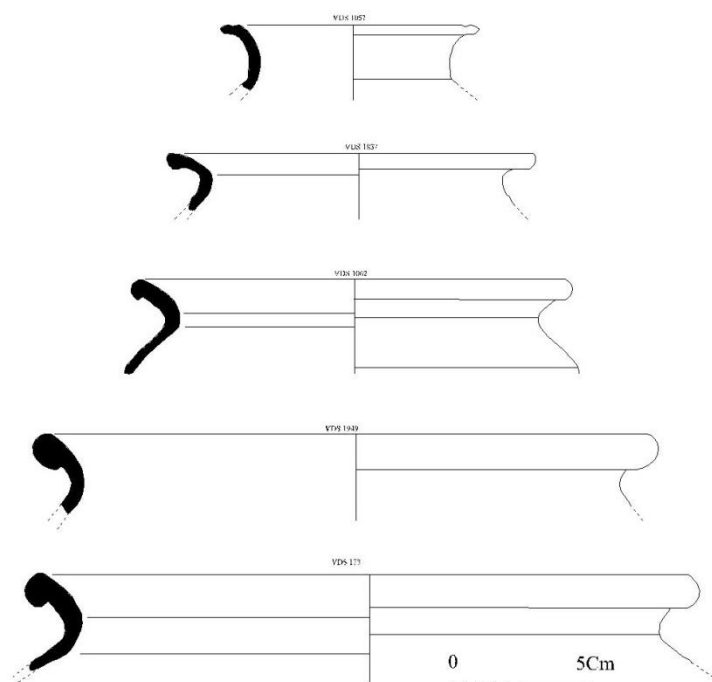
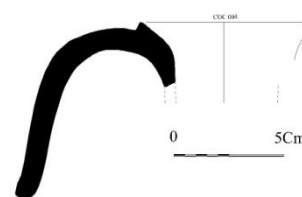
ANF 07

VDS 1978 – Tampa de ânfora em cerâmica micácea castanho-clara, com muitos enp's de pequeno e médio calibre e com o diâmetro de 9,5 cm.



BIL 01

COC 004 – Bilha de bordo trilobado (?) em cerâmica cinzenta, micácea, com muitos enp's de pequeno, médio e grande calibre. Bordo com 7,4 cm de diâmetro.



IND 01

VDS 1057 – Bordo reto de pote em cerâmica cinzenta-escura, micácea, polida no interior e exterior e pasta vermelha, bem depurada, com 10 cm de diâmetro.

IND 02

VDS 1837 – Bordo extrovertido espessado de pote em cerâmica cinzento-clara, micácea, com alguns enp's de pequeno calibre e fuligem no interior e exterior, com 14 cm de diâmetro.

IND 03

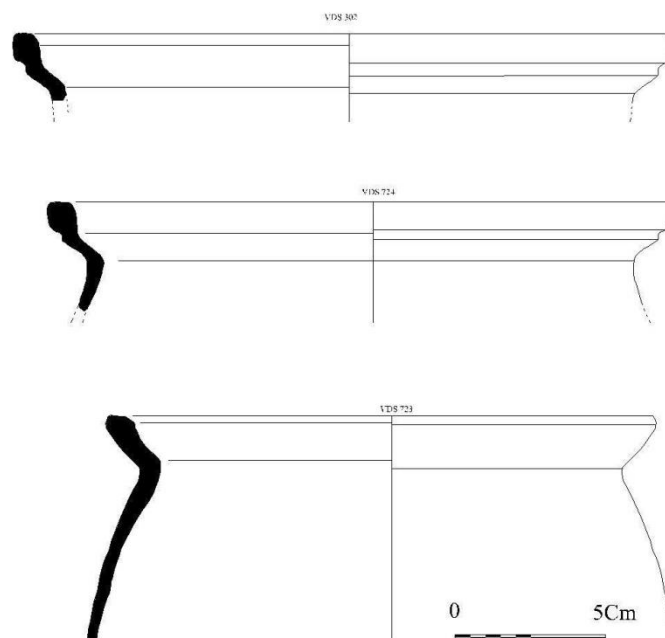
VDS 1062 – Bordo extrovertido de pote em cerâmica de pasta acinzentada, micácea, friável, com alguns enp's de pequeno calibre e fuligem no interior e exterior, com 17 cm de diâmetro.

IND 04

VDS 1949 – Bordo extrovertido de grande pote em cerâmica de pasta cinzento-clara, micácea, com alguns enp's de pequeno e médio calibre, com 23 cm de diâmetro.

IND 05

VDS 173 – Bordo extrovertido de grande pote em cerâmica cinzenta, micácea, bem depurada e fuligem no exterior, com 25 cm de diâmetro.



IND 06

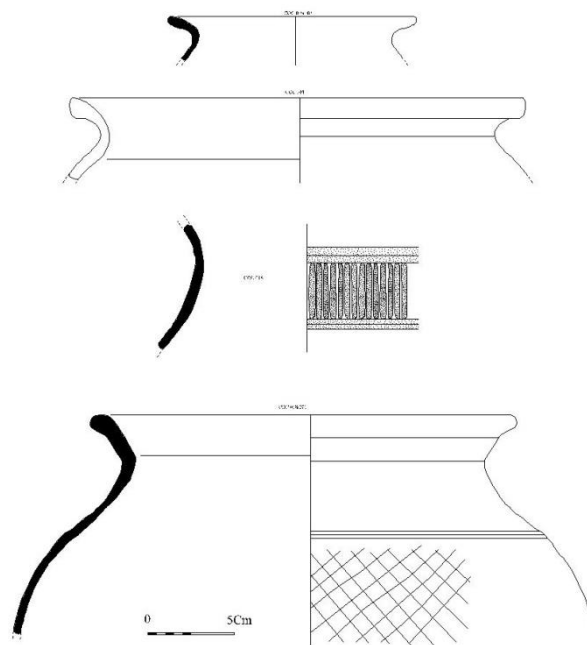
VDS 302 – Bordo de panela grande em cerâmica cinzenta, micácea, bem depurada, com 22 cm de diâmetro.

IND 07

VDS 724 – Bordo de panela em cerâmica cinzento-escura, micácea, com alguns enp's de pequeno calibre e fuligem no exterior, com 21 cm de diâmetro.

IND 08

VDS 724 – Bordo e pança de panela em cerâmica cinzento-clara, micácea, com alguns enp's de pequeno calibre, com 18,5 cm de diâmetro.



IND 09

COC 005/007 – Bordo extrovertido de pequeno pote em cerâmica cinzento-clara, micácea, com alguns enp's de pequeno calibre, friável, com fuligem no interior e exterior, com 14,5 cm de diâmetro.

IND 10

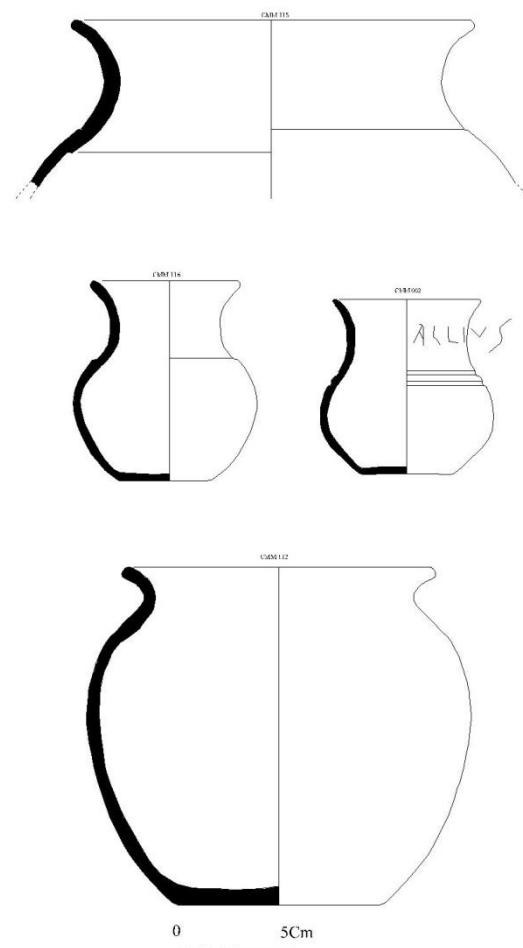
COC 014 – Bordo extrovertido de grande pote em cerâmica cinzento-escura, micácea, com alguns enp's de pequeno e médio calibre, e fuligem no interior e exterior, com 26 cm de diâmetro.

IND 11

COC 016 – Colo de pote? em cerâmica cinzento-clara, micácea, com alguns enp's de pequeno e médio calibre. Apresenta decoração brunida, em traços verticais, emoldurados por duas linhas paralelas.

IND 12

COC 068/071 – Grande pote, de perfil em S, em cerâmica cinzento-escura no cerne e castanho-claro no exterior, micácea, com alguns enp's de pequeno e médio calibre. Apresenta decoração brunida reticulada, com 25 cm de diâmetro.



IND 13

CMM 115 – Urna de perfil em S, da Sep. I, em cerâmica micácea castanho-avermelhada com muita mica e enp's de pequeno calibre e alguns de médio calibre, e 18 cm de diâmetro.

IND 14

CMM 116 – Potinho, da Sep. III, em cerâmica micácea castanha, alisada no exterior, bem depurada, com alguns enp's de pequeno calibre. O bordo apresenta o diâmetro de 6,5 cm e tem a altura de 9 cm.

IND 15

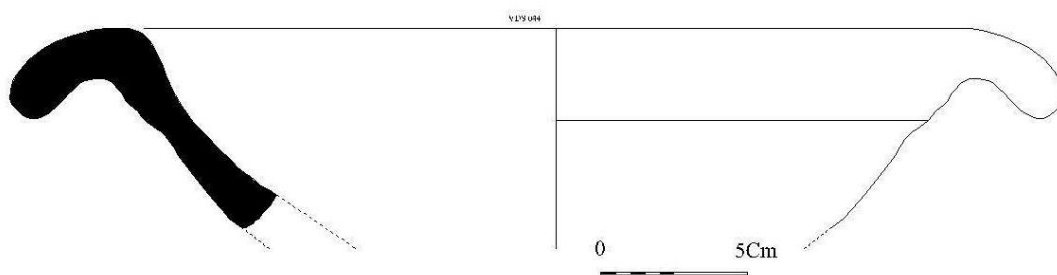
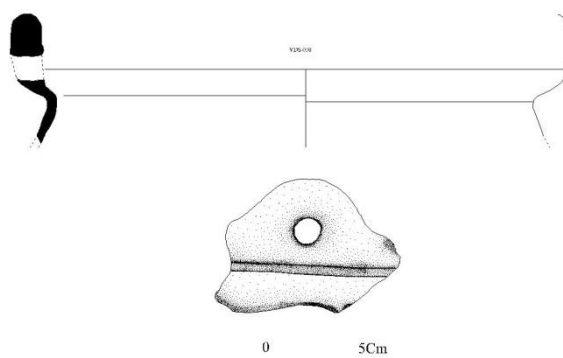
CMM 002 – Potinho, da Sep. I, com inscrição esgrafitada (*Allius Arru*), em cerâmica cinzenta fina, com alguma mica, polida no exterior, com decoração composta por duas caneluras no colo. O bordo apresenta o diâmetro de 6,5 cm e tem a altura de 8 cm.

IND 16

CMM 116 – Urna de perfil em S, da Sep. II, em cerâmica castanho-alaranjada, micácea, de fabrico a torno lento, com muitos enp's de pequeno e médio calibre. O bordo apresenta o diâmetro de 14 cm e tem a altura de 15 cm.

IND 17

VDS 044 – Pote de orelhas, em cerâmica cinzenta, micácea, com alguns enp's de pequeno, médio e grande calibre. Diâmetro de 28 cm.



ALM 01

VDS 044 – Grande alguidar, de pasta rosada, com muitos enp's de pequeno, médio e grande calibre (grãos de hematite e quartzo), com fuligem e resina (?) agarrados ao bordo, com as dimensões de 36 cm de diâmetro e altura de 10 (?) cm.

5. DIMENSÕES DE BASES DE PILÕES E DE MÓS

Tabela 1 – Dimensões e características das bases de moinhos de pilões

DIMENSÕES (cm)	Nº DE FACES UTILIZADAS	Nº DE PILÕES	DIST. BORDO/1ª CAVIDADE (cm)	SEQUÊNCIA IMPULSO	LOCALIZAÇÃO
100 x 50 x 50				1234	Harrison, 1931
98 x 44 x 42	4	4		1212	Wahl, 1999; Alarcão, 1997, Ribeirinha
90 x 45 x 45	4	4			Domergue, 2008: 144
100 x 45 x 43	3	4		1234	Covas, Rua Principal
101 x 47 x 42	2				Covas, junto ao nº 25
100 x 44 x 43	4	4		1221	Covas, junto ao nº 25
100? x 45 x 43?	1				Covas, junto ao nº 25
Fragmento	2				Covas, nº 16
85(parte) x 45 x 44	4	4		1234	Covas, nº 16
95 x 40 x 44	3	4	20	1234	Covas, nº 16
100 x ? x ?	1 visível	4?			Covas, nº 12 (1861)
99 x 44 x ?	3 ?		13	1221	Covas, nº 12 (1861)
Fragmento	1				Covas, nº 12 (1861)
Fragmento	2				Covas, nº 12 (1861)
3 fragmentos					Covas, nº 12 (1861)
106 x ? x ?	1 visível		15		Covas, nº 10
101 x 42 x 41	2	4	25	1221	Covas, nº 10
1 fragmento					Covas, s/ nº
99 x 46 x ?	1 visível	4	30	1212	Covas, s/ nº
? x 46 x 42					Covas, s/ nº
? x 40 x 40					Covas, s/ nº
? x 47 x 43					Covas, s/ nº
Frag. Amorfo					Covas, s/ nº

109 x ? x 48	3	4	40	1221	Covas, s/ nº
? x 45 x 47	3	4	12	4321	Covas, s/ nº
? x 37 x 38?	3		9		Covas, s/ nº
100 x 40 x 45	1 visível				Covas, s/ nº
? x 44 x 45	1 visível		23		Covas, nº 4, R. Pontão
100 x 43 x 42	4				Covas, nº 4, R. Pontão
3 frags					Covas, frente ao nº 4
? x 50 x 42					Covas, nº 2
? x 44 x 43					Covas, nº 2
? x 44 x 44	3				Covas, nº 2
1 frag	2		25		Covas, casa abandonada
? x 43 x 40	1 visível				Covas, casa abandonada
96 x 43 x 45	1 visível	4	15	1234	Covas, Lg. da Capela
1 frag					Covas, Lg. da Capela
99 x 42 x 49	1 visível				Covas, nº 16
100 x 42 x ?	2 visíveis	4	25	1234	Covas, muro Capela
2 frags					Covas, casa E Capela
1 frag	2 visíveis				Covas, casa em frente
1 frag					Covas, casa em frente
95 x 44 x 38	2	4	25	1234	Covas, casa em frente
	1	5		12221	
2 frag					Covas, nº 2 Pontão
95 x 36 x 47	1 visível	4	16	1234	Covas, nº 2 Pontão
1 frag					Covas, R. da Fonte
5 frags					Covas, casa reconstr
1 frag				Bat tripartido	Covas, casa reconstr
1 frag					Covas, casa ribeira
99 x ? x ?					Covas, casa ribeira
? x 47 x 45					Covas, ruínas, ribeira
? x 45 x 47	1 visível c/ bat				Covas, ruínas, ribeira
? x 42 x 46					Covas, ruínas, ribeira
? x 45 x 52					Covas, 2ª casa ribeira
? x 49 x 52					Covas, 2ª casa ribeira
4 frag					Covas, 2ª casa ribeira
4 frags					Covas, casa Alminhas
97 x 44 x 49	1 visível	4	13		Covas, casa Alminhas
95 x 47 x 49	2 visíveis	4	15	1221	Covas, casa Alminhas
97 x 38 x ?	1 visível	4	15	4321	Covas, casa Alminhas
1 frag					Covas, frente nº 22

? x 53 x 45	1 visível		25		Covas, frente nº 22
3 frags					Covas, casa derrubada
1 frag					Covas, nº 6
94 x 42 x ?	3	4	8	1234	Covas, nº 5
1 frag					Casa junto à fonte
100 x 48 x 49	4	4	18	1234	Tresminas, Largo
102 x 39 x 40	4	4	12	1234	Tresminas, Sr. Xico
90 x ? x 42	1 visível	4	10	1234	Tresminas, túmulo
90 x 43 x 43	3	4	15-18	1234	Tresminas, túmulo
91 x 38 x 43	2 visíveis	4	15 nas duas faces	1212	Tresminas, túmulo
98 x 40 x 42	2 visíveis	4	20	1234	Tresminas, túmulo
91 x ? x 47	1 visível	4	10	4321	Tresminas, túmulo
95 x 26 x 44	3	4 5	13 numa face Centrado	1212	Tresminas, túmulo
94 x 42 x 43	4	4	10-15	1221 (1 face) 1234 (2 faces)	Tresminas, túmulo
92 x ? x 46	1 visível	4	15	1234	Tresminas, túmulo
5 frags					Tresminas, túmulo
2 completas					Tresminas, túmulo
? x 51 x 48	3		25		Ribeirinha, últ casa
? x 41 x 40	3				Ribeirinha, últ casa
100 x ? x ?	2 visíveis				Ribeirinha, últ casa
95 x ? x ?	2 visíveis	4	Centrado	1234	Ribeirinha, últ casa
100 x 42 x 42	2 visíveis				Ribeirinha, últ casa
105 x 43 x 40	1 visível	4	20	1221	Ribeirinha, últ casa
? x ? x 44	1 visível				Ribeirinha, últ casa
96 x 42 x 42	1 visível	4	12 excêntrico	4321	Ribeirinha, últ casa
95 x ? x ?	1 visível	4	20	1234	Ribeirinha, últ casa
107 x 47 x 43	3	4	28	4321	Ribeirinha, R. Central
97 x 50 x 49	3	4	12 1ª utilização 20 2ª utilização	1234 – profun 1234 + profun	Ribeirinha, Casa Abandonada
100 x 44 x 48	1 visível				Ribeirinha, Casa Ruína
74 x 41 x 41	1 visível	4	Centrado	1122	Ribeirinha, Casa Ruína
1 frag	1 visível				Ribeirinha, Casa Ruína
104 x 41 x 41	2 visíveis	4	25	1212	Ribeirinha, Casa Oliveira
? x 49 x 38	2 visíveis		25		Ribeirinha, Casa Oliveira
? x 40 x 38	2 visíveis	4		1234	Ribeirinha, Casa Oliveira
1 frag					Ribeirinha, Casa Oliveira
6 frag					Ribeirinha, Frente Capela

? x 45 x 45					Ribeirinha, Frente Capela
? x 41 x ?	1 visível	4		1234	Ribeirinha, Frente Capela
99 x ? x 42	1 visível				Ribeirinha, Frente Capela
92 x ? x ?	1 visível	4	20	1234	Ribeirinha, Frente Capela
? x 47 x 46	2 visíveis				Ribeirinha, Lado Capela
98 x 42 x 43	1 visível	4	30	1234	Ribeirinha, Casa do Pilão
? x 46 x 48	1 visível				Ribeirinha, Casa do Pilão
87 x 40 x 45	1 visível				Ribeirinha, Casa do Pilão
96 x 39 x 38	1 visível				Ribeirinha, Casa do Pilão
2 amorfos					Ribeirinha, Casa do Pilão
1 completa	3				Ribeirinha, Casa do Pilão
94 x 38 x 38	2 visíveis	4	15	1234	Ribeirinha, Sinal Mirad
92 x 40 x 40	1 visível	4	15	1234	Ribeirinha, Sinal Mirad
95 x 45 x 40	1 visível	4	15	1234	Ribeirinha, Sinal Mirad
105 x 40 x 42	4	4	20	1234	Ribeirinha, junto à fonte
1 frag					Ribeirinha, junto à fonte
100 x 46 x 42	4	4	20-25	1234	Ribeirinha, nº 6
90 x 39 x 43	4	4		1234	Ribeirinha, nº 4
103 x 44 x 43	1 visível				Ribeirinha, nº 4
85 x 37 x 44	2 visíveis	4	15	4321	Ribeirinha, nº 4
90 x 37 x 37	2 visíveis	4	12	1234	Ribeirinha, nº 4
96 x 49 x 42	3	4		1221	Ribeirinha, nº 4
6 frags					Ribeirinha, nº 4
? x 52 x 51					Ribeirinha, nº 4
? x 45 x 45					Ribeirinha, nº 4
? x 46 x 48					Ribeirinha, nº 4
104 x 40 x ?	1 visível		28	123?	Ribeirinha, nº 4
? x 47 x 49					Ribeirinha, nº 4
108 x 40 x 45	2 visíveis	4	Centrado	1234	Ribeirinha, nº 4
95 x 42 x 41	4	4	Centrado	1234	Ribeirinha, nº 4
? x 34 x 31	1 visível				Ribeirinha, nº 4
? x 40 x 43					Ribeirinha, nº 4
? x 42 x 44					Ribeirinha, nº 4
? x 43 x 41	1 visível				Ribeirinha, nº 4
93 x 50 x ?	1 visível	4	22	1212	Ribeirinha, nº 4
105 x 43 x ?	2 visíveis	4	19	1221	Ribeirinha, Anex Capela
90 x 49 x ?	1 visível	4	15	1234	Ribeirinha, Quinta
105 x 49 x 47	1 visível	4	15	1234	Ribeirinha, Quinta
90 x 48 x 35	2 visíveis	4	21	1234	Ribeirinha, Quinta

90 x ? x 39	2 visíveis					Ribeirinha, Quinta
92 x ? x ?						Ribeirinha, Quinta
19 bases s/ medidas						Ribeirinha, Quinta
9 amorfos/frag						Ribeirinha, Quinta
94 x 45 x 42	1 visível	4	20	4321		Ribeirinha, Quinta
103 x 50 x 51	2 visíveis	4	23	1234		Ribeirinha, Quinta
95 x 43 x 47						Ribeirinha, Quinta
99 x 46 x 40	2 visíveis	4	10	excêntrico		Ribeirinha, Quinta
95 x ? x 36	1 visível	4	20	1234		Ribeirinha, Quinta
93 x 48 x 44	2 visíveis	4	20	4321		Ribeirinha, Quinta
98 x 45 x 35	1 visível					Ribeirinha, Quinta
110 x 43 x 41	2 visíveis	4	26	1221		Ribeirinha, Quinta
104 x 48 x 43	2 visíveis	4	22	4321		Ribeirinha, Quinta
99 x 49 x 50	2 visíveis	4	15	1221		Ribeirinha, Quinta
104 x 48 x 48	3	4	30	1234		Ribeirinha, Quinta
97 x 48 x ?	1 visível	4		1212 excêntric		Ribeirinha, Quinta
? x 49 x 46	1 visível	4	44	321		Ribeirinha, Quinta
90 x 46 x 43	1 visível	4	20	4321		Ribeirinha, Quinta
95 x 47 x 44	1 visível					Ribeirinha, Quinta
90 x 47 x 42	3	4	15	4321		Ribeirinha, Quinta
99 x 38 x 37	2 visíveis	4	29	1234		Ribeirinha, Quinta
72 x 44 x ?	1 visível	4	20	1234		Ribeirinha, Quinta
92 x 45 x 42	1 visível	4	Centrado	1234		Ribeirinha, Quinta
96 x 47 x 47	2 visíveis		15			Ribeirinha, Quinta
99 x 49 x 47	4	4	15	4321		Ribeirinha, Quinta
? x ? x 40						Ribeirinha, Quinta
106 x 46 x 42	2 visíveis	4	25	1234		Ribeirinha, Quinta
? x 47 x 46	1 visível	4	20	4321		Ribeirinha, Quinta
93 x 44 x 37	2 visíveis	4	16	1122		Ribeirinha, Quinta
92 x 42 x ?	2 visíveis	4	Centrado	1122		Ribeirinha, Quinta
94 x 51 x 44	3	4	15	4321		Ribeirinha, Quinta
? x 51 x 46						Ribeirinha, Quinta
93 x 48 x 46	1 visível	4	10	1234		Ribeirinha, Quinta
94 x 48 x 44	1 visível	4	20	1234		Ribeirinha, Quinta
100 x 43 x 40	1 visível	4	10	1221		Ribeirinha, Quinta
93 x 44 x 41	2 visíveis	4	12	4321		Ribeirinha, Quinta
85 x 40 x 34	3	4	Centrado	4321		Ribeirinha, Quinta
94 x 45 x 40	3	4	20	1234		Ribeirinha, Quinta
82 x 47 x 32	3	4	c/ 10 c/ encaixe fixaçã	1212		Ribeirinha, Quinta

		minerais			
? x 44 x 41					Lavaria Forno dos Mouros
120 x 45 x ?	2 visíveis	4	22	1234	Lavaria Forno dos Mouros
120 x 45 x 40	3	4	10	1234	Lavaria Forno dos Mouros
110 x 43 x ?	2 visíveis	4	35	1221	Lavaria Forno dos Mouros
102 x 46 x 45	4	4	39 excêntrico	1221	Lavaria Forno dos Mouros
104 x 46 x 45	4	4	21	1221	Lavaria Forno dos Mouros
101 x 46 x 40	2 visíveis	4	15	1221	Lavaria Forno dos Mouros
85 x 45 x ?	1 visível	4	21	1221	Lavaria Forno dos Mouros
95 x 43 x 43	1 visível	4	10	1234	Lavaria Forno dos Mouros
100 x 43 x 41	2 visíveis	4	15	1234	Lavaria Forno dos Mouros
103 x 47 x 46	2 visíveis	4	28	1221	Lavaria Forno dos Mouros
102 x 45 x 42	3	4	22	1234	Lavaria Forno dos Mouros
2 completas					Lavaria Forno dos Mouros
105 x 42 x 46	1 visível	4	Centrado	1122	Pilar da Gal. do Pilar
? x 42 x 43	1 visível		26		Pilar da Gal. do Pilar
? x ? x 47					Pilar da Gal. do Pilar
? x ? x 45					Pilar da Gal. do Pilar
100 x 44 x 45	1 visível	4	25	1234	Pilar da Gal. do Pilar
104 x ? x 43	1 visível	4	18	1221	Pilar da Gal. do Pilar
110 x 44 x 43	1 visível	4	19	1212	Pilar da Gal. do Pilar
? x 44 x 46	2 visíveis				Pilar da Gal. do Pilar
? x 45 x 43	2 visíveis				Pilar da Gal. do Pilar
95 x 47 x 43	3	4	19	1234	Pilar da Gal. do Pilar
? x 43 x 44	2 visíveis				Pilar da Gal. do Pilar
? x 42 x 45					Pilar da Gal. do Pilar
? x 47 x 49	4				Pilar da Gal. do Pilar
? x 44 x 45	3				Pilar da Gal. do Pilar
110 x 44 x 50	2 visíveis	4	27	1221	Pilar da Gal. do Pilar
98 x 44 x ?	2 visíveis		18		Pilar da Gal. do Pilar
93 x 44 x 45	2 visíveis				Pilar da Gal. do Pilar
105 x 40 x ?	1 visível		24 c/ encaixe fixaçã		Pilar da Gal. do Pilar
90 x 45 x ?	2 visíveis	4	13	1234	Pilar da Gal. do Pilar
102 x 43 x 45	3	4	21	1234	Pilar da Gal. do Pilar
? x 40 x 46					Pilar da Gal. do Pilar
? x 38 x 43					Pilar da Gal. do Pilar
? x 38 x 48	2 visíveis				Pilar da Gal. do Pilar
? x 51 x 47	4				Pilar da Gal. do Pilar
? x 43 x 40					Pilar da Gal. do Pilar

16 completos					Pilar da Gal. do Pilar
6 frags					Lavaria do Pilar
? x 40 x 35 (frag)	4	4	20	1234	Lavaria do Pilar
7 frags					Lavaria da Ribeirinha
? x 41 x 41 (frag)	3		20-30		Corta da Ribeirinha
100 x 45 x 38	4	4	9	4321	Museu Munic VPA

Tabela 2 – Dimensões e características das mós rotativas

TIPO	DIÂMETRO (cm)	ESPESSUR (cm)	CARACTERÍST	LOCALIZAÇÃO	FIXAÇÃO
Movente	60,5	12,7	Raiada	Alarcão, 1997	
Dormente	64,4	25	Raiada	Alarcão, 1997, Covas	
11 frags				Covas, nº 16	
34 frags				Covas, frent nº 16	
1 completa	59		Perfura central 15 cm	Covas, nº 12 (1861)	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
1 completa	60		Perfura central 15 cm	Covas, nº 12 (1861)	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
5 frags				Covas, nº 12 (1861)	
11 frags				Covas, nº 10	
1 frag				Covas, nº 10	1 encaixe fixação 6 cm
1 frag	60		Perfura central 13 cm	Covas, nº 10	
2 frags				Covas, R. do Pontão	
1 completa			Mó cereal	Covas, R. do Pontão	
7 frags				Covas, frente ao nº 12	
1 completa				Covas, frente ao nº 12	
1 frag	62		Perfura central 15 cm	Covas, frente ao nº 12	
1 frag	63		Perfura central 12 cm	Covas, frente ao nº 12	2 encaixes fixação c/ 5 cm
12 frags				Covas, nº 4	
13 frags				Covas, frente ao nº 4	
1 frag			Perfura central 15 cm	Covas, frente ao nº 4	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
6 frags				Covas, nº 2	
1 completa	63	10		Covas, casa abandon	
2 frags				Covas, casa abandon	
13 frags				Covas, nº 16	
2 completa				Covas, nº 16	
4 frags				Covas, muro Capela	
3 completa				Covas, casa E Capela	
2 completa				Covas, casa em frente	

10 frags				Covas, nº 2 Pontão	
1 frag	57		Perfura central 15 cm	Covas, nº 2 Pontão	
4 completa				Covas, R. da Fonte	
1 completa	60		Perfura central 15 cm	Covas, R. da Fonte	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
4 frags				Covas, casa reconstr	
24 frags				Covas, casa ribeira	
3	60		Perfura central 15 cm	Covas, casa ribeira	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
4 frags				Covas, ruínas, ribeira	
5 frags				Covas, 2ª casa ribeira	
6	60		Perfura central 15 cm	Covas, 2ª casa ribeira	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
5 frags				Covas, casa Alminha	
1 frag				Covas, frente nº 22	
15 frags				Covas,últimR.Central	
1 completa	60		Perfura central 15 cm	Covas,últimR.Central	2 encaixes fixaçã c/ 6/7 cm
1 frag				Covas, Casa do Forno	
3 frags				Covas, lavadouro	
7 frags				Casa junto à fonte	
1 completa	57	8	Perfura central 8 cm	Tresminas, Sr. Xico	
1 completa	68	10	Perfura central 5 cm	Tresminas, Sr. Xico	
1 completa	46	7	Perfuracentral 3,5 cm	Tresminas, Sr. Xico	
1 frag				Tresminas, restaurant	
1 completa	60	14		Ribeirinha, nº 6	
2 frags				Ribeirinha, nº 6	
1 frag				Ribeirinha, Capela	
1 frag				Saída da Corta da Ribeirinha	
17 frags				Lavaria Galeria Esteves Pinto	
2 metades	54			Lavaria Galeria Esteves Pinto	
1 completa	60	9	Perfuracentral 7 cm	Lavaria da Ribeirinha	
1 frag		15		Ribeirinha, Quinta	
57 frags				Lav. Forno Mouros	
1 frag			Perfuracentral 15 cm		2 encaixes fixaçã c/ 5 cm
10 frag				Campo de Jales, Lavadouro	
1 completa	60	8	Perfuracentral 14 cm	Museu Municipal VPA	

1 completa	62/3	15	Perfuracentral 14 cm	Museu VPA	Municipal	Fixaçã c/ 7 cm
1 cereal	45	12		Museu VPA	Municipal	Fixaçã c/ 4,5 cm

6. LEGISLAÇÃO MINEIRA

6.1. Tábuas de Vipasca I (finais do séc. I/início do II d.C.) e Vipasca II (117-138 d.C.)

Vipasca I

Capítulo 1 – da centésima parte de um leilão (*auctio*)

¹*O arrematante deverá receber do adjudicatário (emptor), o seu sócio ou o seu agente, 1% das vendas que forem leiloadas dentro dos limites das minas de Vipasca, à excepção das que o procurador das minas (procurator metallorum) efectuar a mandado do imperador. ²O arrematante receberá 1% do preço dos poços que o procurador das minas vender. ³Se, feito o leilão, tudo for arrematado em conjunto, o vendedor deve pagar ao arrematante, ao seu sócio ou ao seu agente, nunca menos de 1%. ⁴Pode o arrematante, o seu sócio ou o seu agente, se assim o entender, estipular ou receber uma garantia. ⁵O arrematante, o seu sócio ou o seu agente, exigirá também 1% da quantia que tiver sido apurada no leilão. ⁶Quem, tendo mercadorias a leiloar, as não arrematar e durante os 10 dias que se seguem, acabe por vendê-las pela maior oferta, deve dar ao arrematante, ao seu sócio ou ao seu agente, um mínimo de 1%. ⁷O que, de acordo com esta cláusula legal, é devido ao arrematante, ao seu sócio ou ao seu agente, passará para o dobro, se não for pago, compensado ou garantido dentro de 3 dias, contados a partir da data em que devia ter sido recebido.*

Capítulo 2 – Do contrato do pregão

¹Quem adjudicar o pregão, fornecerá um leiloeiro (praeco) público no interior do território (das minas de Vipasca). ²O adjudicatário exigirá 2% de quem fizer uma venda igual ou inferior a 100 denários e 1% a quem a fizer acima de 100 denários. ³Quem puser escravos à venda sob pregão, se vender 5 ou menos, pagará ao arrematante, ao seu sócio ou ao seu agente, ... denários por cabeça; se vender mais de 5, pagará 3 denários por cabeça. ⁴Se o procurador das minas quiser vender algo ou arrendar em nome do fisco, o adjudicatário do pregão, o seu sócio ou o seu agente, deve pôr à sua disposição um leiloeiro público. ⁵Quem puser à venda por meio de anúncio (sem necessidade de pregão), qualquer mercadoria, pagará 1 denário ao adjudicatário, ao seu sócio ou ao seu agente. ⁶Dos poços que o procurador das minas vender, o comprador (emptor) pagará 1% (centesima). ⁷Se não o fizer no prazo de 3 dias, pagará o dobro. ⁸E ao adjudicatário, ao seu sócio ou ao seu agente, é lícito pedir garantias. ⁹Quem vender em leilão, machos, mulas, burros, burras, cavalos ou éguas terá de pagar 3 denários por cada um. ¹⁰A mesma quantia pagará ao adjudicatário, ao seu sócio ou ao seu agente, quem puser à venda em hasta pública escravos e outras mercadorias e os acabar por vender no prazo de 30 dias, pela maior oferta.

Capítulo 3 – Da exploração do balneário

¹O arrematante do balneário ou o seu sócio deve aquecer o balneário, totalmente a expensas suas, diariamente, até à véspera das calendas de Julho, e tê-lo pronto a funcionar, para as mulheres, desde a hora 1^a (raiar do dia) até à 7^a hora do dia, e para os homens, desde a 8^a hora até à segunda hora da noite, de acordo com as determinações do procurador que superintender nas minas. ²Deverá encher de água as caldeiras de cobre até ao cimo da rã e fazê-la correr abundantemente para a banheira, tanto dos homens como das mulheres. ³O adjudicatário cobrará aos homens 1 semis de bronze e 1 asse de bronze às mulheres. ⁴Estão isentos os libertos e os escravos imperiais que trabalharem para o procurador ou que beneficiam de privilégios, assim como os menores e os soldados. ⁵Terminado o prazo de arrendamento, deve o adjudicatário, o seu sócio ou o seu agente, entregar o balneário em bom estado e todo o material que lhe foi confiado, com excepção daqueles que por estarem velhos, se estragaram. ⁶Todos os 30 dias deverá lavar, polir e untar com gordura fresca as caldeiras de cobre em uso. ⁷Se algum caso de força maior impedir que o balneário possa

funcionar, deverá ser concedida uma indemnização ao adjudicatário proporcional a esse período de não-utilização. ⁸*Tirando isto, tudo o que tiver de fazer para manter o balneário a funcionar, não implica nenhuma indemnização.* ⁹*Não é permitido ao arrendatário vender lenha, senão a ramagem, que não serve para queimar.* ¹⁰*Se proceder em contrário, terá de pagar ao fisco 100 sestércios por cada venda efectuada.* ¹¹*Se o balneário não se apresentar em boas condições, o procurador das minas aplicará ao arrendatário uma multa, sempre que ele não esteja em condições, até ao limite de 200 sestércios.* ¹²*O locatário terá sempre uma reserva de lenha suficiente para ... dias.*

Capítulo 4 – Do ofício de sapateiro (*sutor*)

¹*Quem vender calçado ou correias, que é de uso os sapateiros negociarem, ou pregar ou vender cravos próprios das botas dos soldados ou se se provar que vendeu dentro dos limites das minas quaisquer objectos que só aos sapateiros compete vender, pagará ao adjudicatário, ao seu sócio ou ao seu agente, o dobro do valor.* ²*O adjudicatário venderá os cravos segundo as normas das leis das minas de ferro.* ³*Pode o adjudicatário, o seu sócio ou o seu agente, exigir garantias.* ⁴*Ninguém está autorizado a consertar calçado, a não ser que se trate de cuidar ou consertar o seu ou o do seu senhor.* ⁵*O adjudicatário deverá fornecer toda a espécie de calçado: se tal não acontecer, cada um terá o direito de o comprar onde quiser.*

Capítulo 5 – Do ofício de barbeiro (*tonstrinus*)

¹*O arrendatário deve gozar de direitos tais que ninguém, na povoação (*vicus*) das minas de Vipasca ou no seu território aufera lucros com a profissão de barbeiro.* ²*Quem exercer a profissão de barbeiro deve pagar ao arrendatário, ao seu sócio ou ao seu agente, ... denários por cada vez que usar os instrumentos desse ofício e tais utensílios serão entregues ao arrendatário em funções.* ³*Exceptuam-se os escravos que tratem dos seus senhores ou dos seus companheiros.* ⁴*Os barbeiros ambulantes que não estejam a mando do arrendatário não terão o direito a cortar cabelo.* ⁵*Compete ao arrendatário, ao seu sócio ou ao seu agente, exigir uma caução.* ⁶*Quem se opuser à entrega dessa caução, pagará 5 denários de cada vez que se opuser.* ⁷*O arrendatário deve contratar um ou mais artífices competentes, proporcionalmente ao trabalho a desenvolver.*

Capítulo 6 – Dos estabelecimentos de pisoeiro (*fullo*)

¹*Ninguém pode fazer-se pagar por pisoeiro novo ou remendado, senão aquele a quem o arrendatário, o seu sócio ou o seu agente, tiver concedido autorização, quer na forma de arrendamento quer gratuitamente. ²Quem agir contra tal determinação deverá pagar ao arrendatário, ao seu sócio ou ao seu agente, a quantia de 3 denários por cada peça. ³Poderá o arrendatário, o seu sócio ou o seu agente, estabelecer uma multa.*

Capítulo 7 – Do contrato dos negociantes de escórias e de pedra

¹*Quem, no território da mina de Vipasca, quiser depurar (...), preparar em lingotes, cortar, crivar, ou lavar minério de prata ou de cobre, o pó proveniente das escórias, ou quaisquer outros resíduos, por medida ou a peso, ou quem aceitar o encargo de trabalhar a pedra de qualquer forma, os quais vão enviar para esse trabalho escravos e mercenários, devem declará-los no espaço de 3 dias e pagar mensalmente ... denários ao arrendatário, antes do dia anterior ao das calendas: se não o fizerem pagarão o dobro. ²Quem, doutros lugares abundantes em concentrados de resíduos, trazer para dentro dos limites das minas concentrados de resíduos de cobre ou de prata deve pagar ao arrendatário, ao seu sócio ou ao seu agente, 1 denário por cada 100 libras. ³O que, de acordo com esta cláusula legal, for devido ao arrendatário, ao seu sócio ou ao seu agente, e não for solvido ou satisfeito no dia em que deveria ser recebido, aumentará para o dobro. ⁴Pode o arrendatário, o seu sócio ou o seu agente, aplicar uma sanção e confiscar a parte das escórias que estiver triturada (...), depurada, fundida, crivada e lavada, assim como as lousas que já estejam preparadas nas pedreiras, a não ser que seja solvida a dívida para com o arrendatário, o seu sócio ou o seu agente. ⁵Exceptuam-se os escravos e libertos dos fundidores da prata e do cobre, que trabalham nas fundições dos senhores e dos patronos.*

Capítulo 8 – Do mestre-escola (*ludus magister*)

Os mestre-escolas estão, pelo procurador das minas, isentos de impostos.

Capítulo 9 – Ocupação e posse dos poços (*puteus*)

Aquele que, no interior do território da mina de Vipasca, para assegurar o seu direito, tomar posse de um poço e do terreno desse poço, ou que os ocupe de acordo com a lei sobre as minas, deverá, nos 2 dias que se seguem à tomada de posse ou de ocupação, declarar o que ocupou junto do arrendatário desse imposto, do seu sócio ou do seu agente.

Vipasca II

...Úlpio Eliano, à sua saúde

(1) *¹Todo aquele que tiver ocupado um poço de cobre deve, antes de escavar o filão, pagar em dinheiro o valor de 50% que pertence ao fisco segundo a lei do imperador Adriano Augusto. ²Quem assim não proceder, uma vez provado que escavou o filão, sem previamente ter liquidado a quantia nos moldes acima estabelecidos, verá confiscada a parte que lhe cabia na qualidade de ocupador e o procurador das minas venderá todo o poço. ³Aquele que provar que um colono escavou o filão sem previamente ter pago o valor de 50% pertencente ao fisco, receberá a 4ª parte.*

(2) *A exploração dos poços argentíferos deve obedecer às normas constantes desta lei. O preço de concessão será fixado segundo a liberalidade do sagrado imperador Adriano Augusto, de sorte que o usufruto da parte que caberia ao fisco fique sendo pertença do primeiro que tenha oferecido um preço pelo poço e haja pago ao fisco, em moeda, 4 000 sestércios.*

(3) *¹Aquele que tendo ocupado cinco poços, haja, num deles, atingido o filão, é obrigado a iniciar o trabalho em cada um dos outros, sem interrupção, nos moldes atrás mencionados. ²Se assim não proceder qualquer um poderá ocupar os poços inactivos.*

(4) *Aquele que, passados os 25 dias concedidos para preparação da exploração, iniciar de facto imediatamente os trabalhos, mas os interromper depois durante 10 dias consecutivos, perderá, a favor de outrem, o direito de ocupação.*

(5) *A um poço vendido pelo fisco, qualquer um terá o direito de o ocupar, desde que esteja em inactividade durante 6 meses consecutivos. O ocupador, ao atingir o filão, é*

obrigado, como manda o uso, a reservar para o fisco 50%.

(6) ¹*Será permitido ao ocupador de um poço ter quantos sócios quiser, desde que cada sócio suporte os encargos que proporcionalmente lhe cabem dentro da sociedade. ²Se algum deles assim não proceder, então aquele que suportar os encargos fará afixar na praça pública, e durante 3 dias consecutivos, a relação das despesas que fez, e por meio de pregão, intimará os outros sócios a pagar a parcela que a cada um compete. ³Todo aquele que não pagar ou que dolosamente faça por não pagar ou queira enganar algum ou alguns dos sócios, não terá sociedade na mina, e a respectiva quota reverterá a favor do sócio ou dos sócios que tiverem suportado as despesas.*

(7) *Se porventura houver colonos que tenham suportado encargos num poço no qual vierem a ser admitidos outros sócios, terão os primeiros o direito de exigir dos segundos a importância que, em consciência, calcularem ter dispendido.*

(8) ¹*Será permitido aos colonos vender entre si, por quanto puderem, os seus direitos no poço, que tenham comprado ao fisco e cujo preço já hajam liquidado. ²Todo aquele que quiser vender a sua quota ou comprar deve declará-lo junto do procurador que superintender nas minas. Não é legal comprar ou vender senão nestes termos. ³Quem for devedor do fisco não terá direito de doar a sua parte.*

(9) ¹*O mineral extraído e depositado junto aos poços, deverá ser transportado para os fornos pelos seus proprietários, desde o nascer ao pôr-do-sol. ²Aquele que, depois do pôr-do-sol ou de noite, retirar minério de junto dos poços deverá, depois de provado o crime, pagar ao fisco 1 000 sestércios.*

(10) ¹*Sobre o ladrão de minério, se for escravo, o procurador mandá-lo-á chicotear e vendê-lo-á sob condição de ficar a ferros toda a vida e nunca mais residir junto de qualquer minas ou em território sob a jurisdição das mesmas. O dinheiro apurado na venda reverterá para o seu senhor. ²Se for de condição livre, o procurador confiscar-lhe-á os bens e desterrá-lo-á, a título perpétuo, para fora de distritos mineiros.*

(11) *Todos os poços devem estar diligentemente escorados e com o madeiramento*

bem firme. O colono de cada poço é obrigado a substituir a madeira podre por outra nova e apta.

(12) No respeitante às colunas ou estacas de madeira deixadas para evitar desabamentos, não é permitido derrubá-las ou danificá-las nem dolosamente proceder de forma que tais colunas ou estacas fiquem obstruídas.

(13) Se se provar que alguém danificou um poço, o fez ruir ou lhe destruiu o madeiramento de boca, ou que dolosamente procedeu de forma que o poço perdesse firmeza, sendo escravo, será chicoteado ao arbítrio do procurador, e o seu senhor vendê-lo-á sob condição de nunca mais residir em quaisquer territórios mineiros. Se for de condição livre, o procurador apoderar-se-á dos seus bens que reverterão para o fisco, e desterrá-lo-á para sempre de território mineiros.

(14) Aquele que abrir poços cupríferos manter-se-á afastado da galeria de esgoto (cuniculum) que evacua as águas das minas, deixando de cada lado, um espaço inexplorado com, pelo menos, 15 pés (4,4 m).

(15) ¹É proibido destruir a galeria de esgoto. ²Para explorar um novo filão, o procurador permitirá abrir uma galeria de reconhecimento, a partir desta, na condição que ela não tenha mais de 4 pés de largura e de altura (1,18 m).

(16) Não será permitido procurar ou explorar um filão a menos de 15 pés de um lado e de outro da galeria de esgoto.

(17) Aquele que proceder contrariamente ao disposto na lei no que respeita às galerias de reconhecimento, uma vez provado o delito, sendo escravo, será chicoteado ao arbítrio do procurador, e o seu senhor vendê-lo-á sob condição de nunca mais residir em quaisquer territórios mineiros. Se for de condição livre, o procurador apoderar-se-á dos seus bens que reverterão para o fisco, e desterrá-lo-á para sempre de território mineiros.

(18) Aquele que abrir poços argentíferos, manter-se-á à distância da galeria de esgoto que evacua as águas da mina e não deixará menos de 60 pés livres (17 m) de cada

lado da galeria de esgoto. Nos poços que ocupou ou que foram adquiridos por compra, respeitará, no decurso da escavação, os limites que lhe foram fixados e não os ultrapassará. Não explorará massas mineralizadas que ultrapassem a sua concessão, nem abrirá galerias de reconhecimento fora dos limites do poço atribuído, para que a galeria de esgoto não seja destruída.

(Encarnação, 1984: 207-210 e 213-215)

6.2. Contrato de trabalho da Dácia(164 d.C.)

Sob o consulado de Macrino e Celso, no 14º dia das calendas de junho (19 de maio de 164 d.C.), eu, Junias Flávio Secundino, por ordem de Mémio, filho de Asclépio, que se declarou analfabeto, escrevi, como ele declarou, que se alugou e alugou a sua força de trabalho a Aurélio Adjutor, para trabalhar numa mina de ouro, a partir deste dia até aos idos de novembro próximo, por um salário de 70 denários e mais 10 pelos seus filhos, a receber nos termos (acordados). Ele deverá fornecer ao patrão acima referido bons e leais serviços. Se ele quiser deixar o seu trabalho ou suspendê-lo sem o acordo do patrão, deverá pagar a este último, por cada dia (de paragem)(uma pena pecuniária) 5 sestércios e 8 asses. Se uma tromba de água impede o trabalho, o patrão deverá calcular (o salário) na proporção (dos dias não trabalhados). Se o patrão não paga o salário no dia determinado, ele será sujeito à mesma pena pecuniária (que o trabalhador), a pagar no prazo máximo de 3 dias.

Feito em Immenosus Maior

Tito, filho de Beusas, também chamado Bradua (testemunha)

Socrátio, filho de Socrátio (testemunha)

Mémio, filho de Asclépio(trabalhador)

(Domergue, 2008: 75-76, tradução livre)